

INÉDITO

Maigret

Simenon

Maigret e os
colegas americanos

L&PM POCKET



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Georges Simenon

Maigret e os colegas
americanos

Tradução de RENÉE EVE LEVIÉ

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

CAPÍTULO I

MAIGRET, XERIFE SUPLENTE

– EI, VOCÊ!

Como se estivesse na escola, Maigret voltou-se para ver a quem chamavam. Um velho descarnado, com um bigode branco imenso, que parecia ter saído diretamente da Bíblia, esticava um braço trêmulo. Para quem? Maigret olhou para seu vizinho e sua vizinha. Por fim entendeu, meio confuso, que era para ele que todos olhavam: o *coroner*[1], o sargento da Força Aérea que estava sendo interrogado, o advogado de defesa, os jurados e os xerifes, inclusive.

– Eu? – perguntou, fazendo menção de levantar-se, espantado que precisassem dele.

Contudo, todos aqueles rostos sorriam, como se todo mundo, menos ele, soubesse do que se tratava.

– Sim – disse o velho que se parecia com Ezequiel, mas que também se assemelhava a Clemenceau.[2] – O senhor poderia apagar seu cachimbo?

Ele nem se lembrava de tê-lo acendido. Confuso, sentou-se novamente, balbuciando desculpas, enquanto seus vizinhos sorriam, um sorriso amigável.

Não era um sonho. Ele estava bem acordado. Era mesmo ele, o comissário Maigret, da Polícia Judiciária, que estava ali, a mais de dez mil quilômetros de Paris, acompanhando o inquérito de um magistrado que não usava nem colete nem paletó, mas que, no entanto, tinha o ar sério e bem-educado de um funcionário de banco.

No fundo, ele sabia perfeitamente que seu colega Cole havia gentilmente se livrado dele, porém, não conseguia levá-lo a mal, porque se estivesse no lugar do oficial do FBI teria feito igual. Ele agira da mesma forma há dois anos quando havia sido encarregado de acompanhar seu colega, sr. Pyke, da Scotland Yard, na França, e

o largara muitas vezes em alguma varanda, como se deixa um guarda-chuva no vestiário, dizendo, com um sorriso tranquilizador: “Volto já...”

Com a diferença que os americanos eram mais cordiais. Tanto em Nova York quanto nos dez ou onze estados que acabara de cruzar, todos lhe davam um tapinha no ombro.

– Qual é o seu primeiro nome?

Ele não podia dizer que não tinha um nome. Era obrigado a confessar que se chamava Jules. Então, seu interlocutor refletia por um instante.

– *Oh! yes... Julius!*

Eles pronunciavam Djulius, o que já lhe parecia menos ruim.

– *Have a drink, Julius!* [3]

E assim, durante todo o percurso, em muitos bares, ele bebera uma quantidade incalculável de garrafas de cerveja, manhattans e uísques.

E bebera mais ainda há pouco, antes do almoço, com o prefeito de Tucson e o xerife do condado, a quem Harry Cole o apresentara.

O que o espantava acima de tudo não era tanto o ambiente, não eram as pessoas; era ele mesmo ou, melhor, o fato de ele, Maigret, estar ali, em uma cidade do Arizona, e de, naquele instante, por exemplo, estar sentado num dos bancos da pequena sala de um tribunal de justiça.

Se haviam tomado um drinque antes de sentar-se à mesa, durante o almoço, por outro lado, haviam servido água gelada. O prefeito havia sido muito gentil. Quanto ao xerife, este lhe dera um papelzinho e um belo distintivo de prata de xerife suplente como os que se veem nos filmes de caubóis.

Era o oitavo ou nono distintivo que ele recebia dessa forma, e já era xerife suplente de oito ou nove condados de Nova Jersey, de Maryland, da Virgínia, da Carolina do Norte ou do Sul, ele não sabia mais exatamente de qual, de Nova Orleans e do Texas.

Em Paris, costumava receber colegas estrangeiros com frequência, mas era a primeira vez que ele mesmo fazia uma viagem desse tipo, uma viagem de estudos, como se diz oficialmente, “para se pôr em dia com os métodos americanos”.

– Você deveria passar alguns dias no Arizona antes de ir para a Flórida. Fica no caminho.

Ficava sempre no caminho. E assim eles o faziam percorrer centenas de quilômetros. O que essas pessoas chamavam de um pequeno desvio era um desvio de três ou quatro dias.

– É logo ali!

O que significava uma ou duas vezes a distância entre Paris e Marselha; às vezes ele andava de ônibus um dia inteiro sem ver uma cidade de verdade.

– Amanhã – dissera Cole, o homem do FBI encarregado de acompanhá-lo no Arizona –, vamos dar uma espiada na fronteira mexicana. Fica próxima daqui.

Dessa vez, significava apenas algumas centenas de quilômetros.

– Vai ser interessante. A maior parte da maconha passa por Nogales, a cidade que fica na fronteira e que está situada meio a meio, nos dois países.

Ele ficara sabendo que os viciados estavam substituindo aos poucos o ópio e a cocaína pela maconha que vinha do México.

– A maioria dos carros roubados na Califórnia também sai por lá.

Enquanto isso, Harry Cole o abandonaria. Ele estaria ocupado naquela tarde.

– Há justamente um inquérito do *coroner*. Gostaria de assistir?

Ele levava Maigret, instalara-o em um dos três bancos da pequena sala de paredes brancas com uma bandeira americana fincada atrás do juiz de paz, que também exercia o cargo de *coroner*. Cole não avisara que seu colega ficaria sozinho. Ele fora apertar mãos, dar tapinhas nos ombros. Depois dissera despreocupadamente:

– Voltarei mais tarde para buscá-lo.

Maigret não sabia o que estava em julgamento. Na sala, ninguém usava paletó. É verdade que a temperatura beirava os quarenta e cinco graus. Os seis jurados estavam sentados no mesmo banco que ele, na outra ponta, do lado da porta, e entre

eles havia um preto, um indígena de queixo maciço, um mexicano que tinha um pouco dos dois e uma mulher idosa que usava um vestido florido e um chapéu colocado de forma engraçada na parte da frente da cabeça.

De vez em quando, Ezequiel levantava-se e tentava regular o imenso ventilador que girava no teto e fazia tanto barulho que era difícil ouvir as vozes.

Tudo parecia funcionar agradavelmente. Na França, Maigret teria dito "como em casa". O *coroner* estava sentado em uma cadeira em cima de um estrado e usava, por cima da camisa de um branco imaculado, uma gravata de seda com motivos de folhas.

A testemunha, ou o réu, Maigret não sabia exatamente, estava sentado numa cadeira ao seu lado. Era um sargento da Força Aérea e usava um uniforme de sarja bege. Os outros quatro estavam enfileirados de frente para os jurados e davam a impressão de serem alunos que haviam sido excessivamente pressionados.

– Conte o que aconteceu na noite de 27 de julho.

Este era o sargento Ward, Maigret ouvira seu nome. Ele media pelo menos um metro e oitenta e cinco de altura e tinha olhos azuis sob sobrancelhas espessas e pretas, que se juntavam na base do nariz.

– Fui apanhar Bessy na casa dela por volta das sete e meia.

– Fale mais alto. Vire-se para o júri. Jurados, vocês estão ouvindo?

As pessoas fizeram sinal que não. O sargento Ward pigarreou e limpou a garganta.

– Eu fui apanhar Bessy na casa dela por volta das sete e meia.

Maigret precisava esforçar-se em dobro, desde a escola nunca mais tivera oportunidade de praticar o inglês, as palavras lhe escapavam e as construções das frases o desnorream.

– O senhor é casado e tem dois filhos?

– Sim, senhor.

– Há quanto tempo conhece Bessy Mitchell?

O sargento refletiu, como um bom aluno antes de responder a uma pergunta do professor. Durante um instante, olhou para a

pessoa sentada ao lado de Maigret, que ele ainda não conhecia.

- Há seis semanas.
- Onde a conheceu?
- No drive-in onde ela trabalhava como garçone.

Maigret aprendera o que era um drive-in. Muitas vezes os motoristas paravam o carro, principalmente à noite, na frente de um pequeno estabelecimento na beira da estrada. Ninguém saía do carro. Uma moça aproximava-se deles, anotava o pedido e depois trazia sanduíches, cachorros-quentes ou um prato de espaguete em cima de uma bandeja que era enganchada na porta do carro.

- O senhor teve relações sexuais com ela?
- Sim, senhor.
- Naquela mesma noite?
- Sim, senhor.
- Onde?
- No carro. Paramos no deserto.

O deserto, a areia e os cactos começavam na entrada da cidade. Havia também alguns trechos do deserto entre alguns bairros.

– Depois desse dia, o senhor voltou a se encontrar com ela muitas vezes?

- Uma vez por semana, mais ou menos.
- E todas as vezes o senhor tinha relações sexuais com ela?
- Não, senhor.

Maigret quase esperava ouvir o pequeno e meticuloso juiz de paz perguntar: “Por quê?”. Porém, sua pergunta foi:

- Quantas vezes?
- Uma vez por semana.

O comissário foi o único que deu um pequeno sorriso.

- Sempre no deserto?
- No deserto e na casa dela.
- Ela morava sozinha?

O sargento Ward olhou para os rostos ao longo dos bancos e apontou para a moça sentada à esquerda de Maigret.

- Ela morava com Erna Bolton.

– O que fez no dia 27 de julho, depois que apanhou Bessy Mitchell na casa dela?

– Levei-a para o Penguin Bar, onde meus amigos me esperavam.

– Que amigos?

Desta vez, ele apontou para os quatro soldados que usavam o uniforme da Força Aérea e disse seus nomes, um por um:

– Dan Mullins, Jimmy Van Fleet, O’Neil e Wo Lee.

Este último era um chinês que parecia não ter mais que dezesseis anos.

– Havia outras pessoas com vocês no Penguin?

– Não, senhor. Não na nossa mesa.

– Havia outras pessoas sentadas em outras mesas?

– O irmão de Bessy, Harold Mitchell – este era o vizinho da direita de Maigret, que observara que ele tinha um grande furúnculo debaixo da orelha.

– Ele estava sozinho?

– Não, com Erna Bolton, o músico e Maggie.

– Que idade tinha Bessy Mitchell?

– Ela me disse que tinha 23 anos.

– O senhor sabia que, na realidade, ela só tinha dezessete anos e que, portanto, não podia consumir bebida alcoólica num bar?

– Não, senhor.

– O senhor tem certeza que o irmão dela não lhe disse?

– Ele só me disse mais tarde, quando ela começou a beber uísque da garrafa na casa do músico. Ele me disse que não queria que dessem bebida para sua irmã, que ela era menor de idade, que ele era responsável por ela.

– O senhor não sabia que Bessy era casada e divorciada?

– Não, senhor.

– O senhor prometeu a ela que casaria com ela?

O sargento Ward hesitou visivelmente.

– Sim, senhor.

– O senhor queria se divorciar para casar com ela?

– Eu disse a ela que o faria.

Um enorme xerife suplente – um colega! – estava parado na frente da porta, de calças cáqui, camisa desabotoada no peito e um cinto de couro carregado de balas. Um revólver enorme, com a coronha aparente, pendia ao lado de sua coxa.

– Vocês beberam juntos?

– Sim, senhor.

– O senhor bebeu muito? Mais ou menos quantos copos?

Ward fechou os olhos um instante e fez um cálculo mental.

– Não contei. De acordo com as rodadas, talvez umas quinze ou vinte cervejas.

– Cada um?

E ele, bem simplesmente:

– Sim, senhor. E também alguns uísques.

O mais curioso era que ninguém parecia muito surpreso.

– Foi no Penguin que o senhor teve uma briga com o irmão de Bessy?

– Sim, senhor.

– É verdade que ele o acusou de ter relações sexuais com sua irmã, apesar de o senhor ser um homem casado?

– Não, senhor.

– Ele nunca o acusou? Ele não lhe pediu para deixar a irmã em paz?

– Não, senhor.

– Por que vocês brigaram?

– Porque eu queria que ele me pagasse o dinheiro que me devia.

– Ele lhe devia muito?

– Quase dois dólares.

Era quase o preço de uma dessas inúmeras rodadas no Penguin.

– Vocês lutaram?

– Não, senhor. Saímos para a calçada. Conversamos, nos entendemos, entramos novamente e continuamos a beber juntos.

– O senhor estava bêbado?

– Não muito, ainda.

– Não aconteceu mais nada no Penguin?

- Não, senhor.
 - Em resumo, vocês beberam. O senhor bebeu até a uma da manhã, quando o bar fechou.
 - Sim, senhor.
 - Um dos seus colegas não estava cortejando Bessy?
- O sargento Ward demorou um momento antes de admitir:
- O sargento Mullins.
 - O senhor comentou isso com ele?
 - Não. Eu dei um jeito de ele não ficar do lado dela.
- Seu colega Mullins tinha a mesma altura que ele, também era moreno, e as moças deviam achá-lo um belo rapaz, que lembrava vagamente um ator de cinema, sem se saber exatamente qual.
- O que aconteceu a uma da manhã?
 - Fomos para a casa do músico Tony Lacour.
- Este certamente estava na sala, mas Maigret não o conhecia.
- Quem pagou pelas duas garrafas que vocês compraram e levaram?
 - Acho que Wo Lee pagou uma garrafa.
 - Ele bebeu com vocês a noite toda?
 - Não, senhor. O cabo Wo Lee não bebe nem fuma. Mas insistiu em pagar uma parte.
 - O apartamento do músico tem quantos cômodos?
 - ...Um quarto... uma pequena sala de estar... um banheiro e uma cozinha...
 - Em que aposento o senhor ficou?
 - Em todos, senhor.
 - Em qual dos cômodos o senhor brigou com Bessy?
 - Na cozinha. Nós não brigamos. Encontrei Bessy bebendo uísque da garrafa. Não era a primeira vez que isso acontecia.
 - O senhor quer dizer a primeira vez naquela noite?
 - Quero dizer que isso já acontecera outras vezes antes do dia 27 de julho. Eu não queria que ela bebesse demais porque depois passava muito mal.
 - Bessy estava sozinha na cozinha?
 - Estava com ele.

Com um movimento do queixo, apontou para o sargento Mullins.

E assim foi que ele chegou a Maigret, que ainda há pouco se sentia sonolento e pesado, a Maigret, que não sabia nada daquela história, que às vezes abria a boca como se uma pergunta queimasse seus lábios.

– Quem propôs irem de carro e passar o resto da noite em Nogales?

– Bessy.

– Que horas eram?

– Mais ou menos três horas da manhã. Talvez duas e meia.

Nogales era aquela cidade da fronteira onde Harry Cole queria levar o comissário. Em Tucson, os bares fechavam à uma da manhã, mas do outro lado da cerca podia-se beber a qualquer hora da noite.

– Quem estava no seu carro?

– Bessy e meus quatro colegas.

– O irmão de Bessy não foi junto, nem o músico, nem Erna Bolton, nem Maggie Wallach?

– Não, senhor.

– O senhor sabe para onde foram?

– Não, senhor.

– No início, como estavam sentados no carro?

– Bessy estava na frente entre mim, eu dirigia, e o sargento Mullins. Os outros três estavam atrás.

– O senhor não parou o carro pouco antes de sair da cidade?

– Parei, sim, senhor.

– E pediu a Bessy para trocar de lugar. Por quê?

– Para ela não ficar mais do lado de Dan Mullins.

– O senhor mandou-a sentar atrás, e o cabo Van Fleet tomou o lugar dela. O senhor não se incomodou que ela estivesse atrás do senhor, no escuro, com os outros dois?

– Me incomodei, sim, senhor.

De repente, sem que ninguém pudesse prever, o *coroner* disse:

– Recesso!

Levantou-se e dirigiu-se para o escritório que ficava do lado em cuja porta envidraçada estava escrita a palavra “Privado”. Ezequiel tirou um cachimbo enorme do bolso e acendeu-o, lançando um olhar estranho para Maigret.

Todos começaram a sair: os jurados, os soldados, as mulheres, os poucos curiosos.

A sala ficava no andar térreo de um grande edifício em estilo espanhol, com uma série de colunas em volta de um pátio, sendo que a prisão ficava em uma ala e na outra os vários serviços administrativos do condado.

Os cinco da Força Aérea foram sentar-se na beirada da colunata, e Maigret notou que não falavam entre si. Fazia muito calor. Num dos cantos da galeria havia uma espécie de máquina vermelha onde as pessoas colocavam cinco centavos numa fenda e em troca recebiam uma garrafa de Coca-Cola.

Quase todos se dirigiram para lá, inclusive o senhor de cabelos grisalhos que devia ser o defensor público do condado. Todos bebiam da garrafa como se fosse algo corriqueiro, e depois colocavam o casco dentro de um engradado.

Maigret sentia-se um pouco como um garoto no seu primeiro recreio numa nova escola, mas não queria mais que Harry Cole viesse buscá-lo logo. Nunca lhe acontecera entrar em um tribunal sem paletó, e este problema de vestimenta havia sido um pouco complicado. Assim que ultrapassara um certo limite, do lado da Virgínia, entendera que não podia mais continuar passando seus dias de paletó e colarinho falso. Acontece que ele usara suspensórios durante toda sua vida. Suas calças, que ele mandava confeccionar na França, subiam até a metade do peito. Não se lembrava mais em que cidade um dos seus colegas o levara, sem hesitar, para uma loja de roupas e o fizera comprar essas calças leves que todos os homens usavam aqui, com um cinto de couro e uma fivela de prata com o desenho de uma cabeça de boi.

Outros, vindos do Leste, eram menos modestos do que ele e se precipitavam nas lojas de onde saíam vestidos como caubóis dos pés à cabeça.

Ele observou que dois dos jurados, que no entanto pareciam pessoas muito calmas, usavam botas de salto alto com incrustações multicoloridas sob as calças.

Os revólveres que decoravam as cinturas dos xerifes fascinavam-no, porque eram exatamente iguais àqueles que ele via nos filmes de faroeste desde a infância.

– Ei, jurados!... – chamou Ezequiel sem cerimônia, como um professor que reúne sua turma.

Ele bateu palmas, o cachimbo contra o salto do sapato, olhou de soslaio para o cachimbo de Maigret.

O cachimbo não era muito novo. Maigret voltou para seu lugar, com a pequena diferença que Harold Mitchell, o irmão com o furúnculo debaixo da orelha, e Erna Bolton, que ele separara involuntariamente, haviam-se instalado lado a lado e conversavam em voz baixa.

Na realidade, ele ainda não sabia se, nessa história de cervejas, uísques e relações sexuais, alguém havia morrido. O que ele conhecia mais ou menos, porque havia acompanhado uma vez na Inglaterra, era o mecanismo de um inquérito de um *coroner*.

Calmo, quase timidamente, o sargento Ward retomara seu lugar na cadeira. Ezequiel estava mais uma vez às voltas com o ventilador, e o *coroner* prosseguiu, com ar indiferente:

– O senhor parou o carro a cerca de treze quilômetros da cidade, pouco depois do aeroporto municipal. Por quê?

Maigret não entendeu de imediato. Felizmente, Ward falara tão baixo que foi obrigado a repetir a resposta, e o rubor no rosto do rapagão ajudou o comissário a compreender.

– Problemas de latrina, senhor.

Talvez não tivesse encontrado outras palavras decentes para dizer que precisavam mijar.

– Todos saíram do carro?

– Sim, senhor. Eu me afastei uns dez metros.

– Sozinho?

– Não, senhor. Com ele!

E apontou novamente para Mullins, a quem parecia detestar.

– O senhor sabe onde Bessy estava enquanto isso?

- Acho que ela também se afastou.
- Era difícil não lembrar das cerca de vinte garrafas de cerveja que cada um entornara.
- Que horas eram?
- Entre três e três e meia da manhã, acho. Não me lembro exatamente.
- O senhor viu Bessy quando voltou para o carro?
- Não, senhor.
- E Mullins?
- Ele voltou logo depois.
- De onde?
- Não sei.
- O que o senhor disse para seus colegas?
- Eu disse: “Que ela vá para os diabos! Isso lhe servirá de lição!”.
- Por quê?
- Porque isso já havia acontecido antes com ela.
- O que já acontecera antes com ela?
- Isso de ir embora sem me avisar.
- E o senhor deu meia-volta?
- Dei. Dirigi cerca de cem metros na direção de Tucson e então parei o carro.
- Por quê?
- Achei que ela tentaria seguir o carro e quis dar uma oportunidade para ela.
- Ela estava bêbada?
- Sim, senhor. Mas isso também já acontecera antes. Ela ainda sabia o que estava fazendo.
- Para onde o senhor foi depois que desceu do carro?
- Caminhei em direção à linha do trem que segue ao longo da estrada, a uns cinquenta metros dali, no deserto.
- O senhor subiu no barranco?
- Sim, senhor. Andei cerca de cem metros. Devo ter parado mais ou menos no lugar onde Bessy se afastara da gente. Gritei seu nome.
- Muito alto?

– Sim. Não a vi. Ela não respondeu. Achei que queria me irritar.
– E o senhor voltou para o carro. Seus colegas não comentaram nada com o senhor quando o viram ligar o motor e voltar para Tucson sem se preocupar mais com ela?

– Não, senhor.

– O senhor acredita que abandonar uma mulher no deserto, no meio da noite, é agir como um cavalheiro?

Ward não respondeu. Sua testa era estreita, e Maigret começava a achar que as sobrancelhas grossas lhe davam um ar obstinado.

– O senhor voltou diretamente para a base?

Davis-Mountain era uma das bases principais para os B-29, e ficava a uns dez quilômetros de Tucson, numa outra direção.

– Não, senhor. Deixei três colegas na cidade, perto da garagem de ônibus.

– Um ficou com o senhor. Quem?

– O sargento Mullins.

– Por quê?

– Eu queria buscar Bessy.

– O senhor voltou para a estrada que vai a Nogales?

– Sim, senhor. Parei mais ou menos perto do lugar onde paramos pela primeira vez.

– O senhor voltou para a linha do trem?

Fez-se um silêncio bastante longo.

– Não, acho que não. Não me lembro se saí do carro.

– O que foi que fez?

– Não sei. Acordei deitado em cima do volante, com o carro voltado na direção de Tucson, havia um poste telegráfico na minha frente. Lembro do poste e de um cacto bem perto dele.

– Mullins continuava com o senhor?

– Ele estava dormindo do meu lado, com o queixo enfiado no peito.

– Em resumo, se entendi corretamente, o senhor não se lembra de nada do que aconteceu até acordar na frente do poste telegráfico?

Os lábios de Ward tremeram, e Maigret percebeu que ia dizer algo importante.

– Não, senhor. Eu estava drogado.

– O senhor quer dizer que não estava bêbado?

– Já bebi tanto ou mais muitas vezes. Nunca apaguei. Ninguém me fez apagar, nunca. Naquela noite me drogaram.

– Segundo o senhor, alguém teria colocado alguma coisa no seu copo?

– Ou dentro de um cigarro. Quando acordei, tirei o maço de cigarros do meu bolso automaticamente. Eram Camel. Mas eu não fumo Camel. Eu só fumo Chesterfield. Eu estava fumando um cigarro desse maço quando apaguei pela segunda vez.

– Na companhia de Mullins.

– Sim.

– O senhor desconfia que Mullins tenha colocado cigarros com droga no seu bolso sem que percebesse?

– Talvez.

– O senhor disse isso para ele quando acordou?

– Não.

– O senhor falou com ele?

– Não. Dirigi até a minha casa. Moro na cidade com minha esposa e meus filhos. Mullins subiu comigo até o apartamento. Joguei um travesseiro para ele e ele foi se deitar no sofá. Depois dormi.

– Quanto tempo?

– Não sei. Uma hora, talvez? Às seis horas fui com ele até a base para pegar minhas ordens e preparar o avião para o voo.

– Em que consiste seu trabalho?

– Sou mecânico. Verifico o avião antes da decolagem, permaneço em terra.

– O que fez depois?

– Saí da base por volta das onze da manhã.

– Sozinho?

– Com Dan Mullins.

– Quando soube da morte de Bessy Mitchell?

– Às três da tarde.

- Onde estava?
- Num bar da Quinta Avenida. Eu estava bebendo uma cerveja com Mullins.
- Havia bebido muito desde manhã?
- Uns dez ou doze copos. Um xerife entrou e perguntou se eu era o sargento Ward. Respondi que era e ele me pediu para acompanhá-lo.
- O senhor ainda não sabia que Bessy havia morrido?
- Não, senhor.
- O senhor ignorava que seus três colegas, que o senhor deixou na garagem de ônibus, tomaram um táxi para Nogales assim que vocês se separaram?
- Sim, senhor.
- O senhor não passou pelo táxi na estrada? O senhor não viu nem ouviu um trem que vinha de Nogales?
- Não, senhor.
- O senhor não encontrou nenhum dos seus três amigos na base naquela manhã?
- Cruzei com o sargento O’Neil.
- Ele não lhe disse nada?
- Não me lembro exatamente da frase dele. Foi algo como: “Está tudo OK com Bessy”.
- Qual foi sua conclusão?
- Que ela provavelmente voltara para casa de carona.
- Naquele dia, o senhor passou na casa dela?
- Passei. Às onze horas, depois que deixei a base. Erna me disse que Bessy não voltara para casa.
- Isso foi depois que o sargento O’Neil disse para o senhor que tudo estava OK?
- Foi.
- Não lhe pareceu o contrário do que ele havia dito?
- Pensei que ela tivesse ido para outro lugar.
- Há pouco o senhor afirmou que tinha intenção de se divorciar para casar com Bessy.
- Sim, senhor.

– O senhor pode confirmar se a reviu a partir do momento que se afastou do carro com o sargento Mullins?
– Viva, não.
– O senhor a reviu morta?
– No Instituto Médico Legal, quando o xerife me levou até lá.
– O sargento Mullins não estava no carro na primeira vez que vocês pararam, quando o senhor retomou seu lugar ao volante, e só voltou alguns instantes depois?
– Sim, senhor.
– Alguma pergunta, advogado?
O advogado de cabelos grisalhos acenou que não.
– Perguntas, membros do júri?
O mesmo sinal dos cinco homens e da mulher gorda que, prevendo a palavra que ia sair pela boca do *coroner*, começou a preparar seu tricô.
– Recesso!

Ezequiel acendeu o cachimbo. Maigret acendeu o seu. Todos saíram correndo para a galeria, catando moedas de cinco centavos nos bolsos para a máquina vermelha de Coca-Cola.

Alguns, porém, certamente familiarizados com o local, entravam em uma porta misteriosa, e Maigret observou que, quando voltavam, seu bafo cheirava a álcool.

No fundo, ele ainda não tinha muita certeza da realidade que o envolvia. O preto velho do júri, com os cabelos cortados rente ao crânio e óculos de armação de aço, olhou para ele sorrindo, como se já fossem colegas, e Maigret retribuiu o sorriso.

[1] Nos E.U.A, o *coroner* desempenha ao mesmo tempo o cargo de médico-legista e de investigador de casos de morte ou homicídio. Em caso de morte suspeita, reúne um júri que pronuncia um veredicto, podendo, eventualmente, haver intervenção da justiça e da polícia. (N.T.)

[2] Georges Benjamin Clemenceau (1841-1929), estadista francês. (N.T.)

[3] “Tome um drinque, Jules!”, em inglês no original. (N.T.)

CAPÍTULO II

O PRIMEIRO DA SALA DE AULA

ACONTECE DE VERMOS NOS BARES com fregueses habituais, principalmente no interior, alguém que se perdeu por ali porque está esperando um trem ou porque marcou um encontro; sentado no bar, chateado e meio sonolento, ele acompanha com um olhar distraído a partida de cartas na mesa vizinha.

É evidente que desconhece o jogo, mas eis que, intrigado, tenta entender. Pouco a pouco, se debruça para ver as cartas nas mãos dos jogadores. Dependendo das jogadas, começa a dar sinais de aprovação ou de impaciência, até chegar o momento em que tem muita dificuldade em não interferir.

Era um pouco como aquele intruso no bar do interior que Maigret se sentia naquela tarde, o que o incomodava um pouco. Mas era mais forte do que ele. Estava fisgado. Entrara no jogo.

Maigret já se remexera no banco durante o interrogatório do sargento Ward. Havia perguntas que o último dos recém-chegados dos seus inspetores não teria deixado de fazer e nas quais o pequeno juiz, tão meticoloso na sua aparência e nos gestos, parecia não pensar.

Era bem verdade que o inquérito do *coroner* não era o processo. O que os jurados teriam que decidir era se, segundo eles, Bessy Mitchell tivera morte natural ou acidental, ou, por último, se sua morte ocorrera devido a um ato não intencional ou um ato criminoso.

Nas duas últimas hipóteses, o restante aconteceria depois, diante de um outro júri.

– Conte o que aconteceu no dia 27 de julho depois das sete e meia da noite.

Não era muita ingenuidade da sua parte deixar os quatro rapazes ouvirem o depoimento do colega?

O sargento O'Neil era mais baixo e mais atarracado do que os outros. O cabelo castanho claro era ondulado e puxava para o vermelho. Com seu rosto de traços grosseiros ele lembrava muito um camponês do norte da França, um camponês polido, minuciosamente arrumado.

Bem-arrumados todos eram, assim como o eram, em geral, todos na sala. Aquelas pessoas tinham um aspecto saudável e asseado como raramente se via entre a população europeia.

– Fomos ao Penguin e bebemos.

Este era o bom aluno, não necessariamente o aluno inteligente, mas o aluno aplicado. Antes de responder, o sargento O'Neil olhou para o teto e, como na escola, parou para refletir; em seguida voltou-se para os jurados, como lhe haviam pedido, e começou a falar pausadamente, num tom de voz neutro, monocórdio.

Em suma, eram garotos, garotos grandes de vinte anos ou mais, musculosos, fortes, mas nem por isso deixavam de ser meninos que podiam ser considerados adultos por engano.

– Quantos copos o senhor bebeu?

– Vinte, mais ou menos.

– Quem pagou as rodadas de bebida?

Este se lembrava. Com o passar do tempo – porque ele demorava muito para responder –, acabou-se sabendo que o sargento Ward pagara duas rodadas, Dan Mullins pagara quase todo o restante e O'Neil pagara apenas uma.

Este último, Maigret gostaria de ter cara a cara, no seu escritório do Quai des Orfèvres, e cozinhá-lo em banho-maria, bem devagar, durante um bom interrogatóriozinho, uma pergunta depois da outra, só para ver o que ele tinha por dentro.

Uma pergunta que teria feito, entre outras, porque, com exceção de Ward, todos eram solteiros, era: “O senhor tem uma amante?”.

Na realidade, o sargento O'Neil tinha um temperamento feroso e devia ter fortes apetites sexuais. Naquela noite, eles eram cinco para uma única moça e todos, exceto o chinês, estavam bêbados. Será que no escurinho do carro algumas mãos não teriam se extraviado?

O *coroner* não pensava nessas coisas ou, se pensava, não as mencionava.

- Quem decidiu terminar a noite em Nogales?
- Não me lembro exatamente. Acho que foi Ward.
- O senhor não ouviu Bessy sugerir isso?
- Não, senhor.
- Bessy não quis ir para Nogales?
- Não, senhor.
- Como estavam sentados no carro?

O’Neil levou tanto tempo pensando que até parecia que não ouvira a declaração do colega.

- Depois de um momento ele mandou Bessy sentar atrás.
- Por quê?
- Acho que estava com ciúmes de Mullins.

– Havia algum motivo para ele sentir mais ciúmes de Mullins do que dos outros?

- Não sei.
- O que aconteceu depois que o carro passou pelo aeroporto?
- Nós paramos.
- Por quê?

O’Neil olhou para o teto mais demoradamente, hesitou, e finalmente disse, olhando rapidamente para Ward, que não tirava os olhos de cima dele:

- Porque Bessy não quis mais continuar.

Ele parecia estar dizendo: “Sinto muito, mas é a verdade, e eu jurei dizer toda a verdade”.

- Bessy não quis continuar até Nogales?
- Não, senhor.
- Por quê?
- Não sei.
- O que aconteceu quando vocês pararam?

Ele repetiu o termo que devia ser corrente no exército: problemas de latrina.

- Bessy se afastou dele?

A resposta demorou ainda mais que as anteriores, o olhar grudou no teto.

- O que lembro é que ela estava com Ward quando voltou.
- Bessy voltou?
- Sim, senhor.
- Ela entrou no carro novamente?
- Entrou. O carro deu meia-volta e pegou outra vez a estrada para Tucson.
- Quando foi que Bessy saltou do carro?
- Na segunda vez que paramos. Logo depois de darmos meia-volta Bessy disse a Ward que queria falar com ele.
- Ela estava sentada atrás, do seu lado?
- Estava. O sargento Ward parou. Os dois desceram.
- Para que lado foram?
- Para o lado da linha do trem.
- Ficaram ausentes muito tempo?
- O sargento Ward voltou uns 20 ou 25 minutos depois.
- O senhor viu que horas eram?
- Eu não tinha relógio.
- Ele voltou sozinho?
- Sim. Ele disse: “Que ela vá para os infernos! Isso lhe servirá de lição!”.
- O que ele quis dizer com isso?
- Não sei, senhor.
- O senhor achou normal largar uma mulher no meio do deserto e voltar para a cidade?
- O’Neil não respondeu.
- Sobre o que conversaram no caminho?
- Não conversamos.
- Havia levado bebidas? Havia uma garrafa no carro?
- Não lembro.
- Quando Ward deixou vocês na cidade, na frente da garagem de ônibus, ele disse que ia voltar para procurar Bessy?
- Não. Ele não disse nada.
- O senhor não ficou surpreso que não o levasse de volta para a base?
- Não pensei nisso.

– O que o senhor, o cabo Van Fleet e Wo Lee fizeram naquele momento?

– Pegamos um táxi.

– Quem decidiu tomar um táxi?

– Não sei, senhor.

– Quanto tempo se passou entre o momento em que Ward e Mullins foram embora e vocês tomaram o táxi?

– Nem três minutos. Talvez dois.

Eram realmente garotos cabeçudos, e era evidente que tinham algo para esconder, mas não se conseguia extrair nada deles. Por que se comportavam assim? Maigret agitou-se no banco. Por pouco não levantou a mão como na escola para fazer uma pergunta.

De repente enrubesceu quando percebeu seu colega Harry Cole parado na soleira da porta. Há quanto tempo o observava com aquele sorriso de satisfação? Cole fez uma mímica de longe que significava: “Parece que prefere ficar”.

Depois de um instante afastou-se nas pontas dos pés e deixou Maigret com sua nova paixão.

– Onde o táxi deixou vocês?

– Onde havíamos parado pela segunda vez.

– No mesmo lugar?

– Estava escuro, não sei dizer. Tentamos lembrar do lugar exato.

– Sobre o que conversaram no caminho?

– Não conversamos.

– Mandaram o táxi de volta? Como achavam que voltariam para a cidade e para a base?

– De carona.

– Que horas eram?

– Mais ou menos três e meia.

– O senhor não viu o carro de Ward? Não o viu, nem viu Dan Mullins?

– Não, senhor.

Ward mantinha os olhos fixos nele e O’Neil evitava olhar para o colega ou, quando o fazia, parecia querer desculpar-se, como um homem obrigado a cumprir seu dever.

- O que fizeram quando pegaram a estrada?
- Andamos na direção de Nogales, depois voltamos para Tucson, caminhando ao longo da linha do trem.
- O senhor não pensou em procurar do outro lado da estrada?
- Não, senhor.
- Por quê?
- Não sei.
- Caminharam muito tempo?
- Talvez uma hora.
- Encontraram alguém?
- Não, senhor.
- Em silêncio?
- Sim, senhor.
- O que aconteceu depois?
- Paramos um carro que passava, que nos levou até a base.
- O senhor sabe a marca do carro?
- Não, senhor, mas acho que era um Chevrolet 1946.
- O senhor conversou com o motorista?
- Não, senhor.
- O que fizeram quando chegaram à base?
- Fomos dormir. Às seis horas começamos a verificar os aviões. Maigret fervilhava. Ele tinha vontade de sacudir o pequeno juiz e dizer: “O senhor nunca cozinhou uma testemunha na sua vida? Ou está evitando as perguntas fundamentais de propósito?”.
- Quando soube que Bessy Mitchell estava morta?
- Quando o irmão dela me contou, por volta das cinco da tarde.
- O que foi que ele disse exatamente?
- Que Bessy havia sido encontrada morta na estrada e que haveria um inquérito.
- Quem estava presente durante a conversa?
- Wo Lee estava comigo no quarto. Ele disse: “Eu sei o que aconteceu”. Mitchell começou a fazer perguntas. E Wo Lee limitou-se a responder: “Só falarei com o xerife”.
- Passava um pouco das cinco horas e, com a mesma rapidez das outras vezes, o *coroner* interrompeu a sessão e começou a recitar,

com ar distraído, enquanto juntava os papéis espalhados em cima da mesa com uma das mãos:

– Amanhã, nove e meia. Não aqui, no andar de cima, na Segunda Câmara.

Todos começaram a sair. Sempre sem trocarem uma palavra, os cinco soldados reuniram-se debaixo da galeria e um oficial conduziu-os pelo pátio.

Harry Cole estava ali, de calças de gabardine, camisa branca e o ar de um jovem esportivo de bom humor.

– Gostou, Julius? Que tal uma cervejinha?

Eles se encontravam de repente no meio de uma luminosidade intensa, envoltos pelo mesmo calor, onde até os sons eram abafados. No horizonte viam-se os quatro ou cinco arranha-céus da cidade. As pessoas iam embora nos seus carros, até o indígena – Maigret constatara que tinha uma perna de pau –, que abria a porta de um velho carro com a capota amarrada com cordas.

– Julius, eu aposto que você vai me perguntar alguma coisa.

Eles entraram no frescor do ar condicionado de um bar onde havia outras calças de gabardine, outras camisas brancas e garrafas de cerveja espalhadas por cima de todo o balcão. Havia também caubóis de verdade, com suas calças de tecido azul e grosso que grudavam nas coxas, suas botas de salto alto, seus chapéus de abas largas.

– Exatamente. Seria possível transferir a visita para Nogales para outro dia? Eu gostaria de acompanhar a continuação do inquérito amanhã.

– Bravo! Nenhuma outra pergunta?

– Muitas. Eu as farei à medida que me vierem à cabeça. Há prostitutas por aqui?

– Não no sentido que você dá à palavra. Em alguns estados, sim. No Arizona é proibido.

– Bessy Mitchell?

– É o que as substitui.

– Erna Bolton também?

– Mais ou menos.

– Quantos soldados há na base?

- Cinco, seis mil, nunca pensei nisso.
- Na maioria solteiros?
- Três quartos.
- Como fazem?
- Como podem. Não é muito fácil.

O sorriso, que o abandonava raramente, não era irônico. Harry Cole certamente tinha muita consideração, talvez até sentisse uma certa admiração por Maigret, que conhecia de reputação. No entanto, ver um francês às voltas com problemas que eram tão estranhos para ele o divertia.

– Eu sou da costa leste – disse, com uma ponta de orgulho. – Da Nova Inglaterra. Sabe, aqui ainda se leva um pouco uma vida de fronteira. Eu poderia apresentar a você alguns velhos pioneiros que atiraram contra os apaches, no início do século, e que se reuniam, improvisavam um tribunal e enforcavam um ladrão de cavalos ou de gado.

Não passara nem meia hora, e eles já haviam bebido três garrafas de cerveja cada um, quando Harry Cole tomou uma decisão:

- É hora de tomar um uísque!

Depois seguiram de carro para Nogales e Maigret, quando passou por Tucson, ficou tão desnordeado como ficara no tribunal. Não era uma cidade pequena, pois tinha mais de cem mil habitantes.

No entanto, longe do centro, da zona comercial onde se elevavam os cinco ou seis arranha-céus de quase vinte andares, que se dirigiam para o céu como torres, a cidade se assemelhava a um loteamento, ou melhor, a uma série de loteamentos justapostos, uns mais luxuosos, outros mais pobres, mas todos igualmente novos, chiques, com casas térreas.

Um pouco mais adiante as ruas já não eram mais pavimentadas. Havia grandes espaços vazios cobertos de areia e alguns cactos. Depois do aeroporto, e sem nenhuma transição, era o deserto e, ao longe, as montanhas púrpuras.

– Aconteceu mais ou menos aqui. Quer descer do carro? Cuidado com as cascavéis.

- Há cascavéis por aqui?
- Às vezes elas aparecem até na cidade.

A linha do trem era uma linha única que passava a uns cinquenta metros da estrada.

– Acho que passam quatro ou cinco trens a cada 24 horas. Você realmente não quer tomar um drinque no México? Nogales fica logo ali.

Cem quilômetros! É verdade que eles os percorreram em menos de uma hora.

Nogales era uma cidade pequena onde uma grade cortava as duas ruas principais ao meio. Homens uniformizados. Harry Cole conversou com eles e logo depois ele e Julius mergulharam no meio de um rebuliço inesperado e passaram por ruas estreitas e malconservadas, onde uma luminosidade amarelada parecia não ter utilidade.

– Vamos começar pelo Grutas, mesmo que ainda seja um pouco cedo.

Garotos seminus os importunavam sem parar para engraxar seus sapatos, e adultos os paravam quando passavam pelas portas das butiques que vendiam lembrancinhas.

– Como vê, parece uma grande feira. Quando as pessoas de Tucson, ou mesmo de Phoenix, ou de mais longe, querem se divertir elas vêm para cá.

Realmente, só havia americanos no bar imenso.

– Você acha que Bessy Mitchell foi assassinada?

– A única coisa que eu sei é que ela morreu.

– Foi acidente?

– Olhe, eu não tenho nada com isso. Não é um crime federal, e eu só trato de crimes federais. O resto é com a polícia do condado.

Ou seja, com o xerife e seus xerifes suplentes. Era o que mais espantava o comissário, muito mais do que aquela bagunça barroca e fedorenta na qual estava mergulhado.

O xerife era o chefe da polícia do condado; não era um funcionário nomeado por promoção ou concurso, mas um cidadão eleito à maneira de um conselheiro municipal da cidade de Paris.

Sua profissão anterior não tinha a menor importância. Ele se candidatava e promovia sua campanha eleitoral.

Uma vez eleito, escolhia seus xerifes suplentes pessoalmente, ou seja, seus inspetores, como aqueles que Maigret vira com seus grandes revólveres pendurados nos cintos carregados de balas.

– E tem mais! – acrescentou Harry Cole com uma ponta de ironia. – Além dos xerifes suplentes nomeados, há todos os outros.

– Como eu? – disse Maigret brincando, lembrando-se do distintivo de prata que recebera.

– Estou falando dos amigos do xerife, desses eleitores influentes que recebem um distintivo igual ao seu. Por exemplo, todos os rancheiros, ou quase todos, são xerifes suplentes. E não pense que não levam isso a sério. Há algumas semanas, um prisioneiro perigoso fugiu da prisão, roubou um carro e pegou a estrada que vai de Tucson para Nogales. O xerife de Tucson alertou um rancheiro que mora mais ou menos no meio do caminho. Este telefonou para dois ou três vizinhos, criadores de gado como ele. Todos eram xerifes suplentes. Eles fizeram uma barreira na estrada com os carros e, quando o carro roubado tentou passar, atiraram nos pneus, cercaram o cara e o agarraram com um laço. O que acha?

Maigret ainda não bebera tantos copos como o homem do tribunal, mas a bebida começava a fazer efeito. Ele murmurou, como se quisesse fazer uma piada:

– Se fosse na França, as pessoas teriam tentado prender a polícia.

Ele não soube dizer quando voltaram para Tucson...

Por volta da meia-noite, não se lembrava exatamente da hora, e sempre conduzido por Cole, entrara no Penguin Bar. Um balcão comprido de madeira escura e lusturada, garrafas de todas as cores nas prateleiras. Como em todos os bares, reinava uma luz suave na qual as camisas brancas sobressaíam.

No fundo, imperava um toca-discos automático cromado, imponente e arredondado, ao lado de uma máquina dentro da qual,

durante uma hora, um homem de idade madura enfiou moedas, tentando acertar nos buracos com bolinhas de níquel na esperança de ganhar uma partida gratuita.

A máquina era decorada com desenhos iluminados de mulheres de maiô, em estilo *naïf*. Na folhinha do bar havia uma completamente nua, parecida com um daqueles desenhos libertinos da *Vie parisienne*, uma revista popular na França, no final do século XIX.

Porém, não havia nenhuma mulher de verdade, em carne e osso. Exceto duas ou três, que estavam sentadas em mesas separadas umas das outras por divisórias de um metro e meio de altura. Estavam acompanhadas. Os casais estavam de mãos dadas, imóveis, na frente de copos de cerveja e uísque, enquanto ouviam com um sorriso distraído a música interminável que saía do toca-discos.

– Em resumo, a gente se diverte! – disse Maigret, dando um sorriso sem graça.

Ele não sabia por que, mas Cole o irritava. Talvez fosse aquela sua eterna segurança que punha seus nervos à flor da pele.

Cole era um simples oficial do FBI, dirigia um carro enorme com uma das mãos, e largava o volante para acender o cigarro a mais de cem por hora. Conhecia todo mundo. Todo mundo o conhecia. Tanto no México como aqui ele dava tapinhas nos ombros das pessoas, e estes retribuía com uma cordialidade afetuosa:

– *Hello! Harry!*

Cole apresentava Maigret, e os outros sacudiam a mão do comissário como se fosse um antigo colega, sem se preocuparem em saber o que fazia ali.

– *Have a drink!*

Tome um drinque! Tanto fazia se era bom ou ruim, desde que bebesse.

Aqui, ao longo do balcão do bar, havia homens grudados em cima dos tamboretos altos, que não se mexiam, a não ser quando levantavam um dedo, um gesto que o barman entendia perfeitamente. Alguns suboficiais da Força Aérea bebiam como os

outros. Talvez houvesse soldados rasos, mas Maigret ainda não vira nenhum.

– Se entendi direito, eles podem voltar para a base a qualquer hora?

A pergunta pegou Cole de surpresa.

– Claro que podem!

– Às quatro da manhã se quiserem?

– Desde que não estejam de serviço, podem até não voltar.

– E se estiverem bêbados?

– É problema deles. O importante é que cumpram seus deveres.

Por que isso o enraivecera? Seria porque se lembrara do seu serviço militar e do turno de dez horas, das semanas de espera por um simples passe para dar uma saída à noite?

– Lembre-se de que são voluntários.

– Eu sei. Onde são recrutados?

– Onde é possível. Na rua. Você viu os caminhões que às vezes estão parados numa encruzilhada, tocando música? No interior há uma exposição de fotografias de países exóticos, e um sargento que explica as vantagens do serviço militar.

Cole parecia sempre querer brincar com a vida, como se isso fosse algo realmente muito divertido.

– Há um pouco de tudo, como em todos os exércitos. Imagino que na França os meninos comportados não se alistam no exército. *Hello! Bill! Este é meu amigo Julius. Have a drink!*

Pela décima ou vigésima vez naquela noite Maigret ouviu um desconhecido contar suas experiências parisienses. Porque todos aqueles marmanjos haviam estado em Paris. E todos ostentavam aquele arzinho obsceno quando falavam a respeito.

– *Have a drink!*

Supondo que fosse interrogado pelo *coroner* amanhã de manhã, também poderia responder:

– Não me lembro mais quantos copos bebi. Uns vinte, talvez?

Quanto mais bebia, mais ficava taciturno, a ponto de assumir a expressão obstinada do sargento O’Neil.

Maigret decidira compreender e compreenderia. Pronto! Já descobrira por que Harry Cole o deixava impaciente. O fato é que o homem do FBI estava convencido que Maigret era um homem importante no seu país, enquanto aqui, nos Estados Unidos, ele era incapaz de fazer qualquer coisa.

Quanto mais Cole o via pensar, mais se divertia. Por outro lado, Maigret acreditava que os homens e suas paixões eram iguais em toda parte.

O que precisava fazer era parar de observar essas diferenças, de se impressionar por exemplo, com a altura dos arranha-céus, com o deserto, os cactos, as botas e os chapéus dos caubóis, as máquinas de empurrar bolinhas nos buracos e os toca-discos automáticos.

“Muito bem: eram cinco soldados e uma moça. E todos haviam bebido.” Eles haviam bebido como Maigret bebia naquele instante, automaticamente, como todos os homens que estavam ali naquela noite bebiam.

– *Hello! Harry!*

– *Hello! Jim!*

Parecia que ninguém tinha um sobrenome. E também parecia que todos eram os melhores amigos do mundo. Cada vez que Cole o apresentava a alguém, acrescentava num tom de voz sério:

– É um cara legal!

Ou então:

– É um cara fora de série!

Não mencionara uma única vez: “É um crápula”.

Onde estavam os crápulas? Isso significava que não existiam? Ou então que as pessoas eram mais indulgentes aqui?

– Você acha que os cinco soldados estarão em liberdade hoje à noite e poderão sair?

– Por que não?

O que não teria aprontado com eles em Paris! E o que não teriam que ouvir quando voltassem para o quartel!

– Não encontraram nada contra eles, correto?

– Ainda não – grunhiu Maigret.

– Enquanto um homem não for considerado culpado...

– Eu sei!... Eu sei!...

Maigret esvaziou o copo com ar descontente. Depois olhou para um dos casais. Suas bocas estavam grudadas já fazia bem uns cinco minutos e as mãos do homem haviam desaparecido.

– Diga-me uma coisa: eles são casados?

– Não.

– Então não podem ir para um hotel?

– Só se assinarem o registro como marido e mulher, o que é um delito que pode levar longe, principalmente se forem de outro estado.

– Onde vão fazer amor?

– Em primeiro lugar, nada indica que mais tarde ainda vão querer fazer amor.

Maigret deu de ombros raivosamente.

– E depois há o carro.

– E se não tiverem carro?

– É pouco provável. A maioria das pessoas tem carro. Se não tiverem, que se virem. É problema deles, não acha?

– E se forem pegos fazendo sexo na rua?

– Vai sair caro.

– E se a moça tem dezessete anos e meio ao invés de dezoito?

– O companheiro pode pegar uns dez anos de prisão.

– Bessy Mitchell não tinha dezoito anos...

– Mas era casada e divorciada.

– E Maggie Wallach, que parece ser a amante do músico?

– O que tem ela?

– É evidente.

– Você viu os dois fazendo sexo?

Maigret apertou os dentes.

– Lembre-se que também é casada. E divorciada.

– E Erna Bolton, aquela que está com o irmão?

– Ela tem vinte anos.

– Você viu o dossiê?

– Eu? Eu não tenho nada com isso. Eu já disse que não é um delito federal. Por exemplo, se tivessem usado o correio para cometer um delito, isso, sim, pertenceria à minha jurisdição. Ou se

tivessem fumado um único cigarro de maconha. *Have a drink, Julius!*

Os dois estavam ali, sentados no balcão, bebendo, com o olhar voltado para as garrafas e a folhinha com a mulher nua. Havia mulheres nuas, ou seminuas, espalhadas por todo lado, em anúncios, em folhinhas de propaganda, fotografias de belas mulheres em roupa de banho em todas as páginas dos jornais e em todas as telas dos cinemas.

– Mas, droga, e quando esses rapagões querem uma mulher?

Harry Cole, que estava mais habituado a tomar uísque do que Maigret, olhou para ele e soltou uma risada.

– Eles casam!

Na verdade, o *coroner* não fizera as perguntas mais elementares de propósito. Será que esperava descobrir a verdade apesar disso? E se não desse a mínima?

Apesar de tudo, talvez o inquérito não passasse de uma espécie de formalidade, e ninguém quisesse saber o que realmente acontecera naquela noite.

Um dos dois homens que haviam sido interrogados mentira, disso não havia a menor dúvida. Ou o sargento Ward ou o sargento O'Neil.

Mas ninguém parecia surpreso com esse fato. Haviam sido interrogados, um depois do outro, com a mesma gentileza, ou melhor, com a mesma indiferença.

– Acha que o barman será convocado a depor?

– Para quê?

Ele os servira naquela noite. Tinha uma cabeça de lutador de boxe.

– Vão botar a gente para fora – anunciou Cole, olhando para o relógio. – Quer levar alguma coisa daqui?

Como Maigret ficara espantado com a pergunta, Cole apontou para dois fregueses.

– Olhe!

Os dois estavam na outra ponta do balcão, perto da porta, onde se vendiam bebidas alcoólicas, comprando garrafas achatadas que enfiavam nos bolsos.

– Talvez tenham um longo caminho pela frente, não é? Ou então dificuldade para dormir.

O homem do FBI estava zombando dele, e Maigret não lhe dirigiu mais a palavra até o instante em que o carro parou na frente do Pioneer Hotel.

– Se entendi direito, amanhã você vai passar o dia no tribunal? Maigret resmungou uma resposta evasiva.

– Passarei para apanhá-lo na hora do almoço. Você está com sorte: a audiência será no andar de cima, na Segunda Câmara. Tem ar-condicionado. Boa noite, Julius!

E acrescentou sem nenhuma malícia, como se não estivesse falando de uma morta:

– Não sonhe com Bessy!

CAPÍTULO III

O CHINESINHO QUE NÃO BEBEU

MAIGRET FICOU CONTENTE QUANDO pelo menos três das pessoas presentes o cumprimentaram. Como no andar térreo, o primeiro andar da County House também era contornado por uma galeria. O sol já estava quente e, enquanto aguardavam o chamado de Ezequiel, alguns grupos de homens fumavam um cigarro na sombra.

Ezequiel, com seu grande cachimbo na boca, acenou cordialmente para ele, e o jurado da perna de pau também.

A caminho do hotel, Maigret se perguntara se a atitude diferente do público em relação ao sargento Ward não poderia ser motivada pela sua sensibilidade.

Na véspera, quando O'Neil mencionara a segunda parada do carro e declarara que Ward e Bessy haviam ido juntos na direção da linha do trem, ocorrera não um rumor, mas uma espécie de choque coletivo. Todos deviam ter sentido o mesmo aperto no coração.

A partir de agora, será que olhariam para Ward como se olha, involuntariamente, para aquela pessoa do grupo que matou alguém?

Os cinco soldados estavam ali com o oficial que os acompanhara ao inquérito. Enquanto aguardavam para entrar na sala, fumavam seus cigarros como os outros.

Maigret teve a impressão de que Ward, os olhos azuis sob sobrelhas espessas e negras, mantinha-se mais afastado dos outros, e que as pessoas o observavam com olhares furtivos.

Dormira em casa? Que atitude teria agora em relação à sua mulher? E qual seria a atitude dela? Teria pedido que o perdoasse? Teriam brigado definitivamente?

O chinês, com seus grandes olhos amendoados, era magro e bonito como uma mulher. De estatura baixa, parecia muito mais

jovem do que os outros. Na escola também havia sempre um aluno com quem se implicava chamando-o de mulherzinha.

Havia novos curiosos. Os jornais haviam publicado um artigo sobre a primeira audiência em grandes manchetes:

Sargento Ward afirma que foi drogado.

O'Neil contradiz seu testemunho em vários pontos

O'Neil continuava com aquele ar de bom aluno, consciencioso, consciencioso demais. Ward e ele teriam se falado desde ontem?

Maigret acordara com uma forte dor de cabeça e de mau humor e, é claro, de ressaca, mas já se sentia melhor. No entanto, ter recorrido ao sistema americano o irritara. Desde os primeiros dias, quando estivera em Nova York, ficara espantado ao encontrar, logo cedo de manhã, animadas e bem-dispostas, aquelas pessoas que na noite anterior deixara num estado de embriaguez adiantado. Havia mostrado a ele qual era o truque, e ele vira em todos os drugstores, cafés, e bares aquela garrafa de um azul especial, fixada na parede de cabeça para baixo, com um aparelho niquelado preso no gargalo que media a dose.

Eles bombeavam aquilo dentro de um copo com água, que começava a espumar e fervilhar. Essa bebida era servida com a mesma naturalidade que um café com leite ou uma Coca-Cola e, alguns minutos depois, os vapores deixados pelo álcool se dispersavam.

Por que não? Ao lado das máquinas de embebedar, a máquina de desembebedar. Afinal, não deixavam de ser lógicos.

– Jurados!

Era hora de voltar para a sala de aula, e esta era mais espaçosa do que a da véspera. Dessa vez parecia um tribunal de verdade, com uma balaustrada em forma de mesa de comunhão que separava a corte do público, um púlpito para o *coroner* e um microfone para a testemunha. Os jurados, que pareciam estar sentados em cima de tronos no interior de um cercado autêntico de um júri, tornavam-se mais solenes.

De repente, Maigret conseguia observar melhor as pessoas que quase não vira no dia anterior, tal como, entre outros, um homem alto, ruivo, que se mantinha sempre ao lado do defensor público, tomava notas e conversava com ele em voz baixa. No início ele achara que era um secretário ou um jornalista.

– Quem é aquele ali? – perguntou ao vizinho.

– Mike!

Isso ele sabia, porque ouvira as pessoas chamarem-no pelo nome.

– Ele faz o quê?

– Mike O'Rourke? Ele é o chefe dos investigadores, o encarregado do inquérito.

Ou seja, o Maigret do condado. Os dois homens tinham mais ou menos a mesma corpulência, o mesmo pneu de gordura acima da cintura da calça, a mesma nuca grossa, e deviam ter a mesma idade.

Afinal, aqui era tão diferente de Paris? O'Rourke não usava o distintivo de xerife nem um revólver na cintura. Parecia um homem simples e calmo, tinha a pele muito branca dos ruivos e olhos cor violeta.

Teria ele tido a ideia e sussurrado ao defensor público, sobre quem se debruçara muitas vezes? Seja como for, assim que a audiência começou, o defensor público levantou, pediu permissão para fazer uma pergunta à última testemunha do dia anterior, e O'Neil sentou-se na cadeira em cima do estrado, na frente do microfone, que foi regulado à sua altura.

– O senhor observou o estado do carro que o levou de volta para Tucson? Estava amassado?

O bom aluno franziu o cenho e questionou o teto com os olhos.

– Não sei.

– O carro era de duas ou quatro portas? De que lado o senhor entrou? Pelo lado direito ou pelo esquerdo?

– Acho que de quatro portas. Entrei pelo lado oposto do motorista.

– Então pelo lado direito. E não viu nenhum dano na carroceria, como se o carro tivesse sofrido um acidente?

– Não lembro mais.

– O senhor estava muito bêbado naquele momento?

– Estava, sim, senhor.

– Mais bêbado do que Bessy, quando ela se afastou do grupo?

– Não sei. Talvez.

– O senhor não bebeu mais nada depois que saiu da casa do músico?

– Não, senhor.

– Isso é tudo.

O'Neil se levantou.

– Um momento. Mais uma pergunta. Onde estava sentado no carro?

– Na frente, ao lado do motorista.

O defensor público fez sinal que terminara com ele, e foi a vez do sargento Van Fleet, um louro com uma tez cor de tijolo, cabelos ondulados, a quem Maigret apelidou silenciosamente de “Flamengo”. Seus colegas o chamavam de Pinky.

Dos cinco, era o primeiro que parecia nervoso quando sentou na cadeira das testemunhas. Pinky se esforçava visivelmente para ficar calmo, mas não sabia para onde olhar, e às vezes roía as unhas.

– O senhor é casado? Solteiro?

– Solteiro, senhor.

Pigarreou para falar com mais clareza, e o *coroner* aumentou um pouco o volume do microfone. A poltrona daquele *coroner* era extraordinária. Como podia fixá-la em várias posições, ficava o tempo todo empurrando o encosto para trás, depois um pouco para frente, depois para trás novamente.

– Conte o que aconteceu depois das sete e meia da noite de 27 de julho.

Sentada atrás de Maigret, uma mulher negra com um bebê no colo, que ele notara no dia anterior, hoje estava acompanhada do irmão e da irmã. Havia duas mulheres grávidas na sala. Graças ao

ar-condicionado, estava muito fresco, muito mais do que lá embaixo, mas Ezequiel, dando-se ares de importância, não parava de mexer no aparelho de ar-condicionado.

O Flamengo falava devagar, com longos silêncios durante os quais tentava encontrar as palavras certas. Sentados ao longo do mesmo banco do pequeno tribunal, os outros quatro soldados estavam de costas para o público, e era para eles que Pinky olhava de soslaio, como se lhes pedisse para “soprarem”.

O Penguin Bar, o apartamento do músico, a partida para Nogales...

– Onde estava sentado no carro de Ward?

– No início sentei atrás, com o sargento O’Neil e o cabo Wo Lee, mas quando Ward mandou Bessy trocar de lugar passei para frente. Sentei à direita de Mullins.

– O que aconteceu depois?

– Depois que passamos pelo campo de aviação, o carro parou do lado direito da estrada, e todos desceram.

– Já haviam decidido que não continuariam até Nogales?

– Não.

– Quando falaram a respeito?

– Quando todos estavam de volta no carro.

– Bessy também voltou?

Pinky hesitou, e Maigret teve a impressão de que seus olhos procuravam O’Neil.

– Voltou. Ward disse que íamos voltar para a cidade.

– Não foi Bessy quem disse isso?

– Eu ouvi Ward.

– O carro parou novamente?

– Parou. Bessy disse para Ward que queria falar com ele.

– Ela estava muito *bêbada*? Sabia o que estava fazendo?

– Acho que sim. Os dois se afastaram.

– Quanto tempo ficaram ausentes?

– Cinco ou seis minutos depois Ward voltou sozinho.

– O senhor disse cinco ou seis minutos? Olhou no relógio?

– Não. Mas acho que não demorou mais do que isso.

– O que foi que Ward disse quando voltou?

- Nada.
- Ninguém perguntou a ele onde estava Bessy?
- Não, senhor.
- O senhor não ficou surpreso quando foram embora sem ela?
- Um pouco, talvez.
- Ward não tocou mais no assunto durante a viagem?
- Não, senhor.
- Quem decidiu tomar um táxi para voltar lá?

Pinky apontou para O'Neil.

- Vocês discutiram se deviam levar, ou não, Wo Lee com vocês?

Maigret, que parecia estar tirando uma soneca, estremeceu.

Mais uma vez, era uma perguntinha de nada que parecia indicar que o *coroner* sabia mais do que dava a entender. Enquanto isso, O'Rourke murmurou algo no ouvido do defensor público, que tomou nota.

- Não, senhor.
- Sobre o que conversaram durante o trajeto?
- Não conversamos.
- O senhor e O'Neil não discutiram quando o táxi parou?
- Não me lembro. Não, senhor.

O'Rourke devia conhecer sua profissão. Encontrara o motorista do táxi, o que não era difícil, e este certamente seria o próximo a ser interrogado. Dos três soldados interrogados até agora, Pinky era o que parecia menos à vontade.

– O senhor e O'Neil dormem no mesmo quarto? Há quanto tempo?

- Há uns seis meses.
- Vocês são bons amigos?
- Saímos sempre juntos.

Quando Ezequiel perguntou ao defensor público se tinha alguma pergunta para a testemunha, ele só fez uma:

- O carro que levou vocês para a base estava em bom estado?

Pinky também não sabia. Nem sabia qual era a marca do carro. A única coisa que se lembrava era que a carroceria era branca ou de cor clara.

– Recesso!

Que engraçado: sem nenhuma razão aparente, o sargento Ward já se parecia menos com um assassino. Agora era para O'Neil que as pessoas olhavam quando passavam por eles. O'Neil talvez fosse totalmente inocente. Talvez todos fossem inocentes. E se sentiam as suspeitas passarem de um para outro, talvez eles próprios suspeitassem um do outro?

No que pensavam enquanto fumavam seus cigarros e bebiam suas Coca-Colas?

Maigret teria podido apresentar-se a Mike O'Rourke, que lhe teria dado um tapinha no ombro e provavelmente o teria incluído nos segredos dos deuses. O que mais o divertia era observar as idas e vindas do colega, que aproveitara o recesso da audiência para dar alguns telefonemas num escritório envidraçado.

No momento de reabrir a sessão, perceberam que o defensor público não estava presente e tiveram que procurá-lo pelo prédio inteiro. Talvez ele também estivesse dando uns telefonemas?

– Cabo Wo Lee.

Wo Lee deslizou para cima da cadeira das testemunhas, e foi preciso abaixar o microfone até a altura da sua boca. Ele falava tão baixo que, apesar do amplificador, quase não se ouvia o que dizia.

Os outros três já haviam demorado muito entre duas frases. Wo Lee demorava tanto que parecia estar em pane, ou, talvez, pensando em outra coisa.

Será que, como um bando de colegiais que aprontaram alguma, eles se acusavam entre si de "dar com a língua nos dentes?"

Maigret teve que se debruçar para frente e fazer um grande esforço para ficar atento, porque era difícil acompanhar o que o chinês dizia.

– Conte o que aconteceu no dia...

Wo Lee falou com tamanha lentidão que o *coroner* suspendeu de novo a sessão antes que chegasse à partida para Nogales. Durante o recesso, trouxeram três prisioneiros de uniforme azul que o pessoal da polícia havia prendido no dia anterior e que não tinham nenhuma relação com o caso.

Um mexicano forte, que parecia ser meio índio, era acusado de dirigir embriagado e de perturbar a ordem na rua.

– O senhor se declara culpado?

– Sim.

– Cinco dólares ou cinco dias de prisão. Seguinte!

Cheque sem fundos.

– O senhor se declara culpado? O caso está transferido para o dia 7 de agosto. Poderá ser solto mediante pagamento da fiança: quinhentos dólares.

Maigret desceu para beber uma Coca-Cola, e dois dos jurados sorriram quando passou por eles. Ao atravessar uma mancha de sol sentiu a pele arder.

Quando voltou, o chinês já estava sentado no seu lugar e respondia a uma pergunta que lhe haviam feito naquele instante. Agora havia pessoas em pé na frente da porta aberta, mas ninguém ocupara o lugar de Maigret, o que ele gostou.

– Quando iam embora do bar compraram duas garrafas de uísque – dizia Wo Lee lentamente.

– O que aconteceu na casa do músico?

– Bessy e o sargento Mullins foram para a cozinha. Pouco depois, o sargento Ward foi para lá também, e eles discutiram.

– A discussão foi entre os dois homens ou entre Ward e Bessy?

– Não sei. Ward voltou com uma garrafa na mão.

– As duas garrafas estavam vazias?

– Não. Uma ficou no carro.

– No banco da frente ou no banco de trás?

– No banco de trás.

– De que lado?

– Do lado esquerdo.

– Quem sentou do lado esquerdo?

– O sargento O’Neil.

– O senhor o viu beber da garrafa durante o trajeto?

– Estava muito escuro para poder enxergar.

– Harold Mitchell brigou com a irmã durante o encontro na casa do músico?

– Não, senhor.

Esperto, o irmão de Bessy estava uniformizado hoje. No dia anterior, de trajes civis, com uma camisa roxa feia, parecia um daqueles delinquentes que se veem nos filmes.

Agora, de uniforme de algodão limpo e bem passado, parecia mais correto. Num dado momento, enquanto o chinês falava, o músico, que estava do lado de fora na varanda, aproximou-se de Mitchell e murmurou algumas palavras. Mitchell voltou para a sala e trocou algumas palavras com Mike O'Rourke; este, por sua vez, disse alguma coisa para o defensor público, que ficou em pé:

– O sargento Mitchell pede que uma testemunha seja convocada o mais rápido possível.

Como no dia anterior, o sargento Mitchell sentara ao lado de Maigret. Quando o *coroner* se voltou para ele, levantou e disse com voz trêmula:

– Corre um boato que alguns dos homens que estavam no trem viram um pedaço de corda amarrado nos pulsos da minha irmã. Eu gostaria que fossem ouvidos.

Ezequiel fez sinal para que sentasse novamente, disse algumas palavras para o oficial de justiça e retomou o interrogatório:

– O que aconteceu quando o carro parou a cerca de um quilômetro e meio da base aérea?

As palavras “problemas de latrina” foram ouvidas novamente, dessa vez com um sotaque diferente, o que fez as bocas se abrirem automaticamente em um sorriso, como se fosse uma piada.

– O senhor viu Bessy se afastar do carro?

– Vi. Ela se afastou na companhia do sargento Mullins.

Todos olharam para as costas do sargento, e Ward parecia cada vez menos ser o assassino.

– Os dois ficaram ausentes muito tempo? Onde estava Ward durante esse tempo?

– O primeiro que voltou para o carro foi Ward. Depois foi a vez de Bessy, tivemos que esperar por Mullins durante alguns minutos.

– Quanto tempo Bessy e Mullins ficaram juntos?

– Uns dez minutos talvez.

– Vocês já haviam decidido que não iriam mais a Nogales?

- Não. Bessy só disse que estava de saco cheio quando íamos embora, e que queria voltar para casa.
- Ward deu meia-volta sem discutir?
- Sim, senhor.
- Conte o que aconteceu depois. O senhor não bebeu nada naquela noite, correto?
- Só Coca-Cola. Cem metros depois Bessy pediu para parar o carro de novo.
- Ela não disse mais nada?
- Não.
- Quem desceu do carro com ela?
- Ninguém. Ela se afastou sozinha. Dan Mullins saiu do carro depois.
- O senhor tem certeza de que era Mullins?
- Sim, senhor.
- Ele ficou ausente muito tempo?
- Pelo menos uns dez minutos. Talvez mais.
- Ele foi na direção da linha do trem?
- Foi. Depois o sargento Ward desceu pelo lado esquerdo e deu a volta no carro. Voltou logo depois, porque ouvimos os passos de Mullins.
- Os dois homens brigaram?
- Não. Nós fomos embora. O sargento O'Neil, Van Fleet e eu saltamos na frente da garagem de ônibus.
- Quem sugeriu voltar para a estrada?
- O sargento O'Neil.
- Ele pediu para não acompanhá-lo?
- Não exatamente. Ele só perguntou se eu não estava muito cansado e se não preferia voltar para a base.
- Sobre o que conversaram no táxi?
- Van Fleet e O'Neil conversaram baixinho. Eu estava na frente, do lado motorista, não ouvi o que disseram.
- Quem disse para o motorista onde devia parar?
- O'Neil.
- O lugar era onde haviam parado pela primeira ou pela segunda vez?

– Não sei dizer. Ainda estava escuro.

– Vocês discutiram naquele instante?

– Não, senhor.

– Vocês não pediram para o táxi esperar?

Não pediram. Foram buscar a moça abandonada no deserto e não queriam que o carro esperasse por eles para levá-los de volta.

– Vocês não cruzaram ou ultrapassaram outros carros na estrada?

– Não, senhor.

– O que fizeram depois que o táxi foi embora?

– Caminhamos na direção de Nogales e, mais ou menos um quilômetro e meio depois, demos meia-volta.

– Juntos?

– Na ida, sim. Na volta, caminhei pela beira da estrada. O sargento O’Neil e Pinky estavam mais na frente, eles caminhavam pelo deserto.

– Do lado da linha do trem?

– Sim, senhor.

– Essas idas e vindas duraram quanto tempo?

– Mais ou menos uma hora.

– E vocês não viram ninguém durante essa hora? Não ouviram nenhum trem? De que cor era o carro que trouxe vocês de volta?

– Amarelo-claro.

O defensor público levantou-se novamente para fazer a famosa pergunta à qual dava uma importância inexplicável.

– O senhor reparou se a carroceria tinha indícios de que o carro sofrera um acidente?

– Não, senhor. Entrei no carro pelo lado direito.

– E O’Neil?

– Também. Era um carro de quatro portas. Ele sentou na frente e eu atrás. Pinky deu a volta no carro.

– Vocês não tinham mais a garrafa de uísque?

– Não.

– E no táxi?

– Não tenho certeza. Acho que não.

– No dia seguinte, quando Harold Mitchell contou ao senhor que sua irmã havia sido assassinada, o senhor disse a ele que sabia o que havia acontecido, mas que só falaria na frente do xerife.

Maigret viu a mão de Mitchell contrair-se em cima do joelho.

– Não foi assim, senhor.

– O senhor não falou com ele?

– Eu disse: “O xerife vai fazer perguntas e eu vou contar a ele o que sei”.

Claro que não era a mesma coisa, e Mitchell, sentado ao lado de Maigret, fez um gesto nervoso de discordância, de raiva.

O chinês estaria mentindo? Qual dos quatro que haviam sido ouvidos até agora mentia?

– Recesso! A sessão continuará no andar de baixo, na sala do juiz de paz, à uma e meia.

Harry Cole não estava lá como prometera, mas Maigret o viu pouco depois saltando do carro na frente do County House. Ele parecia tão ativo e alerta como na véspera, e com o mesmo bom humor que parecia brotar de uma fonte. Era a alegria serena de um homem que não tem pesadelos, que está em paz consigo mesmo e com os outros.

Quase todos eram assim, e era exatamente isso que enlouquecia Maigret.

Aquilo o fazia lembrar uma roupa perfeita demais, limpa demais, passada demais. Era como suas casas, tão impecáveis como clínicas, onde não havia motivo para preferir sentar num canto do que em outro.

No fundo, Maigret desconfiava que conheciam as ansiedades de todos os seres humanos e que assumiam aquela aparência alegre por pudor.

Nem os cinco homens da Força Aérea pareciam muito preocupados. Cada um permanecia fechado em si mesmo, porém sem manifestar a ansiedade das pessoas suspeitas de um crime, com ou sem razão.

Os espectadores não deixavam transparecer o menor nervosismo. Ninguém parecia pensar na moça assassinada na via

férrea. Era como se fosse uma espécie de jogo, e somente o repórter do *Star* acrescentava ao caso manchetes sensacionalistas.

– Dormiu bem, Julius?

Se ao menos parassem de chamá-lo assim! O pior era que não faziam de propósito, e que o diziam sem nenhuma ponta de ironia.

– Solucionou o problema? É um crime, um suicídio ou um acidente?

Maigret entrou no bar da esquina como se estivesse na sua casa e reconheceu vários rostos que vira na audiência, dois jurados inclusive.

– *Have a drink!* Você teve um caso parecido na França, não foi? Um magistrado que foi encontrado assassinado numa via férrea. Como era mesmo nome dele?

– Prince! – resmungou Maigret bem-humorado.

O nome chamou sua atenção porque no caso Prince também havia uma história de punhos amarrados com uma corda.

– Como terminou?

– Nunca terminou.

– Você tem uma ideia do que aconteceu?

Ele tinha, mas preferia não comentá-la, porque sua opinião sobre o caso lhe causara muitos aborrecimentos e ataques de uma parte da imprensa.

– Falou com Mike? Você o conhece, não é mesmo? Ele é o chefe dos investigadores e trata dos casos importantes pessoalmente. Quer que o apresente?

– Ainda não.

– Nesse caso, vamos comer um bife acebolado e depois eu o deixo no County House na hora da sessão.

– Não vai acompanhar o caso?

– Eu já disse que não tenho nada com isso.

– Nem está interessado?

– A gente não pode se interessar por tudo, não é mesmo? Se eu fizer o trabalho de Mike O'Rourke quem vai fazer o meu? Amanhã, talvez depois de amanhã, vou conseguir finalmente pôr a mão nos vinte milhões de dólares de drogas que entraram na região há uma semana.

– Como sabe disso?

– Pelos nossos agentes do México. Eu até sei quem a vendeu, a que preço, o dia. E acho que também sei em que caminhão a droga foi transportada até Tucson. A partir daí estou boiando.

A garçonete da cafeteria era jovem e bonita. Era uma loura bem robusta, devia ter uns vinte anos. Cole chamou-a:

– *Hello, Doll!*

E para Maigret:

– Ela estuda na universidade. Está tentando conseguir uma bolsa para terminar o curso em Paris.

Por que o comissário sentiu necessidade de ser grosseiro? O que era esse mau humor que sentia assim que via Harry Cole?

– O que aconteceria se eu desse um beliscão na bunda dela? – perguntou, lembrando-se das garçonetes dos pequenos bistrôs franceses.

Seu colega pareceu surpreso, olhou para ele longamente, como se estivesse refletindo com toda seriedade.

– Não sei – confessou finalmente. – Você não quer experimentar? Doll!

Será que ele realmente esperava que Maigret esticasse a mão enquanto a moça se debruçava sobre a mesa, o uniforme branco inflado pelo corpo vigoroso?

– Sargento Mullins!

Mais um solteiro. No grupo, Ward era o único que era casado e pai de família.

Teria chegado a vez de Dan Mullins assumir o papel de assassino?

– Conte o que aconteceu no dia...

Embora fosse mais quente, Maigret preferia a pequena sala àquela do primeiro andar. Era mais íntima. E Ezequiel, que aqui se sentia como se estivesse em casa, era mais pitoresco.

Ezequiel era o pião da escola, o *coroner* era o professor e o defensor público um inspetor que fazia suas rondas.

Talvez tivessem decidido, finalmente, fazer as perguntas fundamentais? O sargento Ward confessara que sentia ciúmes do amigo Mullins. Bessy estava com ele quando a surpreendera na cozinha do músico.

No entanto, as perguntas foram ignoradas mais uma vez. Cinco homens e uma moça haviam passado uma boa parte da noite juntos. Todos, exceto o chinês, estavam alcoolizados e superexcitados. Quatro dos cinco homens eram solteiros e agora Maigret sabia como eram raras as ocasiões para satisfazerem suas necessidades sexuais. Quanto a Ward, que era do tipo ciumento, ele parecia obcecado por Bessy.

Nem uma palavra. Sempre as mesmas eternas perguntas. O próprio *coroner* parecia não dar a menor importância para as perguntas que fazia enquanto desviava o olhar para outro lugar, na maioria das vezes para o teto. Ouviria as respostas, pelo menos?

O único que tomava notas e parecia interessado no caso era Mike O'Rourke, o Maigret do condado. Sentada atrás do comissário, a mulher negra dava de mamar no seio ao bebê, e seu grupo fora acrescido de uma menina e outra mulher negra. Se o inquérito ainda se prolongasse muito, a tribo inteira encheria a sala do tribunal.

– O senhor já encontrara Bessy antes?

– Uma vez, senhor.

– Ela estava sozinha?

– Eu estava com Ward quando ele a conheceu no drive-in. Eu me separei deles quando foram embora de carro por volta das três da manhã.

– O senhor sabia que o sargento pretendia se divorciar para casar com ela?

– Não, senhor. Não sabia nada sobre isso.

– O que aconteceu quando o carro parou logo depois do campo de aviação?

– Descemos todos do carro. Eu me afastei por causa do problema de...

De latrinas, todo mundo já sabia! Começava a ser uma imagem obsessiva: cinco homens e uma mulher espalhados em volta do

carro, evacuando todo o líquido que haviam engolido durante a noite!

– Estava sozinho quando se afastou?

– Sim, senhor.

– Viu o sargento Ward?

– Eu o vi desaparecer com Bessy na escuridão.

– Eles voltaram juntos?

– Ward voltou e sentou atrás do volante. Depois disse, impaciente: “Que essa mulher vá para o inferno! Isso lhe servirá de lição!”

– Desculpe, mas Ward pronunciou essa frase na primeira parada?

– Sim, senhor. Não paramos mais antes de Tucson.

– Bessy não pediu a Ward para acompanhá-la sob o pretexto que precisava falar com ele?

– Antes, sim.

– Antes do quê?

– Quando o carro parou. Ela disse para Ward que não queria continuar, e Ward diminuiu a marcha do carro. Depois ela acrescentou: “Vem. Preciso falar com você”.

– Na primeira parada?

– Não houve outra parada.

O silêncio foi bem demorado. As costas dos quatro soldados estavam imóveis. O *coroner* suspirou.

– E depois?

– Depois voltamos para a cidade e deixamos os outros três.

– Por que ficou com Ward?

– Porque ele me pediu.

– Quando?

– Não lembro.

– Ele disse que tinha a intenção de buscar Bessy?

– Não, mas eu percebi que ele ia fazer isso.

– O senhor ofereceu um cigarro para ele?

– Não. Durante o trajeto Ward pediu para tirar o maço do bolso dele. Tirei um cigarro e acendi para ele.

– Era Chesterfield?

- Não, senhor. Camel. Havia três ou quatro cigarros no maço.
- O senhor também acendeu um?
- Acho que não. Não lembro. Adormeci.
- Antes que o carro parasse?
- Acho que sim, ou logo depois. Quando Ward me acordou vi um poste telegráfico e um cacto perto do carro.
- Nenhum de vocês saiu do carro?
- Não sei se Ward desceu. Ele me levou para a casa dele, me jogou um travesseiro e disse que eu podia dormir no sofá.
- O senhor viu a esposa dele?
- Naquele instante, não. Ouvi os dois conversando.
- Em resumo, vocês retomaram a estrada para ir atrás de Bessy e não desceram do carro.
- Isso mesmo, senhor.
- Cruzaram com outros carros? O senhor ouviu algum trem?
- Não, senhor.

Todos aqueles rapagões, grandes e fortes, tinham entre 18 e 23 anos. Bessy, que estava apenas com 17 anos, já tinha casado, divorciado e, agora, estava morta.

– Recesso!

Quando passou na frente de um escritório envidraçado, Maigret ouviu o defensor público dizer no telefone: “Sim, doutor. Daqui a pouco. Obrigado. Aguardaremos...”.

Sem dúvida tratava-se do médico-legista que fizera a autópsia e que seria a próxima testemunha. Ele devia estar ocupado, porque a pausa prolongou-se por mais de meia hora. E o *coroner* teve tempo de fazer desfilar cinco ou seis delinquentes comuns.

O defensor público e Mike O’Rourke, que conversavam animadamente num canto do corredor, chamaram o oficial que acompanhava os cinco homens para uma consulta. Pouco depois, os dois se trancavam no escritório com a placa “Privado”, e o *coroner* juntou-se a eles.

CAPÍTULO IV

O HOMEM QUE DAVA CORDA NOS RELÓGIOS

UM DOS TIOS DE MAIGRET, irmão de sua mãe, tinha uma mania. Assim que entrava num aposento onde havia um relógio, qualquer tipo de relógio, grande ou pequeno, fosse um relógio antigo, de pêndulo, com caixa envidraçada, ou um despertador em cima da lareira, ele parava de prestar atenção na conversa até o instante em que podia, finalmente, aproximar-se dos relógios e dar corda neles.

Ele fazia isso em todos os lugares, até durante uma visita na casa de pessoas que ele mal conhecia. E também agia da mesma forma quando entrava numa loja para comprar um lápis ou pregos.

No entanto, ele não era relojoeiro, mas um funcionário do Departamento de Registros.

Será que Maigret puxara ao tio? Cole deixara para ele um envelope com um bilhete e uma chave achatada na recepção do hotel.

Meu caro Julius,

Precisei dar um pulo no México de avião. Estarei de volta amanhã, provavelmente. Meu carro está no estacionamento do hotel. A chave está no envelope. Um abraço.

O que teria pensado dele, o que teria pensado a polícia francesa, se soubessem que nunca aprendera a dirigir?

Aqui, os homens da sua idade pilotavam pessoalmente seus aviões particulares. Quase todos os rancheiros, que, na realidade, não passavam de grandes fazendeiros, possuíam seu avião particular, que costumavam usar para ir à pesca aos domingos.

Além disso, muitos utilizavam um helicóptero para espalhar produtos químicos nas plantações.

Como não estava com vontade de jantar sozinho no restaurante do hotel, Maigret saiu para caminhar um pouco. Há muito tempo que sentia vontade de caminhar pelas ruas, mas nunca tivera oportunidade. Para percorrer dois *blocks*, como diziam, ou seja, duas quadras, eles pegavam o carro.

Maigret passou na frente de uma bela mansão de estilo colonial cujas colunas brancas se erguiam no centro de um gramado bem cuidado. Na noite anterior, vira brilhar a placa de néon: *Caroon. Mortuary*. Caroon era o proprietário de uma funerária.

O melhor enterro pelo melhor preço.

Todas as noites ele patrocinava meia hora de música suave no rádio. Era ele quem embalsamava os mortos. Quando Maigret contara que, na França, os mortos eram colocados na terra sem serem esvaziados como se fossem peixes ou galinhas, todos haviam olhado para ele com um nojo mal disfarçado.

O pequeno médico, magro e nervoso, que parecia estar com muita pressa, não dissera grande coisa no inquérito do *coroner*. Ele falara da cabeça "completamente escarpada", dos dois braços cortados, "da confusão de pedaços de carne que haviam trazido para ele".

– O senhor verificou a causa da morte?

– Não há dúvida de que a morte foi provocada pelo choque com a locomotiva. O crânio foi arrancado como se fosse a tampa de uma caixa, e pedaços do cérebro foram encontrados a vários metros.

– O senhor afirma que Bessy ainda estava viva no momento do choque?

– Sim, senhor.

– Ela não poderia estar inconsciente por causa de uma surra ou pela ingestão de drogas?

– É possível.

– O senhor encontrou vestígios de golpes que teriam sido aplicados antes de sua morte?

– No estado em que o corpo se encontrava uma constatação desse tipo seria impossível.

E era tudo. Nenhuma alusão às pesquisas de conteúdo mais íntimo que deveriam ter sido feitas.

Maigret era praticamente a única pessoa que caminhava pelas calçadas do centro da cidade. O mesmo acontecera em todas as cidades americanas onde estivera. Ninguém morava no coração da cidade. Assim que os escritórios e as lojas fechavam suas portas, a multidão refluía para os bairros residenciais, deixando as ruas quase desertas, embora as vitrinas ficassem iluminadas toda a noite.

Quando passou na frente de um drive-in, sentiu vontade de comer um cachorro-quente. Uma meia dúzia de carros enfileirados em leque estavam estacionados na frente da porta, e duas moças serviam os ocupantes. Havia uma espécie de balcão no interior do drive-in, com tamboretas altas fixados no chão. Mas lhe pareceu vergonhoso ter vindo a pé até ali e sentar naquele balcão.

Durante o dia, Maigret tinha várias vezes essa impressão. Aquelas pessoas tinham tudo. Em qualquer cidadezinha os carros eram tão numerosos e tão luxuosos como no Champs-Élysées. Todo mundo usava roupas e sapatos novos. Os sapatos de solas gastas pareciam ser totalmente desconhecidos. A multidão tinha um aspecto aseado e próspero. As casas também eram novas, repletas de aparelhos aperfeiçoados. Eles tinham tudo, essa era a palavra.

No entanto, cinco rapagões de vinte anos haviam sido intimados a se apresentarem diante do *coroner* porque passaram a noite bebendo com uma moça que um trem havia estraçalhado depois.

O que é que ele tinha com isso? Ele não estava aqui para se preocupar com o caso. Esse tipo de viagem de estudos que lhe haviam oferecido depois de tantos anos era mais uma viagem de prazer. Ele só precisava deixar-se levar a passeio de cidade em cidade, aceitar bons jantares, uísques e coquetéis, distintivos de xerife suplente e ouvir as histórias que lhe contavam.

Era mais forte do que ele. Ele estava tão ansioso como na França, quando mergulhava num caso complicado que precisava resolver a qualquer preço.

Muito bem, eles tinham tudo. No entanto, os jornais estavam repletos de matérias sobre todo tipo de crimes. Em Phoenix haviam acabado de prender um bando de gângsteres cujo membro mais velho tinha quinze anos e o mais jovem doze. No Texas, um estudante de dezoito anos, casado, matara a irmã da esposa no dia anterior. Uma adolescente de treze anos, também casada, acabara de dar a luz a gêmeos, enquanto o marido cumpria pena de prisão por roubo.

Maigret dirigiu-se automaticamente para o Penguin Bar. Quando percorrera o caminho de carro tivera a impressão de que não era longe. Agora, percebia melhor a extensão da cidade e começava a se lamentar de não ter tomado um táxi, porque suava em bicas.

Eles tinham tudo. Então, por que na noite anterior as pessoas pareciam tão desanimadas no Penguin?

Teria Maigret puxado ao tio que dava corda nos relógios, inclusive naqueles que não lhe pertenciam? Era a primeira vez que pensava no tio dessa maneira e talvez tivesse descoberto a verdadeira razão da mania do velho. Ele devia ter fobia de relógios parados. Em contrapartida, um relógio que funciona pode parar a qualquer momento. As pessoas são descuidadas, esquecem de dar corda na engrenagem.

Era instintivo: ele o fazia no seu lugar.

Maigret sempre sentia um mal-estar quando pressentia que algo estava errado. Então, tentava entender, metia o nariz em todos os cantos, farejava.

O que havia de errado naquele país onde tinham tudo?

Os homens eram grandes e fortes, bem-apessoados, asseados e, em geral, estavam sempre de bom humor. Quase todas as mulheres eram bonitas. As lojas transbordavam de mercadorias, e as casas eram as mais confortáveis do mundo, havia cinemas em todas as esquinas, jamais se via um mendigo, e todos pareciam desconhecer a miséria.

O embalsamador pagava por um programa de música no rádio, e os cemitérios eram lugares tão agradáveis que não sentiam

nenhuma necessidade de cercá-los com muros e grades, como se as pessoas tivessem medo dos mortos.

Em volta das casas também havia gramados e, naquele instante, homens em mangas de camisa, ou de peito nu, regavam a grama e as flores. As casas não eram separadas nem por cercas nem por arbustos.

Eles tinham tudo, caramba! Eles se organizavam de forma científica para que a vida fosse o mais agradável possível e, assim que se despertava, o rádio desejava, afetuosamente, que tivesse um dia feliz em nome de uma marca de aveia, e não esquecia seu aniversário na data marcada.

Então por quê?

Sem dúvida era por causa dessa pergunta que ele se agarrava daquela forma àqueles cinco homens que nunca vira mais gordos antes, àquela Bessy que morrera e de quem ele nem vira uma fotografia, e aos outros personagens que desfilavam no inquérito.

Muitas coisas variavam de um país a outro. Outras eram iguais em todas as partes do mundo.

Mas, talvez, não seria a miséria aquela que muda mais de cor além das fronteiras?

Aquela dos bairros pobres de Paris, dos pequenos bistrôs da Porte d'Italie ou de Saint-Ouen, a miséria imunda da zona e a miséria pudica de Montmartre ou Père-Lachaise eram familiares para Maigret. E também a miséria definitiva do cais, e da Place Maubert ou de l'Armée du Salut.

Era uma miséria que Maigret podia compreender, da qual podia encontrar a origem e acompanhar a progressão.

Aqui, ele desconfiava que havia uma miséria sem trapos, bem lavada, uma miséria com banheiros, que lhe parecia mais dura, mais implacável, mais desesperada.

Finalmente empurrou a porta do Penguin e sentou-se num dos altos tamboretas do balcão do bar. O barman, que o reconhecera e recordava o que bebera na noite anterior, sugeriu cordialmente:

– Manhattan?

Maigret aceitou. Para ele tanto fazia. Eram somente oito horas da noite. A noite alta ainda não começara, mas já havia umas vinte

peessoas matando a sede no balcão, e algumas mesas dos compartimentos estavam ocupadas.

Uma moça vestida de calças e camiseta branca servia no salão. Ele não a vira no dia anterior. Seguiu-a com os olhos. As calças, de gabardine preta muito fina, moldavam os quadris e as coxas a cada passo que dava. Ela parecia ter saído de um painel publicitário, de uma folhinha de parede ou de uma revista de cinema.

Quando terminou de servir, enfiou cinco centavos na caixa de música e escolheu uma canção sentimental.

Depois, recostou-se num dos cantos do bar e começou a sonhar.

Não havia varandas para beber o aperitivo e olhar as pessoas que passavam no sol poente enquanto respirava o aroma das castanheiras.

Bebia-se, mas para isso era preciso trancafiar-se nos bares fechados aos olhares, como para satisfazer uma necessidade vergonhosa.

Seria por isso que se bebia mais?

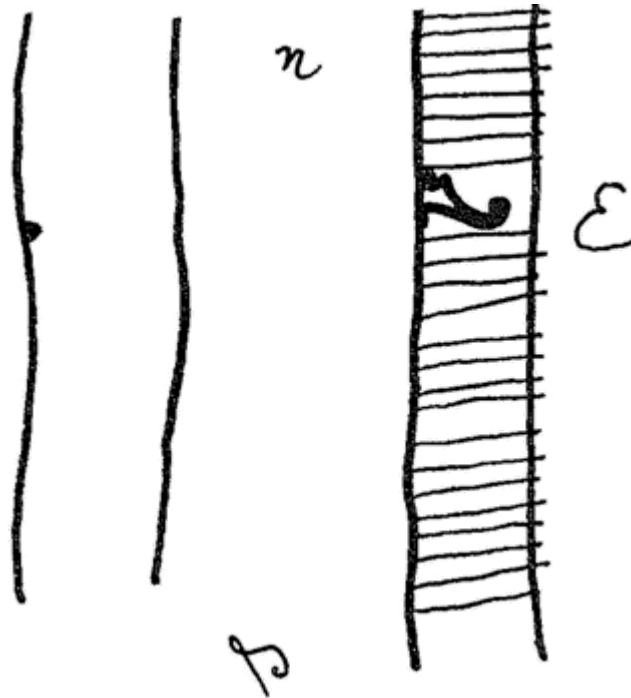
O mecânico do trem fora o último a ser interrogado. Um homem de meia-idade, bem-vestido, que no início Maigret confundiu com um funcionário da ferrovia.

– Quando vi o corpo era tarde demais para parar o trem, eu estava puxando 68 vagões carregados.

Frutas e legumes do México nos vagões frigoríficos. Outros produtos chegavam de todas as partes do mundo. Centenas de navios ancoravam nos portos diariamente.

Eles tinham de tudo.

ESBOÇO DO MECÂNICO



– Já era dia? – perguntara o defensor público.

– Começava a amanhecer. Ela estava atravessada sobre os trilhos

Trouxeram um quadro-negro. Ele riscou duas linhas com o giz e entre elas desenhou algo parecido com uma boneca.

– Esta é a cabeça.

Nem a cabeça nem os membros tocavam os trilhos.

– Ela estava deitada de costas, com os joelhos levantados, como no desenho. Isto é um braço, e o outro, o que foi arrancado, está aqui.

Maigret olhava para os ombros dos cinco soldados, principalmente para os ombros de Ward, que talvez tivesse amado Bessy. Será que Ward, ou um dos seus colegas, fizera amor com Bessy naquela noite?

– O corpo foi arrastado por uma distância de cerca trinta metros.

– O senhor conseguiu ver se ela ainda estava viva antes do choque?

– Não sei se estava, senhor.

– O senhor conseguiu ver se os punhos estavam amarrados?

– Não, senhor. Como o senhor pode ver no desenho, as duas mãos estavam debaixo da barriga.

E, bem rápido, num tom de voz mais baixo:

– Quem juntou os pedaços que estavam ao longo dos arbustos fui eu.

– É verdade que encontrou uma corda?

– Sim, senhor. O pedaço não tinha mais do que quinze centímetros. Na linha do trem a gente encontra toda espécie de objeto.

– A corda estava perto do corpo?

– A um metro, talvez.

– O senhor encontrou mais alguma coisa?

– Encontrei, sim senhor.

Ele começou a procurar nos bolsos até tirar um pequeno botão branco.

– É o botão de uma camisa. Eu o enfiei automaticamente no bolso.

O maquinista entregou o botão ao *coroner*, que o passou para o defensor público, mas foi O'Rourke quem o mostrou aos jurados. Depois o colocou diante dele em cima da mesa.

– Como Bessy estava vestida?

– Ela usava um vestido bege.

– Com botões brancos?

– Não, senhor. Os botões também eram bege.

– Vocês eram quantos homens no trem?

– Cinco ao todo.

Harold Mitchell, o irmão, levantou-se novamente. Recebeu permissão para falar.

– Peço que os outros quatro sejam ouvidos.

O ajudante de mecânico fora quem afirmara ter visto, ou achado que vira, uma corda amarrada em volta dos punhos de Bessy antes do choque.

– Recesso!

Nisso tudo, acontecera um fato que Maigret não entendera muito bem. Num dado momento, o defensor público se levantara e conversara com o *coroner*, mas o comissário só conseguira ouvir

algumas palavras do que disseram. O *coroner*, por sua vez, respondera alguma coisa que Maigret também não conseguira ouvir.

Por outro lado, quando todos começavam a sair do tribunal, ao invés de seguirem o oficial como na véspera, os cinco soldados foram levados para o fundo do corredor pelo xerife suplente com o grande revólver na cintura.

Curioso, Maigret foi dar uma espiada. Viu uma porta de ferro espessa, uma grade e, atrás dessa grade, outras grades, que pertenciam às celas da cadeia.

Quando voltou para a colunata aproximou-se de um dos jurados.

– Eles foram presos?

O homem não entendeu a pergunta imediatamente por causa do sotaque.

– Foram, porque provocaram um ato de delinquência juvenil.

– O chinês também?

– Ele pagou uma garrafa!

Ou seja, eles estavam na cadeia porque haviam permitido que Bessy bebesse, a mesma que, aos dezessete anos, havia sido casada, estava divorciada e costumava, de uma certa forma, prostituir-se.

Maigret sabia que quando um homem está viajando ele se torna sempre um pouco ridículo porque deseja que tudo seja como no seu país.

Talvez tivessem chegado a alguma conclusão? Talvez esse inquérito do *coroner* não passasse de uma mera formalidade e o inquérito verdadeiro estivesse acontecendo em outro lugar?

Ele teve a prova disso naquela noite. Quando um dos fregueses do bar se levantou e saiu cambaleando depois de gritar boa-noite ao pessoal, Maigret viu O'Rourke, que o homem até então escondera.

O'Rourke estava sentado num dos compartimentos com uma garrafa de cerveja na sua frente. A garçonete se juntara a ele e sentara ao seu lado. Os dois pareciam bons amigos. O chefe dos investigadores havia oferecido uma bebida para ela e, enquanto conversavam, acariciava seu braço.

Conheceria Maigret de vista? Teria Harry Cole o apontado para O'Rourke enquanto estava no meio do público que assistia ao inquérito?

O comissário ficou contente em ver seu colega no bar. E ele? Também costumava agir assim? Maigret não tinha a menor dúvida de que não era a primeira vez que O'Rourke vinha ao Penguin.

O'Rourke não estava brincando de polícia. Estava solidamente instalado no seu canto. Em vez do cachimbo fumava cigarros. E teve um gesto surpreendente: num dado momento acendeu um cigarro, deu algumas baforadas e depois o passou para a moça com a maior naturalidade, e ela o colocou entre os lábios.

Teria ela estado aqui na noite em que Bessy morreria? Provavelmente. Ela devia trabalhar ali todas as noites. Ela os servira.

O'Rourke disse algo engraçado, ela riu. Ela foi servir um casal que acabara de chegar e depois se sentou novamente ao seu lado.

Ele parecia cortejá-la. O'Rourke era ruivo, cabelo cortado à escovinha, rosto avermelhado.

Por que Maigret não ia sentar-se com eles? Ele só tinha que se apresentar.

Para sua surpresa, pediu ao barman:

– *Un demi!*

Mas logo se corrigiu:

– Uma cerveja!

A cerveja era forte, como na Inglaterra. Muitos desprezavam o copo e bebiam diretamente da garrafa.

Ao lado de Maigret havia uma máquina de vender cigarros, parecida com as máquinas que vendiam barras de chocolate no metrô de Paris.

O que estava errado?

Quando mencionara o recrutamento do exército, Harry Cole dissera:

– Entre outras coisas há muitas “paroles”.

Como Maigret não entendera, explicou:

– Aqui, quando um homem é condenado a dois, cinco ou mais anos de prisão, não significa que passará toda a sentença na

penitenciária. Depois de algum tempo, às vezes poucos meses, se ele se comportar de modo satisfatório, ele é solto sob *parole*. Ele está livre, mas é obrigado a prestar contas dos seus atos a um oficial da polícia, no início diariamente, depois uma vez por semana, até chegar a uma vez por mês.

– Há muitos reincidentes?

– Não sei as estatísticas de cabeça. O FBI se queixa que concedemos liberdade sob *parole* com muita facilidade. Alguns cometem um roubo ou um assassinato poucas horas depois de serem soltos. Outros preferem se alistar no exército, o que os livra automaticamente da vigilância do oficial da polícia.

– Ward está incluído nesse caso?

– Não creio. Mas parece que Mullins foi condenado várias vezes por delitos menores. Principalmente por lesão corporal. Ele é de Michigan. O pessoal de lá é valentão.

Isso era outra coisa que deixava Maigret desnorteado. As pessoas quase nunca eram do lugar onde se encontravam. Em Tucson, o *coroner*, que era ao mesmo tempo o juiz de paz, era de Maryland, mas terminara seus estudos na Califórnia. O mecânico que se apresentara há pouco era do Tennessee, e o barman devia vir direto do Brooklyn.

E lá em cima, nas grandes cidades do norte, havia as favelas, as zonas pobres com suas casas quadradas como casernas onde os homens se tornavam duros e os meninos de rua formavam gangues de bairros.

No sul, nos bairros da periferia das cidades, as pessoas moravam em barracos de madeira no meio do lixo.

Maigret sabia que isso não explicava tudo. Havia algo mais e, enquanto bebia sua cerveja, observava de longe, com o olhar fixo e obstinado, seu colega e a garçonete.

Em um dado momento perguntou-se se, na realidade, O'Rourke não estava ali para vigiá-lo. Não era impossível. Apesar de dar a impressão de brincar com a vida e as pessoas, Harry Cole poderia ter imaginado que passaria no Penguin naquela noite. Talvez ninguém quisesse que ele metesse o nariz naquela história?

Ele precisava parar de beber. Mas o que mais podia fazer? Ele não podia passar uma hora na frente de um copo, como se estivesse na varanda de um café. Nem podia perambular sozinho pelas ruas intermináveis. E não estava com vontade de ir ao cinema, nem de se trancafiar no quarto do hotel.

Ele fazia como os outros. Quando o copo esvaziava, ele fazia um sinal para o barman, que o enchia novamente, dizendo a si mesmo que amanhã de manhã bastaria usar a garrafa azul do drugstore para ficar em forma novamente.

Maigret anotara o endereço da casa onde Bessy morava com Erna Bolton. Finalmente, deixou-se escorregar do tamborete alto e saiu, caminhando pelo bairro, tentando decifrar o nome, ou melhor, o número das ruas.

Assim que deixou para trás o bairro comercial com suas vitrinas iluminadas, surgiram as ruas obscuras e as casas separadas umas das outras por gramados.

Será que as pessoas não fechavam as janelas nem as cortinas de propósito?

Todas as casas tinham uma varanda na frente e, em quase todas, viam-se famílias que se embalavam em cadeiras de balanço.

Nos aposentos iluminados deparava-se muitas vezes com uma vida mais íntima, casais jantando, mulheres se penteando, homens lendo o jornal, e de todos cômodos ouvia-se o som de um rádio.

A casa de Bessy e Erna Bolton ficava na esquina da rua. Era térrea. Estava iluminada. Bonita, quase luxuosa. Harold Mitchell e o músico estavam sentados no sofá e fumavam um cigarro enquanto Erna, de penhoar, servia sorvete para eles.

Maggie Wallach não estava. Talvez estivesse trabalhando no drive-in, servindo cachorros-quentes e pratos de espaguete aos motoristas.

Não havia mistério algum. Todos pareciam viver em plena luz do dia. Não havia sombras inquietantes roçando as casas nem cortinas fechadas sobre interiores calafetados. Havia somente esses carros que iam para Deus sabe onde, sem jamais buzinar, que

paravam de repente nos cruzamentos assim que o sinal mudava do verde para o vermelho, e depois partiam, reto em frente.

Maigret não jantou naquela noite. Quando voltou para o centro da cidade, os drugstores, onde pensara comer um sanduíche, estavam fechados. Tudo, exceto três cinemas e os bares, estava fechado.

Então, um pouco envergonhado, entrou num daqueles bares, e depois em outro. Cumprimentava o barman com familiaridade, como vira os outros fazerem, e sentava em cima de um dos tamboretos altos do bar.

Em todos reinava a mesma música ensurdecadora. Ao longo do balcão, aparelhos niquelados ligados à máquina dos discos engoliam moedas de cinco centavos. Girava-se um ponteiro até pará-lo em cima da música que se desejava.

Talvez fosse a explicação?

Ele estava sozinho e fazia aquilo que um homem sozinho faz. Quando voltou para o hotel sentia-se terrivelmente pesado, amargo. Dirigiu-se para o elevador, mas deu meia-volta para colocar a chave do carro de Cole no escaninho. Seu colega talvez precisasse do carro amanhã bem cedo.

– *Good night, sir!*

Good night! Na mesa de cabeceira havia uma Bíblia. Em centenas, milhares, de quartos de hotel a mesma Bíblia de capa preta aguardava o viajante.

Em resumo: ou o bar ou a Bíblia!

As aulas haviam recomeçado no andar superior e, enquanto aguardavam a chamada de Ezequiel, as pessoas passeavam na galeria sob um sol escaldante já de manhã.

Todos usavam uma camisa limpa, e um banho de chuveiro lavara os nevoeiros da noite.

E assim, todas as manhãs, recomeçava-se uma nova vida, sorrindo.

Quando entrou na sala, Maigret teve uma pequena surpresa ao ver os cinco rapagões sem o uniforme da Força Aérea, mas usando conjuntos de calça e camisa bem largos de um tecido azul, que lembravam um pouco um pijama e deixavam o pescoço completamente livre.

De repente, não se pareciam mais com meninos bem-comportados. Percebia-se melhor a irregularidade dos traços, algumas assimetrias inquietantes.

Haviam trazido o quadro-negro, que seria utilizado outra vez, do andar de baixo, e ainda se via a pequena boneca entre as duas linhas riscadas com giz que representavam os trilhos do trem.

– Elias Hansen, da Southern Pacific.

Não era um dos homens do trem que Mitchell pedira para ser chamado. Com muita calma, num tom de voz alto e homogêneo, Hansen explicou qual era sua profissão. Ele trabalhava como investigador para a companhia ferroviária cada vez que havia um roubo, um acidente ou uma morte violenta.

O investigador certamente era de origem escandinava. Dava a impressão de saber o que fazia. Os inquéritos do *coroner* não lhe eram estranhos e, sem que ninguém pedisse, se dirigia para os jurados com ares de professor que explica um problema difícil.

– Moro em Nogales. Fui avisado por telefone pouco antes das seis da manhã. Cheguei no local de carro às 6h28.

– Viu outros carros perto do local do acidente?

– A ambulância continuava lá e também quatro ou cinco carros, uns eram viaturas da polícia, outros de curiosos. Um xerife suplente impedia que as pessoas se aproximassem da via férrea.

– O trem ainda estava lá?

– Não. Encontrei o xerife Atwater, que chegara antes de mim.

Ele apontou para alguém sentado no meio do público, que Maigret já observara, mas não sabia que era um colega.

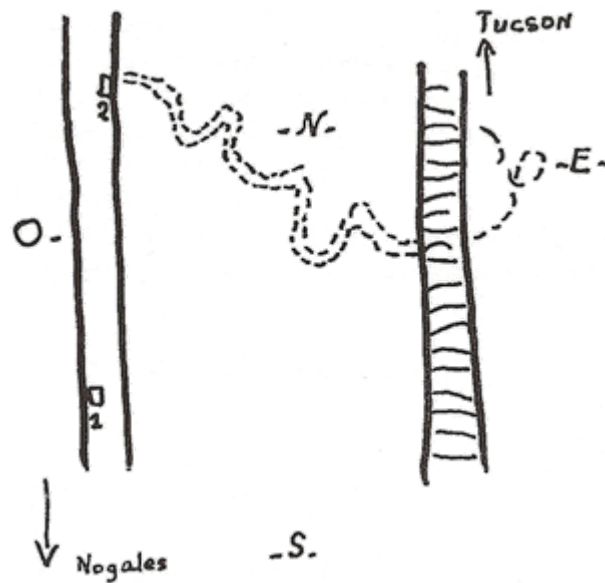
– O que fez então?

O homem levantou, caminhou muito à vontade até o quadro-negro e pegou um pedaço de giz.

– Posso apagar?

Em seguida, rabiscou novamente a linha do trem, desenhou os quatro pontos cardeais e a direção para Tucson e Nogales.

ESBOÇO DE HANSEL



– Aqui, neste lugar, Atwater me mostrou marcas de pneus que indicavam que um carro havia freado bruscamente antes de estacionar no acostamento da estrada. Como sabem, o acostamento é arenoso. Encontramos pegadas muito nítidas que partiam do carro, e as seguimos.

– As pegadas eram de quantas pessoas?

– De um homem e uma mulher.

– O senhor pode descrever aproximadamente a trajetória das pegadas no quadro-negro?

Hansen desenhou uma linha pontilhada.

– Tivemos a impressão de que o homem e a mulher caminhavam lado a lado e que não seguiam em linha reta. Deram várias voltas antes de chegarem na via férrea e pararam pelo menos duas vezes. Depois, passaram pelo barranco aqui, que vou marcar com uma cruz. Do outro lado, a uma certa distância dali, perdemos a pista porque o solo é duro e pedregoso. Retomamos a

pista em sentido contrário, perto do lugar onde a mulher foi atropelada pelo trem. Não encontramos pegadas no barranco, que é feito de um monte de pedras, mas reencontramos as pegadas da mulher a alguns metros dali.

– As do homem não?

– As do homem também, mas elas não eram exatamente paralelas às da mulher. Aqui, neste ponto, alguém urinou, o que era perfeitamente visível na areia.

– O senhor observou se em algum momento as pegadas se superpunham?

– Sim, senhor. Aqui, e novamente aqui, as pegadas de um dos pés do homem se superpõem às da mulher, como se o homem tivesse ficado atrás da sua companheira.

– O senhor encontrou pegadas de homem na volta, ou seja, na direção da estrada?

– Não de modo exato e contínuo. A partir deste ponto as pegadas se multiplicam e se confundem, certamente por causa das pessoas do trem, depois a ambulância e a polícia.

– O senhor trouxe o pedaço de corda que o mecânico mencionou?

Hansen tirou-o do bolso imediatamente. Era um pedaço de corda qualquer, e era evidente que o investigador não lhe dava a menor importância.

– Aqui está. Encontrei outro pedaço a uns cinquenta metros do local.

– Alguma pergunta, defensor público?

– Quantas pessoas havia quando chegou no local?

– Umas doze, talvez...

– Outros já haviam começado a investigar?

– O xerife suplente Atwater e acho que o sr. O'Rourke também.

– O senhor encontrou alguma coisa?

– Encontrei uma bolsa de mulher de couro branco a uns quatro ou cinco metros da linha do trem.

– Do lado das pegadas?

– Do lado oposto. A bolsa estava meio enterrada no chão arenoso, como se, no momento do choque, tivesse sido jogada com violência. Já vimos isso antes. É o resultado da força centrífuga.

– O senhor abriu a bolsa?

– Eu a entreguei ao xerife O'Rourke.

– Sua investigação se limitou a isso?

– Não, senhor. Examinei a estrada na direção de Tucson e Nogales num raio de cerca oitocentos metros. Na direção de Nogales, uns 150 metros depois, encontrei marcas de pneus muito nítidas, que indicavam que um carro parara no lado direito do acostamento. Na estrada havia muitas marcas de passos e rastros de pneus que indicavam que o carro dera meia-volta naquele local.

– Essas marcas eram idênticas às daquelas do primeiro carro que o senhor mencionou?

– Não, senhor.

– Como pode ter certeza?

Hansen tirou um papel do bolso e enumerou as marcas de pneus do carro que dera meia-volta. De fato, os rastros dos quatro pneus, usados, eram de marcas diferentes.

– O senhor sabe a que carro pertenciam?

– Mandei verificar. São os pneus do Chevrolet de Ward.

– E os pneus do carro do qual partem os passos de uma mulher e um homem?

– Acho que o xerife não terá dificuldade para encontrar o carro. Trata-se de uma marca de pneus que só é vendida a prazo, em mensalidades.

– O senhor examinou o táxi que foi até o local levando os cabos Van Fleet e Wo Lee e o sargento?

– Sim, senhor. Não são do táxi. O táxi tem pneus Goodrich.

– Alguma pergunta, senhores do júri?

Recesso. Maigret acendeu o cachimbo, e Ezequiel, que acendia o seu, piscou um olho para ele em cumplicidade. O xerife suplente, aquele com o revólver enorme e o cinto carregado de balas, levou os cinco homens vestidos de uniformes de prisioneiros até a galeria

e lá eles entraram, um de cada vez, no banheiro, onde o comissário se encontrou ao mesmo tempo com Ward e Mitchell.

Estaria enganado? No momento em que abriu a porta do banheiro, teve a impressão de que o sargento Ward e o irmão de Bessy ficaram em silêncio de repente.

CAPÍTULO V

O DEPOIMENTO DO MOTORISTA DE TÁXI

DURANTE O MESMO RECESSO, Maigret aproximou-se de Mitchell, que estava parado num canto da galeria no andar térreo, perto da grande caixa vermelha de Coca-Cola.

Maigret se sentia tão deslocado como um interiorano que aborda uma bela mulher numa rua de Paris. Primeiro olhou para os cantos, tossiu e depois assumiu um ar tão indiferente quanto era possível.

– Você tem uma fotografia da sua irmã?

Então, em poucos segundos, aconteceu um fenômeno que o comissário conhecia muito bem. Mitchell já não tinha um aspecto muito simpático. Imediatamente ficou igual a todos os valentões, e lembrou-o tanto dos maus elementos de Paris como dos gângsteres dos filmes americanos. Era uma defesa primitiva que se enraizava nessas pessoas, igual à que pode ser observada nos animais quando, de súbito, ficam imóveis, alertas, tensos, o pelo eriçado.

Um olhar pesado, imóvel, fixou-se em cima do gordo Maigret, que se esforçou para manter uma atitude natural.

Um pouco covardemente, para lisonjear seu interlocutor, acrescentou:

– Parece que há um bocado de perguntas que eles não querem fazer a você.

O outro continuava desconfiado, tentava entender.

– Parece que querem que seja um acidente.

– É verdade.

– Eu sou do ramo. Trabalho para a polícia francesa. Esse caso me interessa em particular. Eu gostaria de ver uma fotografia da sua irmã.

Os meninos maus são iguais em todo lugar. Com a diferença que aqui eles não eram insolentes, porém mais amargurados.

– Quer dizer então que o senhor não acredita, como esses filhos de uma cadela, que ela se deitou em cima dos trilhos do trem de propósito para que o trem passasse por cima dela?

Percebia-se que estava carregado de rancor. Acabou largando a garrafa de Coca-Cola no chão e tirou uma carteira recheada e usada do bolso.

– Pegue, foi tirada há três anos.

Não era uma boa fotografia; havia sido tirada na frente de um cartaz de um parque de diversões. As três pessoas pareciam pálidas. E com certeza não era no sudoeste porque todos vestiam roupas grossas de inverno, e Bessy usava um bonezinho engraçado na cabeça e um casaco com uma gola de pele barata.

Parecia ter quinze anos, mas o comissário sabia que ela era mais jovem naquela época. Não deixava de ter seu charme apesar do rostinho cansado e da aparência doentia. Dava para perceber que fingia ser uma mulher muito orgulhosa porque estava saindo com dois homens.

Eles deviam estar muito excitados naquela noite. O mundo lhes pertencia. Mitchell, que mal chegara à adolescência, estava com o chapéu puxado para baixo na testa, um cigarro entre os lábios e uma expressão emburrada de desafio no rosto.

O segundo rapaz era um pouco mais velho, devia ter dezoito ou dezenove anos, bem gordo, bem molengão.

– Quem é esse?

– Steve. Casou com ela algumas semanas depois.

– Ele fazia o quê?

– Naquela época trabalhava numa oficina de carros.

– Onde?

– No Kansas.

– Por que se divorciou?

– Um dia foi embora sem avisar nada e sem que a gente soubesse por quê. Nos primeiros meses mandou algum dinheiro, as remessas vinham de Saint Louis, depois de Los Angeles. Um dia,

mandou uma carta com os documentos necessários, dizendo que era melhor que se divorciassem.

– Ele deu um motivo?

– Acho que não quis envolver minha irmã. Seis meses depois foi pego com uma gangue de ladrões de carros. Agora está em Saint Quentin.

– Você também já passou um tempo na prisão?

– Só num centro de recuperação para adolescentes.

Na França era mais fácil. Maigret conhecia esse tipo de gente e não demorava nada para romper o muro que os separava.

Aqui, em terras estranhas, Maigret avançava com muita hesitação, ansioso para não assustar o rapaz.

– Você é do Kansas?

– Sou.

– Sua família era pobre?

– Era, a gente passava fome. Éramos cinco irmãos e irmãs com um intervalo de apenas um ano entre cada um. Meu pai morreu num desastre de caminhão quando eu tinha cinco anos.

– Ele dirigia um caminhão? O seguro não pagou?

– Trabalhava por conta própria. Tinha um velho caminhão, comprava verduras no campo e as revendia na cidade. Estava na estrada todas as noites. O caminhão ainda não estava pago e claro que não tinha seguro.

– E sua mãe? O que fez?

Mitchell ficou um momento em silêncio, depois deu de ombros e disse:

– O que pôde. Quando eu tinha seis anos eu vendia jornais e engraxava sapatos na rua.

– Você acha que o sargento Ward matou sua irmã?

– Claro que não.

– Ele a amava?

Os ombros se levantaram novamente, de forma quase imperceptível.

– Não foi Ward. Ele é covarde demais para fazer uma coisa dessas.

– Ele realmente tinha intenção de se divorciar?

- De qualquer forma, não a teria matado.
- Mullins?
- Mullins e Ward são praticamente inseparáveis.

Ele pegara a fotografia de volta e a recolocara na carteira.

Olhou para Maigret nos olhos e perguntou:

– Vamos supor que descobrisse quem matou minha irmã, o que faria?

- Contaria para o FBI.
- Eles não têm nada com isso.
- Falaria com o xerife, o defensor público.
- Seria melhor se falasse comigo.

E com a mesma expressão indiferente e uma ponta de desprezo afastou-se porque a voz de Ezequiel chamava lá de cima:

– Jurados!

Outro conciliábulo entre o *coroner* e o defensor público. Este disse:

– Peço que o motorista de táxi seja ouvido imediatamente, ele está esperando desde hoje de manhã e perdendo um dia de trabalho.

Era sempre uma surpresa ver as testemunhas saírem do meio das fileiras do público porque, na maioria das vezes, não se assemelhavam à imagem que se fazia delas. Por exemplo, o motorista do táxi era um homem pequeno e magro, que usava óculos grandes de intelectual, uma calça clara e, como todos, uma camisa branca.

O início do interrogatório revelou que ele trabalhava como chofer de táxi há somente um ano e que antes disso havia sido professor de botânica num colégio do Meio-Oeste.

– Na noite de 27 para 28 de julho, três soldados da Força Aérea pararam o senhor na frente da garagem de ônibus.

– Eu só soube que eram soldados pelos jornais, eles não estavam uniformizados.

– O senhor poderia reconhecê-los e apontá-los para nós?

O motorista apontou para O’Neil, Van Fleet e Wo Lee sem a menor hesitação.

– O senhor poderia descrever como estavam vestidos?

– Este e aquele usavam calças de caubói de tecido azul e uma camisa branca ou, pelo menos, muito clara. O chinês usava uma camisa roxa. Não me lembro da cor da calça.

– Estavam muito bêbados?

– Não mais do que todos que apanho às três da manhã.

– O senhor sabe que horas eram exatamente?

– Somos obrigados a tomar nota de todas as corridas e da hora. Eram 3h22.

– Para onde o mandaram ir?

– Pediram para seguir pela estrada de Nogales e disseram que avisariam onde devia parar.

– Quanto tempo levou para chegar no local onde parou o carro?

– Dezenove minutos.

– O senhor ouviu sobre o que conversavam enquanto estavam no táxi?

– Ouvi.

– Quem falava?

– Aqueles dois.

Apontou para Van Fleet e o sargento O'Neil.

– O que diziam?

– Que não havia motivo para o colega continuar com eles e que seria melhor pedir ao táxi para esperar e levá-lo de volta para a base.

– Disseram por quê?

– Não.

– Quem mandou parar o táxi?

– O'Neil.

– Eles se afastaram imediatamente? Não pediram para esperá-los?

– Não. Eles ainda conversaram um pouco, tentaram convencer o colega a voltar para a cidade comigo.

– Já havia amanhecido?

– Ainda não.

– O que o colega respondeu?

– Nada. Ele saltou do carro.

– Quem pagou a corrida?

– Os dois. O’Neil não tinha dinheiro suficiente, o outro pagou o resto.

– O senhor não estranhou quando pediram para levá-los para o meio do deserto?

– Um pouco.

– O senhor cruzou com algum carro no caminho, ou em Taller, ou na volta?

– Não.

– Alguma pergunta, defensor?

– Obrigado. Eu gostaria de fazer uma pergunta ao cabo Wo Lee.

Wo Lee sentou no banco das testemunhas e a altura do microfone foi novamente ajustada.

– O senhor ouviu o que o motorista acabou de dizer? O senhor sabe por que seus colegas insistiram para que voltasse para a base?

– Não.

– Por que não mencionou isso ontem?

– Esqueci.

Esse também mentia. Era o único que não bebera, o único cujas declarações pareciam verdadeiras. No entanto, escondera conscientemente que haviam tentado livrar-se dele.

– Há outros detalhes que tenha deixado de comunicar aos jurados?

– Acho que não.

– Ontem, o senhor declarou que se separaram enquanto procuravam Bessy. Vocês caminhavam a alguma distância um do outro, em linhas paralelas. Onde o senhor estava?

– Eu caminhava ao longo da estrada.

– O senhor não viu um carro passar?

– Não, senhor.

– Quem estava mais perto do senhor?

– O cabo Van Fleet.

– Portanto, o sargento O’Neil seguia mais menos a linha do trem?

– Acho que ele estava do outro lado.

– Obrigado.

A próxima testemunha era um patrulheiro rodoviário, grande e forte, impressionante no seu uniforme.

Havia sido convocado pelo defensor público e era ele quem o interrogava:

– Diga o que fazia no dia 28 de julho entre três e quatro horas da manhã.

– Comecei meu turno às três horas, em Nogales, e segui de carro, bem devagar, para Tucson. Antes de chegar à aldeia de Tumacacori, cruzei com um caminhão, placa X-3233, que voltava vazio da Califórnia e pertence a uma empresa de Nogales. Parei alguns instantes numa estrada lateral para vigiar a estrada, como manda o regulamento.

– Onde estava às quatro horas da manhã?

– Perto do aeroporto de Tucson.

– Cruzou com outros carros?

– Não. Quando cruzamos com outros carros de noite costumamos anotar mentalmente as placas. Temos de compará-las com as informações das placas dos carros roubados que recebemos. Fazemos isso de forma automática, de cabeça.

– O senhor viu pedestres caminhando ao longo da estrada?

– Não. Se tivesse visto alguém àquela hora eu teria diminuído a marcha e certamente falado com eles para saber se precisavam de alguma coisa.

– O senhor viu ou ouviu um trem passar pela via férrea?

– Não, senhor.

– Obrigado.

Portanto, apesar das afirmações de Ward, naquela hora o Chevrolet não estava parado no acostamento com os dois homens dormindo dentro.

– Por favor, cabo Van Fleet.

De repente, o defensor público, que parecia ter acordado, assumira o controle do inquérito, enquanto O'Rourke continuava debruçado na sua direção, falando com ele em voz baixa.

Talvez Maigret tivesse se enganado, e eles pretendessem conduzir o inquérito a fundo, porém seguindo alguma modalidade?

– O senhor confirma que quando o carro do seu colega parou pela primeira vez, que o sargento Ward e Bessy se afastaram juntos do carro?

– Sim, senhor.

Pinky estava ainda menos à vontade do que no dia anterior. No entanto, dava a impressão de se esforçar para se manter fiel ao seu juramento de dizer a verdade e, como era seu costume, continuava refletindo longamente depois de cada pergunta.

– O que aconteceu depois?

– O carro deu meia-volta, e Bessy disse que queria falar com Ward em particular.

– De forma que pararam outra vez. Olhe para o quadro-negro. A segunda vez que pararam foi mais ou menos no lugar marcado por uma cruz?

– Mais ou menos, acho...

– Além de Ward e Bessy, nem o senhor nem seus colegas saíram do carro?

– Isso mesmo.

– E Ward voltou sozinho. Mais ou menos quanto tempo depois?

– Uns dez minutos depois.

– Foi então que disse: “Que o diabo a carregue. Isso lhe servirá de lição.”

– Sim, senhor.

– Por que o senhor e O’Neil tentaram se livrar de Wo Lee depois?

– Não tentamos nos livrar dele.

– Vocês não falaram em mandá-lo de volta para a cidade no mesmo táxi?

– Ele não bebeu.

– Não entendi. Tente ser mais claro. Vocês queriam mandá-lo de volta para a base porque não bebeu?

– Ele não bebe nem fuma. É muito jovem.

– Continue.

– Ele não precisa se meter em confusões.

– O que quer dizer com isso? Vocês já previam que teriam problemas?

- Não sei.
- Enquanto caminhava à procura de Bessy o senhor gritou seu nome?
- Acho que não.
- Seria porque achava que ela não conseguiria ouvi-lo?
- Dessa vez, o Flamengo ficou muito ruborizado, não respondeu e permaneceu imóvel com o olhar fixo em frente.
- Durante todo esse tempo o senhor viu seu colega O’Neil?
- Ele estava do lado da linha do trem.
- Minha pergunta foi se o senhor o viu durante todo esse tempo.
- O tempo todo, não.
- O senhor o perdeu de vista durante muito tempo?
- Muito tempo. Dependendo do local por onde passava.
- O senhor conseguiria ouvi-lo?
- Conseguiria, se tivesse gritado.
- Mas o senhor não ouvia seus passos? Não percebia se ia parar ou não? O senhor chegou a se aproximar da linha do trem?
- Acho que sim. Não íamos sempre em linha reta. Tínhamos de contornar os arbustos e os cactos.
- O cabo Wo Lee também se aproximou da linha do trem?
- Não o vi.
- Qual dos três decidiu dar meia-volta enquanto caminhavam na direção de Nogales?
- O’Neil disse que Bessy certamente não poderia ter ido mais longe. Pedimos a Wo Lee para seguir pela estrada.
- E o senhor e O’Neil se separaram?
- Sim, um pouco mais adiante, no deserto.
- Depois de se separar de Wo Lee, e enquanto estava com O’Neil, vocês falaram sobre Bessy?
- Não, não conversamos.
- Ainda estavam bêbados?
- Provavelmente menos.
- Poderia mostrar no quadro-negro o local onde pediram carona?

- Não sei exatamente. Por aqui.
- Obrigado. Sargento O’Neil, por favor.

Por duas ou três vezes Maigret sentiu que o observavam. Era Mitchell, para ver como reagia.

– O senhor quer mudar alguma coisa no seu depoimento de ontem?

- Não, senhor.

Será que esse também nascera no meio da miséria? Não dava essa impressão. O’Neil parecia ter passado a infância em alguma fazenda do centro dos Estados Unidos, com pais trabalhadores e puritanos. Devia ter sido o melhor aluno da classe.

- Por que motivo o senhor tentou se livrar de Wo Lee?

– Eu não tentei me livrar dele. Achei que estava cansado e que seria melhor se voltasse para a base. A saúde dele não é muito boa.

- O senhor pediu a ele para seguir ao longo da estrada?

- Não lembro.

– Enquanto caminhava ao lado da linha do trem procurando por Bessy o senhor gritou o nome dela?

- Não lembro.

- O senhor parou para satisfazer alguma necessidade?

- Acho que sim.

- Na linha do trem?

- Não sei dizer.

– Obrigado. Senhor *coroner*, seria melhor ouvirmos logo Erna Bolton e Maggie Wallach e liberá-las. Elas estão aqui desde ontem de manhã.

A companheira de Mitchell era baixinha, nem bonita nem feia, de feições grosseiras. Colocara um vestido de seda escuro, meias e joias baratas para a ocasião. Sentia-se que queria dar uma boa impressão e que se arrumara da melhor forma possível.

Quando perguntaram qual era sua profissão, ela respondeu bem baixinho:

- Não estou trabalhando no momento.

Ela se esforçava para não olhar para O'Rourke, que parecia conhecê-la bem. Sem dúvida já o encontrara antes.

– A senhora dividia seu apartamento com Bessy Mitchell?

– Sim, senhor.

– O sargento Ward esteve lá várias vezes. A senhora estava presente?

– Às vezes.

– A senhora viu os dois discutirem?

– Sim, senhor.

– Por que motivo?

Agora que o defensor público entrara no jogo, o *coroner* brincava com sua poltrona de vaivém, ou então olhava para o teto com o lápis enfiado na boca. Apesar do ar-condicionado, fazia muito calor. Ezequiel levantou para fechar as venezianas que entrecortavam os raios do sol em fatias finas. Sentado na frente da mulher negra com o bebê, sempre acompanhada de toda a tribo, Maigret aspirava seu perfume adocicado.

As pupilas de Mitchell fixavam sua companheira sentada no banco das testemunhas e movimentavam-se tanto quanto as de uma águia.

– Ward reclamava que Bessy se deixava cortejar.

– Por quem?

– Por todos.

– Pelo sargento Mullins, por exemplo?

– Não sei. Ele nunca esteve lá em casa. Eu o vi pela primeira vez no dia 27 de julho, no Penguin Bar.

– No dia 24 ou 25 não houve uma discussão mais violenta do que as outras?

– No dia 24. Eu ia sair. Ouvi...

– Diga exatamente o que ouviu.

– O sargento gritou: “Eu vou te matar um dia desses e será melhor para todos”.

– Ele estava bêbado?

– Havia bebido, mas não acho que estava bêbado.

– O senhor não conversou com Bessy na noite de 27 de julho?

– Conversei, sim, senhor. Num dado momento chamei-a para um canto e disse: “Tome cuidado com aquele ali”.

– Com quem?

– Mullins. E acrescentei: “...Bill está furioso... Se você continuar assim, vai acabar apanhando...”.

– E o que foi que ela respondeu?

– Ela não respondeu. Continuou.

– Continuou o quê?

– Falando com Mullins.

Talvez a palavra “falar” fosse um pouco fraca?

– Quem sugeriu continuar a noitada na casa do músico?

– O próprio músico, Tony. Ele disse que podíamos ir para a casa dele. Acho que Bessy pediu a ele.

– Ela estava bêbada?

– Não muito. Como sempre.

– Mais perguntas?

Era a vez de Maggie Wallach, que parecia uma grande boneca falante, e tinha um rosto redondo de bebê e olhos arregalados. Sua pele era muito branca, e ela não parecia saudável.

Seria amante do músico? Parecia mais evidente do que no caso de Erna Bolton e Mitchell.

– Onde conheceu Bessy Mitchell?

– Trabalhávamos no mesmo drive-in, na esquina da Quinta Avenida.

– Há quanto tempo?

– Há uns dois meses, mais ou menos.

Esta tinha saído de uma favela de uma grande cidade; quando menina, devia arrastar o traseiro nu pelas soleiras das portas, no meio de um bando de crianças barulhentas e impiedosas.

– Estava presente quando ela conheceu sargento Ward?

– Sim, senhor. Passava um pouco da meia-noite, ele veio de carro e pediu uns cachorros-quentes.

– Quem estava com ele?

– Acho que estava acompanhado pelo sargento Mullins. Os três conversaram durante muito tempo. Bessy me perguntou se eu

queria me encontrar com eles mais tarde, e eu respondi que estava ocupada. Quando foram embora, ela quis saber o que eu achava de Ward e disse que ele ia voltar para buscá-la.

– Ele voltou?

– Voltou. Pouco antes da gente fechar. Foram embora juntos.

– Durante a noite de 27 de julho, na casa do músico, a senhorita viu Ward entrar de repente na cozinha e dar uma bofetada em Bessy?

– Não, senhor. Ele não bateu nela. Eu estava atrás dele quando ele entrou na cozinha. Bessy estava bebendo, e ele arrancou a garrafa das mãos dela e ia jogar a garrafa no chão, mas mudou de ideia e colocou-a em cima da mesa.

– Ele estava furioso?

– Estava aborrecido. Ele não gostava que ela bebesse.

– Mas ele a levou ao Penguin?

– Levou, sim, senhor.

– Por quê?

– Provavelmente porque não podia fazer outra coisa.

– O sargento Ward discutiu com Mullins naquele momento?

Continuo falando da cena na cozinha.

– Entendi. Não, ele não disse nada. Olhou para Bessy muito sério, mas não disse nada.

Seguinte! Parecia que queriam terminar todos os interrogatórios naquele dia e que o *coroner* se tornava cada vez mais avaro de recessos.

Tony Lacour, o músico, era franzino e despretensioso. A expressão do rosto dava sempre a impressão de que havia chorado ou estava prestes a fazê-lo.

– O que sabe da noite de 27 de julho?

– Passei a noite com eles no Penguin Bar.

– O senhor não trabalha?

– No momento, não. Meu contrato no Puerto Rico Club terminou há dez dias.

No mesmo instante em que Maigret se perguntava que instrumento tocaria, o defensor público, que devia ter tido a mesma

curiosidade, fez a pergunta. Era um acordeão. Maigret poderia ter apostado que era.

– Quando Ward e Mitchell começaram a discutir no Penguin, o senhor saiu com eles para fora? O senhor sabe por que discutiram?

– Por causa de dinheiro.

– Mitchell não reclamou com Ward de estar tendo um caso com sua irmã, já que era um homem casado?

– Não na minha frente, senhor. Mais tarde, no meu apartamento, depois da cena da garrafa, ele disse que Bessy tinha tendência para o alcoolismo, o que era muito triste, que ela tinha apenas 17 anos, mas que nos bares fingia ter 23 anos, porque senão não a serviam.

– Foi o senhor quem sugeriu ao grupo de irem para sua casa?

– Bessy me disse que não estava com vontade de voltar para casa e logo depois os outros falaram em comprar umas garrafas.

– O senhor ofereceu um cigarro para o sargento Ward?

– Acho que não.

– O senhor viu alguém enfiar um maço de cigarros no bolso dele?

– Não, senhor.

– O senhor sabe se alguém fumava maconha?

– Não, senhor.

– Que horas eram quando foram embora da sua casa?

– Mais ou menos duas e meia da manhã.

– O que fizeram Harold Mitchell e Erna Bolton?

– Eles ficaram.

– Até de manhã?

– Não. Talvez mais uma hora, hora e meia.

– Vocês conversaram sobre o sargento Ward e Bessy?

– Só sobre Bessy. Harold disse que a irmã adquirira o hábito de beber e que isso era muito ruim para ela porque tinha problemas num dos pulmões. Ele também contou que ela tinha sido internada num sanatório quando era muito jovem.

– Mitchell e Erna foram embora de carro?

– Não, senhor. Eles não têm carro. Foram a pé.

– Deviam ser quase quatro horas da manhã?

– Pelo menos. O dia começava a amanhecer.

Recesso! Maigret percebeu que o irmão de Bessy não tirava os olhos dele, e aquele olhar não deixou de emocioná-lo um pouco.

A primeira reação de Mitchell em relação a ele fora de uma desconfiança gélida, e talvez tivesse respondido às suas perguntas movido por uma espécie de desafio misturado a uma ponta de desprezo, mais do que por uma esperança.

Mitchell o observara durante todo o interrogatório e agora parecia dizer para si mesmo: “Quem sabe? Talvez não seja como os outros. É um estrangeiro. Está tentando entender”.

Era verdade que sua atitude ainda não era cordial, mas aquela barreira intransponível deixara de existir.

– Você não me contou que ela tinha tuberculose – murmurou Maigret enquanto caminhavam na direção da saída, um atrás do outro.

Harold deu de ombros. Talvez ele também tivesse a mesma doença? Não, o exército o teria recusado. Erna Bolton esperava por ele debaixo da colunata. Ela não enganchou seu braço no dele. Eles nem se falaram. Ela apenas o seguia, humilde e dócil, e seus quadris baixos balançavam como o traseiro de uma galinha poedeira.

Com um brilho no olhar, O'Rourke se dirigia com o defensor público para o escritório deste, enquanto os cinco homens vestidos de uniforme de prisioneiro aguardavam que o xerife suplente os reconduzisse para suas celas.

A sessão da tarde seria em cima ou embaixo? Maigret não ouvira as últimas palavras do *coroner*. A jurada comia um sanduíche perto da caixa de Coca-Cola; ela certamente se sentaria num dos bancos da praça e começaria a tricotar enquanto aguardava o início da sessão.

– Embaixo – respondeu quando Maigret perguntou.

Harry Cole o esperava sentado ao volante do carro. Havia alguém sentado atrás, usando a indefectível camisa branca. O homem fumava um cigarro.

– *Hello, Julius!* Ainda não acabou? Sente-se do meu lado. Vamos comer alguma coisa.

Assim que Maigret fechou a porta acrescentou, como se estivesse apresentando um colega:

– Ernesto Esperanza. Ele vai almoçar conosco porque só terei alguém para levá-lo para Phoenix hoje à noite, e não quero deixá-lo com os xerifes do condado. Está com fome, Ernesto?

– Muita fome, chefe!

– Então aproveite. É a última refeição que você comerá num restaurante nos próximos dez ou quinze anos.

E acrescentou com naturalidade:

– Consegui prendê-lo, mas não foi fácil. Ele tentou me matar com um calibre 42. Abra o porta-luvas. O brinquedinho está ali.

O revólver estava lá, um automático enorme, com cheiro de pólvora. Maigret puxou o pente de balas automaticamente e constatou que faltavam duas balas.

– Ele quase acertou em mim, não foi, Ernesto?

– Foi, chefe.

– Se eu não tivesse me abaixado a tempo e se não o tivesse feito tropeçar, eu já era. Estou atrás dele há seis meses, e ele, por sua vez, fez o melhor que pôde para se livrar de mim. Tudo bem, Ernesto? As costelas ainda doem?

– Um pouco...

Para os clientes da cafeteria onde foram comer costelinhas de carneiro e torta de maçã, eles não passavam de três fregueses iguais aos outros.

A fotografia do mexicano só seria publicada nos jornais no dia seguinte, acompanhada de uma grande manchete anunciando que um dos maiores traficantes de drogas havia sido preso.

– E o que andam fazendo seus cinco soldadinhos da Força Aérea? – perguntou Harry Cole, enxugando a boca com um guardanapo de papel. – Já descobriu o malvado que colocou Bessy em cima dos trilhos?

Maigret não franziu as sobrancelhas. Ele não estava de mau humor naquela manhã.

CAPÍTULO VI

O DESFILE DOS COMPANHEIROS

CRIAVA-SE UMA INTIMIDADE. De manhã, principalmente depois do almoço, que alguns comiam no pátio ou na praça vizinha, todos se encontravam com prazer. Trocavam-se pequenas saudações. Sabiam-se os lugares onde os clientes habituais sentavam, e nem os cinco soldados pareciam considerar as pessoas como intrusas.

A intimidade era ainda mais evidente no andar de baixo, quando os jurados sentavam ao lado dos curiosos num dos bancos reservados para o público e onde acrescentavam-se algumas cadeiras quando era necessário. O *coroner* sempre franzia o cenho quando olhava para o ventilador barulhento. A máquina de água gelada, com seus copos de papelão, ficava perto de Maigret, de forma que todos passavam por ele em algum momento.

Desde que acariciara o bebê da mulher negra quando passara por ela, ela guardava seu lugar e lhe dirigia grandes sorrisos.

Quanto a Ezequiel, este aguardava o início da sessão para aplicar novamente o golpe do cigarro ou do charuto ao recém-chegado. Ezequiel era um falso carrancudo com uma alma brincalhona de menino.

De repente, levantou-se, os bigodes estremeceram, o braço esticou-se, e ele gritou, sem se importar se interrompia os magistrados ou não:

– Ei! Você aí!

A sala inteira começou a rir. Todos se voltaram para ver quem caíra na rede.

– Apague o cigarro!

Satisfeito, piscou um olho para o grupo que o rodeava. Seu sucesso fora ainda maior quando, também depois de um recesso, pegara o próprio defensor público, que esquecera de apagar o cigarro.

– Ei! Defensor público...

Maigret não conseguia acreditar que terminariam naquele dia, que daqui a algumas horas os cinco homens e a mulher do júri teriam de decidir se, sim ou não, a morte de Bessy fora acidental.

Se a decisão fosse afirmativa, o inquérito estaria concluído de uma vez por todas. Se, ao contrário, decidissem que a morte ocorrera devido a manobras criminosas de uma ou várias pessoas, Mike O'Rourke e seus homens teriam todo o tempo para trabalhar enquanto aguardavam o processo definitivo.

Foi engraçado. Durante o almoço, Maigret fizera uma pequena descoberta que o divertira, mas que principalmente lhe dera prazer, porque fora um pouco uma vingança em relação a Harry Cole. Cole estava diferente dos outros dias, ele se pavoneara como faria se houvesse uma bela mulher com eles, e o comissário não tardara a compreender que Ernesto, o homem da droga, era a causa disso.

No fundo, Cole sentia uma consideração involuntária por ele, quase uma admiração, como costuma acontecer com todos aqueles que têm sucesso, quer se trate de uma estrela de cinema ou de um assassino famoso.

O mexicano passara vinte milhões de dólares em drogas de uma só vez pela fronteira, e já fizera outras expedições antes. Ele era proprietário de uma plantação de maconha situada do outro lado da fronteira, nas montanhas, que eram acessíveis somente de avião.

No fundo, se ninguém manifestava muito interesse pelos cinco soldados da Força Aérea durante o inquérito era porque, mesmo se um deles tivesse matado Bessy, não eram criminosos importantes.

Se um deles tivesse enfrentado a polícia de metralhadora em punho, obrigando-a a mobilizar todos os policiais e usar gás lacrimogêneo para imobilizá-lo, se tivesse assaltado dez bancos ou cometido um massacre, haveria uma multidão nos corredores e até no meio da rua!

Isso não explicava as coisas perfeitamente? Tratava-se de ganhar, qualquer que fosse o jogo.

Por ser um valentão, Mitchell devia ser respeitado no pequeno círculo que frequentava, enquanto Van Fleet, com seus cabelos

ondulados e rosto inocente de querubim, não era nada nem ninguém. A prova era que o haviam apelidado de Pinky. O Rosadinho! Na França seria apelidado de Ruivo ou Crespo.

Quem estava sentando no banco de testemunhas era Phil Atwater, outro xerife suplente. Ele fora o primeiro a chegar no local e a quem o investigador da Southern Pacific encontrara quando saltara do carro.

Ele não usava o distintivo por cima da camisa. Podia ser qualquer pessoa, sem idade definida, e parecia indisposto, como aquelas pessoas que sofrem de má digestão ou têm sempre alguém doente em casa.

– Eu estava no escritório do xerife quando fomos avisados por telefone pouco antes das cinco da manhã. Peguei um dos carros e cheguei no local do acidente às 5h07.

O relato chamou a atenção de Maigret, e o que veio depois confirmaria que não se enganara.

Embora fosse um policial, Atwater era daqueles homens que tinham horror a tudo que sai da rotina.

– A ambulância chegou logo depois, quase ao mesmo tempo que eu. Na beira da estrada estavam somente as pessoas do trem e um carro que parara alguns minutos antes. Deixei um dos homens que trouxera comigo de guarda para impedir que eventuais curiosos se aproximassem dos trilhos. Percebi imediatamente os rastros de um carro que parara naquele lugar. Marquei-os com um círculo de giz e finquei alguns pedaços de madeira no chão do acostamento arenoso.

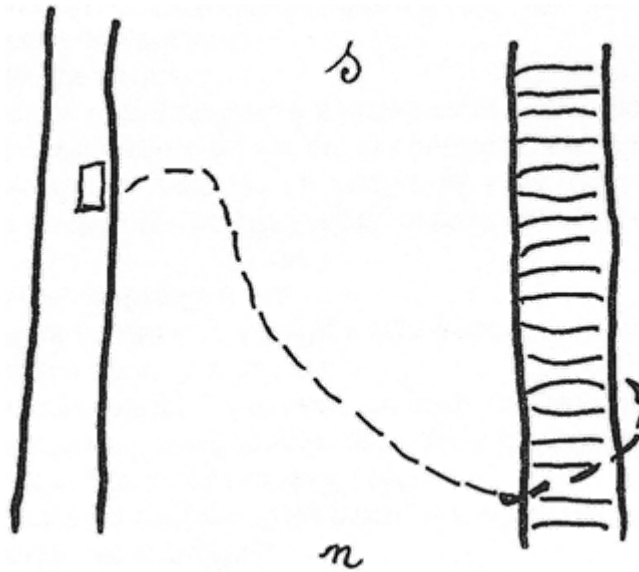
Aquele era o próprio funcionário consciencioso, ele parecia desafiar o mundo inteiro para encontrar qualquer erro no que fazia.

– O senhor não protegeu o corpo?

– Como? Mas é claro que também protegi o corpo. Até coletei vários pedaços de carne e uma parte de um braço com a mão inteira.

Ele dizia isso num tom de voz condescendente, como se se tratasse de uma rotina comum. Depois, procurou algo num dos bolsos e tirou um pedacinho de papel.

ESBOÇO DE PHIL ATWATER



- Isto são alguns fios de cabelo. Não tivemos tempo de analisá-los, mas, à primeira vista, são parecidos com o cabelo de Bessy.
- Onde os encontrou?
- Mais ou menos no local onde aconteceu o choque. O corpo foi arrastado, ou rolou, uns 25 metros, mais ou menos.
- O senhor encontrou pegadas?
- Sim, senhor. Finquei pedaços de madeira em volta para protegê-las.
- Pode nos dizer que tipo de impressões eram?
- Eram pegadas de mulher. Comparei-as com um dos sapatos de Bessy, e elas correspondem ao sapato.
- O senhor não encontrou pegadas masculinas ao lado das pegadas de Bessy?
- Não, senhor. Pelo menos não entre a estrada e a via férrea.
- No entanto, um pouco mais tarde, quando o senhor estava na companhia do sr. Hansen, o investigador da empresa, este afirmou ter visto pegadas de homem.
- Provavelmente eram as minhas.

Atwater não gostava de ser contrariado e parecia não simpatizar com o investigador da Southern Pacific.

– O senhor poderia mostrar, aproximadamente, a direção dos passos no quadro-negro?

Atwater olhou para o desenho anterior, pegou o pano e apagou tudo. Depois, desenhou outra vez os trilhos e a estrada, fez uma cruz no local onde encontrara o corpo e outra onde este havia sido atropelado pelo trem.

Mas enganou-se e trocou o norte pelo sul. O desenho em ziguezague discordava daquele de Hansen. Segundo este, Bessy teria dado bem menos voltas e parado apenas uma vez antes de mudar de direção.

O que os jurados estariam pensando sobre essas contradições? Eles ouviam, olhavam com muita atenção, e percebia-se que queriam entender e cumprir sua missão com consciência.

– O senhor não descobriu mais nada desse lado, isso é, ao norte do local onde Bessy morreu? O senhor também procurou pegadas do lado sul, isto é, na direção de Nogales?

Atwater olhou para o desenho em silêncio e, como o sul e o norte estavam invertidos, demorou um bom momento para entender a pergunta.

– Não, senhor – respondeu finalmente. – Achei desnecessário procurar na direção de Nogales.

Ele foi liberado. Devia estar ocupado no escritório porque saiu da sala imediatamente, muito digno e confiante.

– Gerald Conley.

Era outro xerife suplente, aquele com a cartucheira cheia de balas e o bonito revólver com a coronha de chifre de boi esculpida. Conley tinha o rosto avermelhado e era todo redondo. Percebia-se que era uma figura popular em Tucson, e que a popularidade não o desagradava.

– A que horas chegou no local?

– Eu estava em casa e só me avisaram às 5h10. Cheguei lá um pouco depois das cinco e meia, nem tive tempo de tomar uma xícara de café.

– Quem estava lá?

– Phil Atwater, na companhia do investigador da empresa. Outro xerife suplente assumira o controle da situação, havia vários carros parados. Toda a estrada estava protegida com cones de sinalização, e eu caminhei de uma ponta a outra.

– O senhor viu pegadas de mulher que se superpunham às pegadas de homem em algum lugar?

– Sim, senhor.

– Mais ou menos a que distância da estrada?

– A uns quinze metros. Naquele lugar, as pegadas indicavam claramente que duas pessoas haviam parado durante muito tempo, como se estivessem conversando.

– Depois as pegadas seguiam em direções diferentes?

– Minha impressão é de que a mulher continuou sozinha. Ela caminhava em zigue-zague. As pegadas masculinas que encontramos mais adiante eram diferentes das primeiras.

O sofrimento de Maigret recomeçara. Como antes, sentia vontade de levantar-se, abrir a boca, fazer as perguntas certas.

Era muito natural que os cinco rapazes da Força Aérea se contradissem. Eles eram como cinco colegiais que se meteram numa enrascada e tentam se safar dela, cada um por si.

Além do mais, haviam começado a beber às sete e meia da noite e, com a exceção do chinês, todos estavam bêbados.

Mas e a polícia?

Embora os xerifes suplentes dessem a impressão de que queriam acertar algumas contas pessoais entre si, O'Rourke não parecia preocupado. Permanecia sentado ao lado do defensor público, se debruçava de vez em quando para fazer um comentário e sorria como se estivesse nas nuvens.

– O que fez depois?

– Caminhei para o lado sul.

Ele dava a impressão de estar muito satisfeito por ter aplicado esse golpe baixo no colega que acabara de sair.

– Alguém aliviou a bexiga perto da linha do trem.

Maigret teve vontade de perguntar: "Homem ou mulher?"

Porque, na realidade, por mais banal que seja, um homem em pé e uma mulher acorada não deixam os mesmos vestígios

quando urinam, principalmente quando o terreno é arenoso.

Ninguém parecia perceber que toda a questão se resumia a isso. Ninguém, tampouco, perguntara ao médico se Bessy tivera relações sexuais naquela noite. Ninguém examinara a roupa de baixo dos cinco rapazes, e todos se contentavam em perguntar sobre a cor da camisa que usavam.

De acordo com as pegadas que partiam do carro, Ward era o maior suspeito, desde que essas pegadas se imbricassem em algum ponto. E desde que, como na declaração do homem da Southern Pacific, as pegadas continuassem até a linha do trem.

O testemunho de Atwater tornava a culpabilidade de Ward quase impossível... A não ser que o crime tivesse acontecido durante a segunda viagem de carro.

Quando chegou a vez de Conley, o xerife com o grande revólver, tudo mudou outra vez. Ward teria seguido Bessy a uns quinze metros de distância.

Mas, então, por que o sargento afirmara que não a seguira?

Conley continuou:

– É impossível conseguir impressões de sapatos na via férrea, que é pedregosa, nem nas cercanias, onde o solo é mais duro do que no deserto. Então, segui para o sul e continuei em diagonal para a direita...

– Portanto, na direção da estrada?

– Sim, senhor. Como eu disse, segui em diagonal e encontrei outras pegadas.

– Elas vinham de que direção?

– Da estrada, mais ao sul.

– Em diagonal?

– Quase em perpendicular.

– As pegadas eram de homem?

– Sim, senhor. Coloquei os cones de sinalização em volta. O comprimento das pegadas me fez pensar que se tratava de um homem de estatura média.

– Onde essa pista o conduziu?

– A uns cinquenta metros do lugar onde o carro parou pela primeira vez.

Agora nada impedia que Ward tivesse dito a verdade, nem que Bessy tivesse se afastado com Mullins e desaparecido.

O defensor público devia estar seguindo o mesmo raciocínio, porque perguntou:

– O senhor não encontrou pegadas de mulher daquele lado?

– Não, senhor. Era impossível.

– A pista desaparecia quando chegava na linha do trem?

– Sim, senhor. Tivemos de continuar caminhando pelo barranco onde, como já disse, os sapatos não deixam marcas.

Recesso.

O'Rourke passou duas vezes por Maigret na galeria, e nas duas vezes olhou para ele com um sorriso esquisito. Deviam servir bebidas alcoólicas no escritório onde ele entrava durante cada recesso, porque depois seu hálito era bem mais forte.

Cole mencionara o nome daquele espectador gordo e entusiasmado? Será que ele se divertia ao ver seu colega em dificuldades?

O jurado da perna de pau perguntou ao comissário se tinha um fósforo.

– Complicado, não é mesmo? – murmurou Maigret.

Teria dito uma palavra errada, que o outro não entendera? Ou o homem seguia ao pé da letra o compromisso de não discutir o caso antes do veredicto? Seja como for, ele se limitou a dar um sorriso e depois se plantou na frente do gramado refrescado por irrigadores giratórios.

Maigret se arrependeu de não ter tomado notas. As contradições dos policiais o interessavam menos do que as dos cinco homens que cada audiência parecia tornar mais estranhos uns aos outros.

– Hans Schmider!

Ninguém sabia imediatamente qual seria o papel da testemunha, e adivinhar sua profissão se tornara um jogo. Ele era gordo, com um barrigão que estufava a camisa como se fosse um bolso molengo, de forma que as pernas pareciam minúsculas e o peito desproporcional.

Os cabelos semilongos se espalhavam para todos os lados. A camisa era de uma limpeza duvidosa, e ele não tinha pelos nos braços nem no peito.

– O senhor trabalha no escritório do xerife?

– Sim, senhor.

Pelo tom de voz seguro e a atitude relaxada, deduzia-se que estava habituado a esse tipo de inquérito.

– A que horas foi informado?

– Por volta das seis da manhã. Eu estava dormindo.

– O senhor seguiu imediatamente para o local?

– O tempo de passar no escritório e pegar meu material.

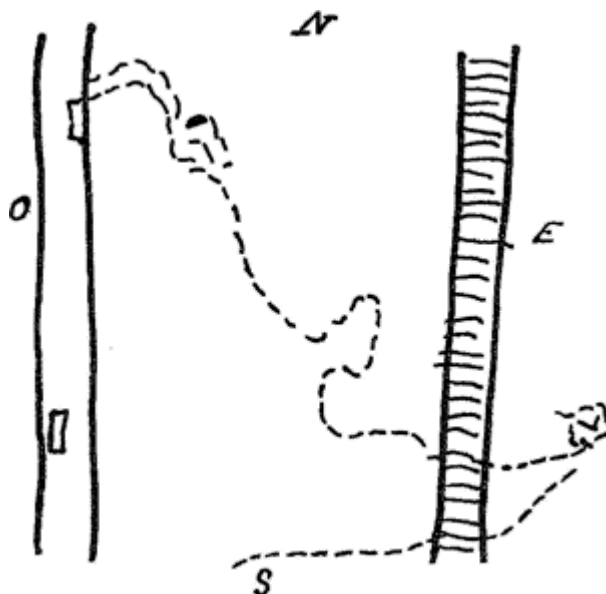
Ele estava tão à vontade recostado na cadeira, com a barriga para frente, que tirou o maço de cigarros do bolso automaticamente, e Ezequiel mal teve tempo de dar um pulo.

– Descreva o que viu.

Schmider levantou-se, foi até o quadro-negro, enfiou as mãos nos bolsos, examinou o desenho com um olhar crítico e apagou-o. Quando se abaixou para apanhar o pedaço de giz no chão, a calça ficou tão esticada que parecia que ia arrebentar.

Começou rabiscando o norte, o sul, o leste e o oeste, depois desenhou a linha do trem, a estrada e, por último, uma linha pontilhada que dava várias voltas entre uma e outra.

Quando terminou, desenhou dois retângulos num dos cantos.



– Aqui, no ponto A, encontrei impressões de um carro, que chamaremos de carro Número Um.

Desceu do estrado, apanhou um pacote volumoso que estava em cima da mesa e tirou o primeiro molde de gesso.

– Este é o molde do pneu esquerdo, um Dunlop, bem gasto.

Sem que lhe pedissem, passou o objeto debaixo do nariz dos jurados como se fosse um bolo e depois recomeçou o mesmo processo com os três outros moldes de gesso.

– O senhor comparou essas impressões com as do carro de Ward?

– Sim, senhor. São idênticas. Não há nenhuma dúvida quanto a isso. Essas são as impressões de dois pneus do carro Número Dois. Os pneus estão quase novos, e foram comprados a crédito. Verificamos nas lojas que vendem essa marca de pneus, mas acho que os resultados ainda não chegaram.

Schmider trabalhava na brigada do xerife como técnico e homem do laboratório, e deixava transparecer uma segurança tranquila em relação ao seu trabalho; a ideia de uma possível contradição nem passava pela sua cabeça.

– O senhor tirou outras impressões na estrada?

– Quando cheguei havia muitos outros carros além da ambulância e das viaturas da polícia. Eu só fiz moldes de gesso das

impressões que me foram apontadas e que eram particularmente nítidas.

– Quem as apontou para o senhor?

Schmider voltou-se para a mesa do defensor público e apontou o dedo para O'Rourke.

– O senhor trouxe outros moldes?

Schmider se reaproximou da caixa de papelão que parecia um vaso das Danaides sem fundo, e todos aguardaram, impacientes e confiantes, que a verdade saísse daquela caixa.

Quando os cinco soldados viram Schmider tirar o molde de gesso de um sapato, todos olharam para seus sapatos ao mesmo tempo.

– Este molde foi tirado a cerca de quinze metros da estrada. É de um pé de homem. O sapato está bem gasto, a sola é de borracha. E este é o molde de uma sola de sapato de mulher que encontrei bem do lado. Como podem constatar, ele corresponde exatamente aos sapatos de Bessy Mitchell.

Na outra mão ele segurava um sapato escuro, avermelhado, muito simples, comum, um mocassim esportivo de salto baixo muito gasto. Passou as provas debaixo dos olhos dos jurados. Por pouco não as teria levado para passear entre as fileiras do público presente.

– O senhor analisou o sapato masculino?

– Sim, senhor. Comparei a pegada com os sapatos dos xerifes que estavam no local.

– Ela correspondeu a algum deles?

– Não, senhor. Constatei que o sargento Ward usava botas de caubói de salto alto. Os pés de Van Fleet, de O'Neil e de Wo Lee são menores.

Todos esperaram. Ele sabia como esticar seu prazer.

– O número do sapato corresponde mais ou menos ao dos sapatos do sargento Mullins, mas os saltos dos sapatos que ele me mostrou não são de borracha.

Na fileira dos soldados ouviu-se um suspiro, como se fosse um suspiro de alívio, mas Maigret não conseguiu descobrir qual dos rapazes o soltara.

Depois de arrumar seus moldes de gesso em cima da mesa com extremo cuidado, Schmider enfiou o braço dentro da caixa novamente e dessa vez tirou uma bolsa de couro branca.

– Encontrei esta bolsa a alguns passos da linha do trem, estava meio enfiada na areia.

– Alguém a identificou?

– Não, senhor.

– Sargento Mitchell!

Mitchell levantou-se e deu um passo à frente. Schmider entregou o objeto para ele. Mitchell abriu a bolsa e tirou uma espécie de bolsinha de seda vermelha que continha algumas moedas.

– Esta bolsa pertence à sua irmã?

– Não tenho certeza, mas estou reconhecendo a bolsinha que Erna deu de presente para ela.

Erna, que estava sentada no meio do público, levantou-se para confirmar:

– A bolsa é dela. Nós a compramos juntas numa liquidação há um mês.

Ouviram-se algumas risadinhas. À medida que o inquérito avançava, as pessoas ficavam cada vez mais à vontade e por pouco não começariam a aplaudir e a gritar como se estivessem num circo.

– Dentro encontramos um lenço, duas chaves, um batom, e um estojo de pó de arroz.

– Não havia outro dinheiro além das moedas?

– Não, senhor.

Erna interveio novamente sem que lhe perguntassem:

– Lembro que ela esqueceu a carteira.

Nenhum papel. Nenhum documento de identidade. O que fez Maigret lembrar-se de uma pergunta que já fizera a si mesmo.

Na linha do trem, haviam encontrado um corpo de mulher completamente destroçado. Ora, algumas horas mais tarde, e antes que a notícia fosse publicada nos jornais, o pessoal do xerife já havia informado Mitchell que a irmã morrera.

Quem a havia identificado? Como?

Maigret olhou para O'Rourke com uma expressão sombria. Era a primeira vez que ele acompanhava um inquérito como simples pessoa física, sem saber nada sobre o que havia debaixo dos panos, e sentia-se incomodado porque pressentia que haviam escondido muitas coisas dele.

Mas, por outro lado, ele não costumava fazer o mesmo em Paris às vezes? Quantas vezes não escondera o que sabia de um caso até mesmo do juiz de instrução para ter mais liberdade de ação e evitar uma ação intempestiva?

O'Rourke pelo menos faria uso dessas vantagens?

Teria vontade de descobrir a verdade e, principalmente, contá-la?

Havia momentos em que Maigret duvidava disso e outros em que achava que seu colega, que conhecia sua profissão, faria o necessário quando chegasse o momento.

Finalmente, Schmider tirou de dentro da caixa a última prova que restava. Era outro molde de gesso, também com a impressão de uma sola de sapato.

– Este molde foi tirado ao sul do lugar onde Bessy morreu.

Ou seja, o rastro que somente Gerald Conley mencionou. – O tamanho é 40, portanto, um calçado de tamanho médio, quase pequeno. O cabo Wo Lee usa 39. O sargento O'Neil e Van Fleet 40 e 40,5. Os sapatos que trouxeram não apresentavam os mesmos vestígios de uso.

Mais uma vez, Maigret esqueceu que não estava em Paris, e por pouco não levantou para pedir a palavra.

O relógio em cima da porta, que estava aberta e e em cuja soleira se amontoavam os curiosos, marcava quatro e meia da tarde. Nos dois dias anteriores, as audiências haviam sido suspensas por volta das cinco da tarde.

Por duas vezes haviam levado alguns papéis para o *coroner* assinar, o que ele fez sem interromper o interrogatório.

– Alguma pergunta, membros do júri?

O jurado negro tinha uma:

– A testemunha tirou as impressões do táxi?

– Elas não me foram mostradas.

– Sabe alguma coisa sobre o terceiro carro, aquele que levou os três soldados até a base?

– Quando cheguei no local, já havia vários carros, e enquanto trabalhava chegaram outros.

O *coroner* olhou para o relógio em cima da porta.

– Senhores, só falta ouvirmos o chefe dos investigadores antes que comecem a deliberar. Eu me pergunto se não é melhor terminarmos logo.

O'Rourke levantou a mão.

– Posso dizer duas palavras? Meu depoimento não será muito longo, mas se pudermos esperar até amanhã é possível que uma nova testemunha se apresente, e seria interessante ouvi-la.

Maigret respirou. E respirou tão forte, e parecia tão aliviado, que dois dos seus vizinhos se voltaram para ele. Ele temera que os jurados fossem enviados para a sala de deliberação com aquelas informações tão heteróclitas e contraditórias.

Maigret achava praticamente impossível que o caso fosse concluído sem que se dissesse mais nada sobre o terceiro carro, que o jurado negro acabara de mencionar, o carro que levava os três soldados de volta para a base e que ninguém parecia ter encontrado.

Seria o carro dos pneus comprados a crédito? Por que, por duas vezes, pelo menos, o defensor público perguntara às testemunhas se a carroceria estava em perfeito estado e se não haviam observado marcas de um acidente?

Com um olhar interrogador, o *coroner* voltou-se para os jurados e todos, com exceção da mulher, balançaram as cabeças afirmativamente com veemência.

Por conseguinte, por mais um dia eles poderiam continuar sendo apenas cidadãos comuns. E como se quisesse complementar a realização dos seus desejos, um fotógrafo acorrou-se na frente deles e um flash iluminou a sala.

– Amanhã, na Segunda Câmara, às nove e meia.

Maigret devia ter saído na fotografia, porque havia apenas duas pessoas entre ele e os jurados.

Após mais ou menos uma hora, Maigret estava com vontade de trabalhar com um pedaço de papel e um lápis, o que lhe acontecia muito raramente. Sentia necessidade de fazer um inventário, e acreditava que conseguiria eliminar a maioria das hipóteses em pouco tempo.

– Eles não interrogaram os outros homens do trem – disse uma voz perto dele.

Era Mitchell, mal-humorado.

– O mecânico, que estava do lado esquerdo da locomotiva, não poderia ter visto o lado esquerdo da linha do trem, onde estavam as pernas da minha irmã. Seu assistente, que estava do lado direito, conseguiu ver apenas a parte superior do corpo. Pedi para que se apresentasse novamente.

– E o que disseram?

– Que o fariam se houvesse necessidade.

– Como sabiam que era sua irmã?

Dessa vez, Mitchell olhou-o espantado, e por causa dessa simples pergunta o prestígio de Maigret deve ter diminuído muito aos seus olhos, porque se limitou a dar de ombros antes que a multidão os separasse.

O comissário entendera. Não era evidente que uma moça como Bessy Mitchell já tivesse tido contato com a polícia? Devia haver pelo menos uma dúzia, talvez menos, de mulheres como ela na cidade, e certamente ficavam de olho nelas.

Isso, de repente, o fez lembrar dos homens sentados nos bares, noites a fio, com o olhar fixo nas folhinhas mais ou menos eróticas. E também dos carros que vira estacionados na sombra, dentro dos quais podiam-se imaginar os casais prendendo a respiração.

Harry Cole não marcara um encontro com ele, mas Maigret tinha certeza de que esbarraria com ele a qualquer momento. Era sua maneira de impressioná-lo. Uma maneira de dizer: “Eu o deixo ir e vir mas, como vê, eu sempre sei onde encontrar você”.

Por espírito de contradição, ao invés de voltar para o hotel, Maigret entrou num bar, e as primeiras palavras que ouviu foram:

– Hello! Julius!

Era Cole, e sentado ao seu lado estava Mike O'Rourke com um copo de cerveja na mão.

– Já foram apresentados? Ainda não? Comissário Maigret, um policial famoso no seu país. Mike O'Rourke, o mais esperto de todos os xerifes suplentes do Arizona.

Por que essas pessoas pareciam estar sempre zombando dele?

– Um copo de cerveja, Julius? Mike me contou que você acompanhou os debates com muita atenção e que deve ter chegado a alguma conclusão. Eu o convidei para jantar conosco. Concorda?

– Com muito prazer.

O que não era verdade. Ele teria apreciado a proposta amanhã, depois que tivesse tido tempo de fazer seu relatório. Agora, sentia-se em minoria, ainda mais que os outros dois pareciam estar de excelente humor, como se escondessem alguma coisa dele.

– Tenho certeza – disse O'Rourke, enxugando a boca – de que o comissário Maigret deve achar nossos métodos de investigação muito rudimentares e ingênuos.

Maigret contra-atacou:

– A garçonete do Penguin Bar forneceu informações interessantes?

– Bonita moça, não é mesmo? Ela tem sangue irlandês, como eu, e os irlandeses sempre se entendem, sabe.

– Ela estava no Penguin na noite do dia 27?

– Estava de folga. Ela conhece Bessy, Erna Bolton e alguns dos rapazes muito bem.

– Mullins também?

– Acho que não. Não o mencionou.

– Wo Lee?

– Também não.

Sobravam o cabo Van Fleet e o sargento O'Neil. Este também era irlandês, como o chefe dos investigadores.

– Encontrou o terceiro carro?

– Ainda não. Mas espero encontrá-lo amanhã de manhã.

– Algumas coisas eu não entendo...

- Se eu estivesse acompanhando um inquérito em Paris eu certamente não entenderia muito mais.
- O inquérito oficial não é aberto ao público na França. O'Rourke olhou-o divertido.
- Aqui também não.
- Foi o que pensei. O que não impede que cada um dos seus homens diga o que bem entende.
- Isso é outra história. Não se esqueça de que todos fazem suas declarações sob juramento, e que nos Estados Unidos o juramento é algo muito sério. Por outro lado, talvez tenha observado que só respondem às perguntas que fazem a eles.
- O que eu observei foi principalmente as perguntas que não fizeram.
- Mike O'Rourke deu um tapinha no ombro de Maigret.
- Ok! Você entendeu! Depois do jantar poderá me fazer todas as perguntas que quiser.
- E você vai responder?
- Provavelmente. Já que não estou sob juramento...

CAPÍTULO VII

AS PERGUNTAS DO COMISSÁRIO

O'ROURKE ERA QUEM PARECIA ser o anfitrião, e não Harry Cole. Em vez de levar seus convidados a um restaurante, ele os conduziu a um clube privado no centro da cidade.

O lugar era novo, muito alegre, de uma modernidade surpreendente. O bar era provavelmente o mais bem sortido que Maigret jamais vira e, enquanto tomavam o aperitivo, ele conseguiu enumerar 42 marcas de uísque, sem contar as sete ou oito marcas de conhaque francês e um Pernod legítimo, impossível de ser encontrado em Paris desde 1914.

Na frente do bar, enfileiravam-se as máquinas caça-níqueis, muito bem polidas e em pleno funcionamento, com suas séries familiares de ameixas, cerejas e damascos. Sem refletir, o comissário ia colocar uma moeda na fenda, quando percebeu que para algumas máquinas o valor era um dólar, para outras, cinquenta centavos, e para outras ainda, 25 centavos.

– Pensei que essas máquinas fossem proibidas – comentou. – Quando cheguei, li num dos jornais de Tucson que o xerife havia confiscado várias delas.

– Nos lugares públicos.

– E aqui?

– Aqui estamos num clube privado.

Os olhos de O'Rourke sorriam. Estava feliz em poder iniciar o colega do outro lado do Atlântico.

– Sabe, nós temos muitos clubes privados. Para praticamente todas as classes sociais. Este não é um dos mais elegantes nem um dos mais fechados. Acima dele há uns quatro ou cinco. E depois há toda uma série abaixo dele.

Dali, Maigret conseguia ver o grande salão onde iriam jantar e começou a entender por que os restaurantes eram tão raros.

– Qualquer pessoa, não importa sua situação financeira, é sócia de um clube, e sua ascensão na escala social é marcada pelas trocas sucessivas de clubes.

– De forma que qualquer pessoa também pode jogar na máquina caça-níqueis.

– É mais ou menos isso.

O xerife piscou um olho, enfiou uma moeda grande e novíssima de um dólar na fenda de uma das máquinas e recolheu com um gesto displicente as quatro moedas idênticas que caíram na caçamba.

– Lá embaixo temos um jogo de dados que corresponde à roleta de vocês. Há também um jogo de pôquer. Vocês não têm clubes na França?

– Alguns, mas são limitados a certas classes sociais.

– Aqui temos até o clube dos ferroviários e dos funcionários do correio.

– Mas então – disse Maigret espantado –, para que servem todos esses bares?

Harry Cole bebia seu uísque duplo como se fosse um ritual.

– Primeiro, servem de terreno neutro. Nem sempre temos vontade de encontrar pessoas da nossa categoria.

– Um momento. E me interrompa se estiver errado. Você quer dizer que não temos sempre vontade de nos comportarmos da maneira como somos obrigados com as pessoas da *nossa* categoria? Eu suponho que se cairmos bêbados debaixo da mesa aqui isso não será visto com bons olhos?

– É isso mesmo. É melhor ir ao Penguin Bar ou a outro lugar.

– Entendi.

– Há também aqueles que não pertencem a nenhuma categoria, isto é, a nenhum clube.

– Coitados!

– Não se trata apenas daqueles que não têm dinheiro, mas daqueles que não se dobram aos usos e costumes de uma determinada classe. Por exemplo: em Tucson, que é uma cidade de passagem, há um clube que reúne aqueles que são de origem

mexicana, mas que estão enraizados nos Estados Unidos há várias gerações. No entanto, as pessoas que falam espanhol são malvistas lá. Aqueles que ainda falam espanhol, ou que falam inglês com sotaque, frequentam outro clube que aceita os recém-chegados. *Have a drink*, comissário!

O ambiente e o serviço do clube eram de um restaurante de luxo em Paris, e um xerife comia lá quase todos os dias.

– Diga-me, os soldados da base também têm seu próprio clube?

– Vários.

– E se quiserem se comportar de certo modo eles também são obrigados a frequentar os bares?

– É isso mesmo.

– Nosso amigo Julius está começando a entender – comentou Cole, que comia com apetite.

– Muitas coisas continuam sendo um mistério para mim.

Em cima da mesa havia uma garrafa de vinho, um vinho francês que O'Rourke tivera a gentileza de pedir sem dizer nada. Esse homem gordo, de aspecto pouco refinado, não era isento de delicadezas, muito pelo contrário, e quanto mais a noite avançava, mais Maigret simpatizava com ele.

– Você se incomoda se eu falar do inquérito?

– É para isso que estou aqui.

Tudo havia sido combinado antes. Teria O'Rourke pedido a Cole para apresentá-lo ao colega?

– Se entendi bem, sua posição aqui corresponde àquela que ocupo em Paris. O xerife, que está acima de você, corresponde mais ou menos ao diretor da Polícia Judiciária.

– Com a diferença que é eleito.

– O defensor público, por sua vez, representa o procurador da República. E os xerifes suplentes, que estão sob suas ordens, equivalem aos meus sargentos e detetives.

– Acho que é mais ou menos isso.

– Observei que você soprava a maioria das perguntas para o defensor público. Sem dúvida, também foi você que impediu que se

fizessem outras perguntas às testemunhas?

- Isso mesmo.
- Você havia interrogado essas testemunhas antes?
- A maioria.
- E fez *todas* as perguntas?
- Fiz o melhor que pude.
- Como é a família do cabo Van Fleet?
- Pinky? Seus pais são grandes fazendeiros no Meio-Oeste.
- Por que se alistou no exército?
- Seu pai queria que trabalhasse com ele na fazenda. Ele

aceitou a contragosto até dois anos atrás. Um dia foi embora e se alistou.

- O’Neil?
- Seus pais são professores. São pessoas muito respeitadas.

Queriam transformá-lo num intelectual, era uma desonra quando não era o primeiro da classe. Ele também não aguentou mais.

Enquanto Van Fleet mudava do campo para a cidade, O’Neil mudava da sua cidadezinha para o campo. Trabalhou durante quase um ano no sul como catador de algodão.

- Mullins?
- Teve problemas com a polícia quando era muito jovem, foi mandado para um reformatório. Seus pais morreram quando tinha dez ou doze anos. A tia que cuidou dele devia ser uma pessoa autoritária e insuportável.

- O relatório do médico estava completo?

– Não entendi.

– Cinco homens passaram grande parte da noite bebendo com uma mulher. Essa mulher foi encontrada morta na via férrea. Ora, durante o inquérito a questão do que poderia ter acontecido entre a mulher e um ou vários desses homens não foi levantada nem uma vez.

- Não havia por quê.

– Nem no seu escritório?

– No meu escritório é outra coisa. Eu garanto que a autópsia foi a mais completa possível.

- E o resultado?

- Também!
- Quem foi?

Era como se até agora Maigret só tivesse visto do caso uma espécie de tela pintada, como a tela de fundo de um fotógrafo. Era essa tela que se colocava frente aos olhos do público, que parecia contentar-se com isso. Agora os personagens verdadeiros, com seus atos e gestos autênticos, substituíam pouco a pouco a imagem artificial.

- Não aconteceu no deserto.
- Foi na casa do músico?

Aquela ida à casa do músico intrigara Maigret desde o início.

– Em primeiro lugar, o médico descobriu que Bessy teve relações sexuais com um homem naquela noite, mas, segundo ele, bem antes que morresse. Você sabe que num caso desses é possível fazer um teste muito parecido a uma análise de sangue e às vezes determinar se foi com esse ou aquele homem que a mulher teve relações sexuais. O primeiro com quem conversei a respeito foi Ward, que ficou vermelho como um pimentão. Não de medo, mas de ciúmes, de raiva. Ele deu um pulo e gritou: “Eu sabia!”.

- Mullins?
- Foi ele. Ele confessou imediatamente.
- Na cozinha?

– Foi premeditado. Ele havia dito para Erna Bolton que estava com uma vontade louca de transar com Bessy. Erna não gosta muito do sargento Ward, não sei por quê. Ela prometeu a Mullins: “Talvez depois, na casa do músico...”. Ela admitiu que ficara na espreita perto da cozinha. Foi ela quem avisou o casal que Ward se aproximava. Num impulso repentino, Bessy teve a presença de espírito de pegar uma garrafa de uísque e beber do gargalo.

Agora Maigret entendia melhor a atitude das testemunhas quando refletiam demoradamente antes de responder às perguntas e por que pesavam cada uma das suas palavras.

- Você acha que esses detalhes não interessam aos jurados?
- O que conta é o resultado, não é mesmo?
- E você chegaria ao mesmo resultado?

– Estou atento a isso.

– Foi por pudor que evitou qualquer assunto relacionado às questões sexuais?

No mesmo instante que fez a pergunta, Maigret lembrou das máquinas caça-níqueis do bar e achou que entendera tudo.

– Suponho que não queira dar um mau exemplo?

– É mais ou menos isso. Se é verdade o que me contaram, vocês fazem exatamente o contrário na França. Os jornais publicam todas as trapalhadas dos ministros e de todas as pessoas importantes. Porém, se um João-ninguém, um homem do povo, tiver a infelicidade de fazer a mesma coisa, vocês o prendem. Mais perguntas, comissário?

– Se tivesse tido tempo, eu as teria preparado por escrito. Erna disse que sua amiga Bessy estava apaixonada por Mullins?

– Não. Ela acha o mesmo que eu, que Bessy estava realmente apaixonada pelo sargento Ward.

– Mas tinha vontade de fazer sexo com Mullins?

– Quando bebia tinha vontade de fazer sexo com todos os homens.

– Acontecia com frequência?

– Várias vezes durante a semana. Com Ward, era um namoro. Quando ele não vinha vê-la, escrevia todos os dias, e às vezes ficava conversando com ela pelo telefone durante meia hora.

– Ela tinha esperança de casar com ele?

– Sim.

– E ele?

– É difícil dizer. Tenho certeza de que foi sincero quando respondeu às minhas perguntas. No fundo é um bom rapaz. Casou rápido, como muitos jovens casam por aqui. Conhecem uma moça, acham que estão apaixonados porque a desejam e vão atrás de uma licença de casamento.

– Notei que evitaram que a mulher dele comparecesse no tribunal.

– Para quê? Ela não está muito bem de saúde. E está com dificuldades para criar as duas crianças. Está grávida de novo, e era

isso que prendia Ward. Ele queria muito casar com Bessy, mas ao mesmo tempo não queria que sua mulher sofresse por causa disso.

Maigret não se enganara quando comparara aqueles rapagões a colegiais. Eles bancavam os durões. Eles achavam que eram durões. Um moleque da Bastilha ou da Place Pigalle teria dito, com ar de desprezo, que não passavam de meninos de coro de igreja.

– Foi você quem identificou o corpo, *chief*?

– Meus homens já o haviam feito. Bessy esteve umas quatro ou cinco vezes no meu escritório.

– Porque era prostituta?

– Você sempre usa palavras exatas demais, por isso é muito difícil responder. Por exemplo, quando trabalhava no drive-in, Bessy ganhava cerca de trinta dólares por semana. Mas o aluguel do apartamento onde morava com Erna custava sessenta dólares por mês.

– Ela complementava com outra coisa?

– Não necessariamente em dinheiro. Eles a convidavam para comer e beber. Um coquetel custa cinquenta centavos! E um uísque também.

– Há muitas mulheres como ela na cidade?

– Em níveis diferentes. Há aquelas que se levam para comer um prato de massa num drive-in e outras a quem se oferece um jantar num bom restaurante, onde pode comer até um frango.

– E Erna Bolton?

– Mitchell não tira os olhos de cima dela. Enganá-lo sairia muito caro para ela, mas tenho certeza de que acabará casando com ela um dia desses. Não são dois santinhos, mas também não são pessoas más.

– O sargento Mitchell ficou sabendo que a irmã e Mullins tiveram relações sexuais na cozinha?

– Erna o chamou para um canto e contou para ele.

– Qual foi sua reação?

O'Rourke começou a rir.

– Eu não estava lá, comissário. Eu só sei o que ele me contou. Você sabia que ele era seu tutor e que levava isso a sério?

– Deixando que a irmã fosse para a cama com todos os homens que a agradavam?

– O que você queria que ele fizesse? Ele não podia tomar conta dela 24 horas por dia. Ela precisava ganhar a vida e não tinha instrução suficiente para trabalhar num escritório. Ele tentou arranjar um trabalho para ela como vendedora num shopping, mas ela só ficou um dia porque ficava conversando com os clientes e errava nas contas. Para Mitchell, Ward não passava de uma relação passageira, e talvez até acabasse casando com ela. Mullins teria sido um partido melhor porque era solteiro.

Foi a vez de Maigret rir. A fisionomia das personagens mudava a olhos vistos à medida que as revelações de O'Rourke eram feitas.

Haviam trazido uma garrafa de conhaque, que O'Rourke serviu com orgulho para seu hóspede, porque a garrafa era numerada. Como ouvira dizer que era preciso decantar o conhaque antes de bebê-lo, O'Rourke segurava seu copo na concha da mão gorducha religiosamente.

– À sua saúde!

O que mais surpreendia Maigret não era essa condescendência de homens como seu colega, ou como Harry Cole, que levavam seu prisioneiro para almoçar num bom restaurante. Essa condescendência também era corrente no Quai des Orfèvres. Em Paris, havia um certo grupo de rapazes de má índole que Maigret conhecia de cor e com quem costumava cruzar de vez em quando e aos quais costumava dizer:

– Você foi longe demais de novo, rapaz. Vou ser obrigado a prendê-lo. Refletir na prisão durante alguns meses fará muito bem a você.

Mas o que mais o espantava era a atitude dos jurados. Por exemplo, quando as testemunhas haviam descrito a bebedeira daquela noite e citado a quantidade de rodadas que haviam consumido, ninguém sequer pestanejara.

Aquelas pessoas pareciam entender que há de tudo neste mundo e que uma sociedade inclui, fatalmente, uma certa porcentagem de detritos.

No topo, estavam os grandes gângsteres, que eram quase indispensáveis porque, graças a eles, era possível conseguir o que era proibido por lei.

Os gângsteres precisam de assassinos para acertarem suas contas pessoais.

Nem todos podem pertencer a um clube de uma determinada classe social. Nem todos conseguem galgar até o cume.

Há também aqueles que degradingolam. E aqueles que nasceram lá embaixo. Há os fracos, os mal-humorados, e também aqueles que se dão ares de malvados para esconder seus medos, para se convencerem de que, apesar de tudo, servem para alguma coisa.

E era tudo isso que aqueles homens escolhidos no meio do povo pareciam entender.

– Van Fleet tem uma amante?

– Você está me perguntando se ele transa de maneira mais ou menos regular com uma mulher?

– Se preferir.

– Não. É mais difícil do que pensa. Com exceção de uma Bessy ou de uma Erna Bolton, uma mulher acaba sempre casando, nesse caso. Bessy quase conseguiu. Erna vai conseguir.

– Então ele só podia contar com essas ocasiões?

– Ocasões raras, mas sim.

– E O’Neil?

– O’Neil também. Mas não posso deixar de chamar sua atenção para o fato de Ted O’Neil ser o mais tímido de todos, apesar das aparências. Ele se sente deslocado. Não se sente à vontade. Foi criado de maneira rígida. Eu me pergunto se às vezes não sente saudade da casa dos pais e do meio burguês e correto do qual foi excluído.

– Os pais não escrevem para ele?

– Eles não querem mais saber dele.

– Wo Lee?

– Quando tiver morado numa cidade onde vivem algumas centenas de chineses saberá que é melhor nem tentar entendê-los. Eu acho que Wo Lee é um bom garoto, e que sua ambição é agir

corretamente. Ele tem orgulho do seu uniforme. Acabará morrendo como um herói na próxima guerra.

Harry Cole, que se mantivera calado, olhando para os dois com um sorriso indefinível, interveio pela primeira vez:

– Eu conheço um pouco os chineses.

– O que acha dele?

– Nada! – respondeu com ironia.

A maioria das pessoas terminara de jantar, e do bar, que estava mais cheio, chegavam sons altos de vozes e copos se entrecrocando. No salão vizinho algumas pessoas jogavam cartas.

– Alguma pergunta?

– Sim. Eu só não sei muito bem como formulá-la. Eu sempre retorno ao fato de que eram cinco homens e uma mulher e que haviam bebido. Como você disse, Mullins não resistiu à tentação. Ele conseguiu o que queria. Sobram os outros três. Você não acha que um rapaz tão cheio de energia como Van Fleet e tão sólido como O’Neil também não teria desejado Bessy?

– É bem possível.

– E você não acha que ela jogou o mesmo jogo com eles que com Mullins?

– Provavelmente. Ela deve tê-los atizado, se é isso que quer dizer.

– Os chineses também têm uma certa predileção por mulheres brancas como os negros?

– Harry, responda.

– Não creio que seja por gosto. Por gosto, eles preferem suas compatriotas. Mas é uma questão de orgulho.

– Então – disse Maigret, retomando sua ideia inicial –, eles eram cinco homens e uma mulher no carro. Se não me engano, atrás, no escuro, apertados uns contra os outros, estavam O’Neil, Bessy e Wo Lee. Um momento! Comecei pelo lado errado. Você disse que Ward era ciumento. Ele conhecia a personalidade de Bessy e sabia como se comportava quando bebia. Mas foi ele quem organizou aquela noitada com os colegas.

– Entendeu agora?

– Acho que sim, mas eu queria saber se meu raciocínio também vale para os americanos.

– Ward sentia muito orgulho, ele, um homem casado, de ter uma amante, como você disse. Pode imaginar o sentimento de superioridade que devia sentir em relação aos outros?

– Ele estava disposto a correr esse risco?

– Ele não pensava no risco, mas apenas em impressioná-los. Não esqueça que a partir de um certo momento ele ficou preocupado e tentou impedir que Bessy continuasse bebendo.

– Ele me deu a impressão de sentir ciúmes apenas de Mullins.

– E você não está completamente errado. Para ele, Mullins é um homem bonito que agrada às mulheres. Ele não estava muito preocupado com os outros dois, que são mais baixos do que ele, e ainda menos com o chinês, que não passa de uma criança.

– Então você acha que não passou de uma espécie de exibicionismo?

– Ouvi dizer que em Paris e em outras cidades, na ópera ou em outros lugares, as mais altas personalidades costumam exibir orgulhosamente suas mulheres ou suas amantes em vestidos muito decotados.

– Mas você não acha que aconteceu alguma coisa no carro que fez Bessy decidir que não iria mais a Nogales?

– Há uma explicação inicial, mas não sei se é válida. Depois que Ward entrou na cozinha intempestivamente, ele ficou nervoso, mal-humorado. Obrigou Bessy a mudar de lugar e sentar no banco de trás do carro para separá-la de Mullins. Ao mesmo tempo, ela ficava separada dele. Era uma espécie de manha. Ela pode ter reagido com outra manha.

– E se algo a tivesse amedrontado?

– Uma tentativa de O’Neil ou do chinês quando eram seis no carro? Comissário, não esqueça que, com a exceção de Wo Lee, aquelas pessoas estavam bastante bêbadas.

– É por isso que seus depoimentos divergem?

– E também porque cada um se sente mais menos suspeito. Além disso, há a questão das relações de amizade. O’Neil e Van Fleet são praticamente inseparáveis, e, como deve ter observado,

seus depoimentos são quase idênticos. Wo Lee tenta contentar todo mundo porque o papel de fofoqueiro o enoja.

– Por que Ward disse que Bessy não voltou para o carro depois da primeira parada?

– Porque estava com medo. Lembre-se de que essa história o afunda até o pescoço de problemas. Ele tem mulher e filhos. Ela vai pedir o divórcio provavelmente.

– Ele afirmou que Bessy se afastou com o sargento Mullins.

– O que nos prova o contrário?

– Seus xerifes suplentes também se contradizem.

– Cada um dá seu depoimento sob juramento e diz o que acredita ser verdade.

– O investigador da Southern Pacific me deu a impressão de conhecer seu trabalho.

– É um homem de valor.

– Conley?

– Um bom homem.

– Atwater?

– Um grande imbecil.

Ele não hesitava em julgar seus subordinados daquela maneira.

– E Schmider?

– Um especialista de primeira linha.

– Você realmente espera encontrar o carro que trouxe os três homens de volta?

– Eu não ficaria espantado se estivesse parado na frente do meu escritório amanhã de manhã. Hoje à tarde descobrimos o endereço da garagem que vendeu os quatro pneus.

– É por isso que o inquérito foi adiado para amanhã?

– E também porque os jurados estarão mais descansados.

– Acha que entenderam alguma coisa?

– Eles estavam muito atentos. A essa hora é provável que se sintam um pouco perdidos. Amanhã basta apresentar algumas provas, se houver.

– E se não?

– Julgarão de acordo com suas consciências.

– Muitos culpados não ficam em liberdade com esse sistema?

– É melhor do que um inocente entre as grades, não acha?
– Por que voltou para o Penguin Bar ontem?
– Vou contar para você: Bessy morava perto dali e ia lá quase todas as noites. Eu quis fazer uma lista das pessoas com quem ela costumava se encontrar.

– A garçonete forneceu informações interessantes?
– Ela me contou que Van Fleet e O’Neil estiveram lá algumas vezes.

– Na companhia de Ward?
– Não.
– Eles chegaram a sair com Bessy?
– Não. Bessy não gostava deles.
– Mas isso não exclui a possibilidade de Bessy ter marcado um encontro com eles, não é mesmo? O’Neil teria podido falar com ela dentro do carro e pedido a ela para se livrar dos outros.

– Eu também pensei nisso.
– Ela manifestou a intenção de não continuar até Nogales, brigou com Ward de propósito, recusou-se a entrar no carro novamente e esperou pelos outros dois no deserto. Assim que chegaram em Tucson eles se separaram dos colegas, sem desconfiar que Ward e Mullins tinham a intenção de voltar lá. Ao mesmo tempo, tentaram se livrar de Wo Lee e pegaram um táxi.

– E a mataram?
– Se eu fosse você eu teria mandado examinar as roupas de baixo dos dois homens.

– Foi feito. O exame deu negativo para Van Fleet, se entendi bem o que você quis dizer. E quanto a O’Neil, era tarde demais, porque quando a pedimos ele já havia mandado a roupa para a lavanderia.

– Você acredita que Bessy foi assassinada?
– Veja bem, comissário, aqui nunca acreditamos que alguém é culpado até prova em contrário. Todo homem é considerado inocente.

Maigret respondeu, meio sério, meio brincando:

– Na França, todos são considerados culpados. O que não impede de ter sido você, eu poderia jurar que foi, quem mandou prender os cinco homens sob a acusação de incitarem menores a condutas imorais.

– Eles não a obrigaram a beber? Não admitiram isso?

– Admitiram, mas...

– Portanto, infringiram a lei, o que para mim é ótimo, porque simplifica meu trabalho de mandá-los para a prisão. Não tenho muitos homens à minha disposição. Teríamos de manter os cinco sob vigilância. Bom, parece que você sabe tanto quanto eu. Mas se tiver outras perguntas, estou à sua disposição.

– Foi imediatamente após saber da morte da irmã que Mitchell afirmou que ela tinha sido assassinada?

– Foi sua primeira reação. Não esqueça que ela transou com Mullins na cozinha e que Ward quase os surpreendeu.

– Não!

– Como assim?

– Mitchell nunca suspeitou de Ward. Pelo menos não suspeita dele agora.

– Ele disse isso a você?

– Deu a entender...

– Você sabe mais do que eu. Talvez fosse melhor ter uma conversa com ele. De qualquer forma preciso voltar ao escritório e tenho que deixá-los. Harry, você acompanha o comissário?

Maigret saiu do restaurante com Cole, cujo carro estava perto dali, como sempre.

– Onde quer ir, Julius?

– Para minha cama.

– Não acha que é hora de tomarmos uma saideira?

Não havia jeito: eles acabavam de sair de um clube onde havia um ambiente agradável e onde tinham todas as bebidas do mundo à sua disposição. Cole conhecia todo mundo. Poderiam ter bebido e conversado até não poderem mais.

Mas, mal haviam saído, Cole ficara com vontade de se acotovelar num bar anônimo.

Não seria um pouco a atração do pecado?

Por pouco Maigret não se separava do colega e voltava para o hotel, porque ele realmente estava com vontade de dormir. Mas, numa espécie de covardia, ele o seguiu e, é claro, Cole parou na frente do Penguin pouco depois.

O bar estava quase deserto naquela noite. Como sempre reinava uma semiescuridão, e a máquina luminosa tocava uma música. Perto dela, havia dois casais sentados a uma mesa: Harold Mitchell com Erna Bolton e o músico com Maggie.

Mitchell franziu o cenho quando viu o comissário entrar na companhia do oficial do FBI e começou a falar baixinho com os outros.

– Você é casado? – perguntou Maigret a Cole.

– E pai de três crianças. Eles ficaram na Nova Inglaterra. Eu só vou ficar aqui alguns meses.

Seu olhar deixou transparecer uma ponta de saudade, e ele esvaziou o copo de uma vez só.

– O que acha do clube? – perguntou Cole por sua vez.

– Eu não pensava que fosse tão luxuoso.

– Há mais luxuosos ainda. O Country Clube, por exemplo, tem um campo de golfe, várias quadras de tênis e uma piscina magnífica.

Cole, que dera o sinal para o barman encher seu copo novamente, continuou:

– Lá se come melhor e mais barato do que nos restaurantes.

Tudo é da melhor qualidade. Só que... você tem que admitir que é... não temos uma palavra para isso. Acho que em francês vocês dizem *emmerdant*, certo?

Que gente mais engraçada! Eles se impunham regras rigorosíssimas. E se aplicavam em seguir essas regras conscientemente tantas horas por dia, ou tantos dias por semana, ou tantas semanas por ano.

Não sentiriam necessidade de escapar delas de vez em quando?

Foi muito mais tarde, quando o bar estava prestes a fechar, que Cole, que bebera muito e que aquela noite estava agressivo somente contra sua própria pessoa, contou seu segredo:

– Olhe, Julius, para que o mundo funcione é preciso que as pessoas vivam de um certo modo. Temos casas confortáveis, aparelhos elétricos, carros de luxo, uma mulher bem-vestida que lhe dá crianças bonitas e as mantém asseadas. Fazemos parte da paróquia e somos sócios do nosso clube. Ganhamos dinheiro e trabalhamos para ganhar mais a cada ano. Não é assim no mundo todo?

– Talvez seja mais perfeito no seu país.

– Porque somos mais ricos. No nosso país alguns pobres têm carro. Quase todos negros que catam algodão têm um carro velho. Reduzimos o lixo ao mínimo. Julius, nós somos um grande povo.

E Maigret respondeu, apenas por educação:

– Não tenho a menor dúvida.

– Mas nem por isso não há momentos em que a casa confortável, a esposa sorridente, as crianças asseadas, o carro, o clube, o escritório, a conta no banco não são suficientes. Isso acontece no seu país também?

– Eu acho que acontece com toda a humanidade.

– Então, Julius, eu vou dar minha receita para você, aquela que algumas milhares de pessoas conhecem e praticam. A gente entra num bar como este, pode ser qualquer um, porque todos são idênticos. O barman o chama pelo primeiro nome ou por outro nome se não o conhece, não importa. Ele empurra um copo na sua frente e o enche cada vez que percebe que está vazio.

“Num dado momento, alguém que você não conhece dá um tapinha no seu ombro e começa a contar sua história. Na maioria das vezes ele mostra a fotografia da esposa e dos filhos e acaba confessando que não vale nada.

“Às vezes um cara, amargurado pelas doses de uísque, olha para você de lado e sem nenhum motivo aparente lhe dá um soco na cara.

“Mas não faz mal. De qualquer forma, à uma da manhã acabam botando você para fora porque é a lei e a lei será sempre a lei.

“A gente tenta voltar para casa sem derrubar os postes porque corremos o risco de sermos presos se dirigirmos embriagados.

“No dia seguinte, usamos o recurso da garrafinha azul, que você conhece. Damos alguns bons arrotos que fedem a uísque. Um banho quente, seguido de uma ducha gelada, e o mundo volta a ser limpo e novo, e ficamos felizes de encontrar a casa em ordem, as ruas limpas, o carro silencioso, e o escritório com ar-condicionado. Julius, a vida é bela!”

Maigret observava os dois casais sentados no canto, perto da máquina de música, que olhavam para eles.

Em resumo, Bessy morrera para que a vida fosse bela!

CAPÍTULO VIII

A INTERVENÇÃO DO JURADO NEGRO

OS CINCO ESTAVAM ALI, na varanda do primeiro andar, vestidos com o uniforme azul da prisão. De tanto ser lavado, o tecido era do mesmo azul que as redes de sardinhas, do mesmo azul que o céu que se encontrava todas as manhãs, tão puro.

Na sombra, no canto mais afastado, um pouco do frescor da noite e da madrugada ainda subsistia; porém, assim que se cruzava a linha de luz, ondas de fogo cozinhavam a pele.

Mais tarde, quando o sol estivesse no seu apogeu no céu, um dos cinco homens talvez fosse acusado de homicídio ou assassinato.

Estariam pensando nisso? E aqueles que sabiam que eram inocentes estariam se perguntando qual deles havia cometido o crime? Ou sabiam quem era e se calavam por coleguismo ou solidariedade entre o grupo?

O que chamava a atenção era o seu isolamento.

Os cinco pertenciam à mesma base, à mesma unidade. Eles haviam saído, bebido e se divertido juntos, e todos se chamavam pelo primeiro nome.

No entanto, desde a primeira vez que haviam comparecido na frente do *coroner*, biombos invisíveis haviam se erguido entre eles, e já não se conheciam mais.

Na maioria das vezes, evitavam olhar um para o outro e, quando o faziam sem querer, o olhar era sério, pesado, carregado de suspeitas ou rancor.

Acontecia de esbarrarem um no outro, de estarem colados lado a lado, sem que se criasse um contato entre eles.

Contudo, entre aqueles homens existiam laços que Maigret adivinhara desde o primeiro dia e começava a entender melhor.

Por exemplo, eles haviam se dividido em dois grupos diferentes não apenas quando saíam, mas no quartel também.

Um dos grupos era formado pelo sargento Ward e por Dan Mullins. Os dois eram os mais velhos, gostaríamos de dizer os adultos, e ao lado deles, os outros três, que pareciam calouros, formavam o grupo dos pequenos.

Como os novos alunos de um ano escolar que começa, aqueles três ainda tinham algo de desajeitado, de indeciso, e percebia-se nos seus olhos um misto de admiração e de inveja pelos mais velhos.

Contudo, era entre Ward e Mullins que o muro era mais espesso, mais impenetrável. Como Ward poderia esquecer que Mullins possuía Bessy quase debaixo dos seus olhos na cozinha do músico e que, certamente, aquele fora o último abraço que ela recebera?

Ele pagara caro para possuí-la. Prometera divorciar-se, o que significava que ficaria afastado das crianças. Apostara tudo naquela rodada, enquanto seu colega só precisara acariciá-la com aquele seu olhar dengoso.

Não teria suspeitas mais graves contra Dan? Não seria o caso de acreditar que quando mencionara que uma droga lhe havia sido administrada sem que o soubesse, que o fizera de boa-fé?

Adormecera de repente, e seu orgulho de bebedor o impedia de admitir que fora por culpa do álcool. Ele não sabia quanto tempo dormira. Maigret havia feito uma observação divertida a esse respeito. Cada vez que o *coroner* ou o defensor público pediam informações exatas sobre a hora, os homens sempre respondiam:

– Eu não tinha relógio.

Isso o lembrara do seu serviço militar, da época em que os soldados recebiam um soldo por dia e quando, depois de algumas semanas, todos os relógios do regimento acabavam no penhor.

Como Ward poderia provar que Mullins ficara com ele no carro?

Maigret perguntara a Cole, porque ele era especialista no assunto:

– O músico não poderia ter cigarros de maconha na casa dele?

– Em primeiro lugar, tenho quase certeza de que não tinha. Em segundo lugar, a droga não teria feito Ward mergulhar naquele sono tão profundo como ele descreveu. Muito pelo contrário, ele teria sentido uma energia anormal.

Mullins, por sua vez, não desconfiaria que Ward teria aproveitado o fato de estar dormindo para dar uma escapada até a linha do trem?

Mesmo assim, nunca se surpreendia um olhar de ódio ou desaprovação entre eles. Parecia que cada um tentava, obstinadamente, a testa franzida e séria, encontrar a solução para o problema.

Van Fleet era o mais nervoso do grupo dos pequenos. Naquela manhã, seus olhos eram de uma pessoa que dormira mal ou que chorara durante muito tempo.

Seu olhar estava imóvel, ansioso. Parecia pressentir um desastre iminente, e suas unhas estavam roídas até o dedo. Ele ainda as roía quando estava distraído, mas parava imediatamente quando percebia o que estava fazendo e mudava de atitude.

O’Neil, cabeçudo e emburrado, continuava parecendo o bom aluno punido injustamente, e era o único dos cinco que usava um uniforme de prisioneiro grande demais para ele, deselegante.

Quanto ao chinês, havia algo de tão puro no seu olhar, naquele rosto com as feições malformadas, que dava vontade de tratá-lo como uma criança.

– Último dia! – sussurrou uma voz tão alegre no ouvido de Maigret que ele se assustou.

Era um dos jurados, o mais velho, que parecia o esboço de uma gravura. Seus olhos contornados por mil rugas de traços finos borbulhavam tanto de malícia como de bondade. Ele observara Maigret, tão assíduo, tão atento, percebera seu entusiasmo, e devia pensar que ele estaria decepcionado porque o inquérito acabaria logo.

– Sim, último dia.

Será que o velhinho, que não parecia nada preocupado, já chegara a uma conclusão sobre o caso? Van Fleet, que estava bem perto deles e ouvira o que ele dissera, recomeçou a roer as unhas,

enquanto o sargento Ward fixava seu olhar sombrio em cima daquele homem gordo com sotaque estrangeiro que, Deus sabe por que, se interessava por ele.

Todos estavam recém-barbeados. Ward até cortara o cabelo, que estava aparado e mais curto do que de costume na nuca e em volta das orelhas, de forma que a pele, muito branca nesses pontos, contrastava com o resto da pele bronzeada.

Algo anormal estava acontecendo. Eram 10h20 e Ezequiel ainda não convocara os jurados para dar início à sessão.

Ezequiel não estava na galeria, mas lá embaixo, na sombra, perto do gramado, parado na frente de uma porta fechada, fumando seu cachimbo.

Ninguém vira o *coroner*, nem o defensor público, nem O'Rourke, que, geralmente, iam e vinham pelos corredores.

A partir das nove e meia, os frequentadores habituais começaram a entrar na sala e sentar nos seus lugares. Depois foram saindo e deixando o chapéu ou qualquer outro objeto para marcar seus lugares. Todos olhavam para Ezequiel lá de cima. Alguns desceram para beber uma Coca-Cola. A mulher negra com o bebê disse alguma coisa para Maigret, que se limitou a sorrir porque não entendera o que ela queria e a cutucar de leve o queixo da criança com um dedo.

Ele também desceu, viu que havia uma reunião no escritório do *coroner* e reconheceu O'Rourke, que estava falando no telefone.

Enfiou cinco centavos na máquina vermelha e bebeu sua primeira Coca-Cola da manhã, da garrafa. Lá debaixo continuou observando os cinco homens debruçados na balaustrada do primeiro andar.

Então, tirou um pedaço de papel da carteira e rabiscou algumas palavras. Debaixo das arcadas havia um jornaleiro que vendia cartões-postais. Ele também vendia envelopes, e Maigret comprou um, enfiou o papel dentro dele, fechou-o e escreveu o nome de O'Rourke.

Pouco a pouco se sentia aumentar a impaciência junto com uma certa inquietação. Todos acabaram descobrindo a porta pela

qual os oficiais haviam entrado, e às vezes viam um dos xerifes suplentes sair por ela e entrar correndo em outro escritório.

De repente, um carro de cor clara parou na frente da colunata. Um homem pequeno e atarracado saltou do carro, atravessou o pátio e dirigiu-se para o escritório do xerife. Devia estar sendo esperado, porque O'Rourke veio correndo ao seu encontro, levou-o com ele, e a porta se fechou atrás dos dois homens.

Faltavam cinco minutos para as dez quando, finalmente, Ezequiel, depois de uma última baforada no cachimbo, gritou seu tradicional:

– Jurados!

Todos voltaram para seus lugares. O *coroner* experimentou várias posições da cadeira e regulou os microfones. Ezequiel mexeu um pouco nos botões do ar-condicionado e fechou as persianas.

– Angelino Potzi!

Os olhos de O'Rourke procuraram Maigret e piscaram para ele. Harold Mitchell, que estava sentado um pouco mais adiante, surpreendeu o gesto e franziu as sobrancelhas.

– O senhor vende comestíveis e fornece à base aérea?

– Forneço à cantina dos oficiais e dos suboficiais.

Potzi era de origem italiana e falava com sotaque. Enxugava o rosto sem parar, olhava em volta com curiosidade e parecia estar com muito calor porque correra para vir ao tribunal.

– O senhor não sabe nada a respeito da morte de Bessy Mitchell nem ouviu falar do inquérito?

– Não, senhor. Eu estava em Los Angeles, fui buscar mercadorias de caminhão, cheguei de lá faz uma hora. Minha mulher me disse que haviam telefonado várias vezes durante a noite perguntando se eu já voltara. Logo depois, quando ia tomar um banho de chuveiro e me deitar, chegou um homem do xerife.

– O que fez a partir da manhã do dia 28 de julho?

– Quando deixei a base onde fui pegar os pedidos...

– Um momento. Onde passou a noite entre o dia 27 e o dia 28?

– Em Nogales, do lado mexicano. Eu acabara de comprar dois caminhões de melões e um de legumes. Meus fornecedores e eu passamos uma parte da noite juntos como sempre.

- Beberam muito?
- Não muito. Jogamos pôquer.
- Não aconteceu mais nada?
- Fomos beber na zona, e um carro deve ter batido no meu no estacionamento porque quando voltei uma das laterais estava amassada.
- Descreva seu carro.
- É um Pontiac creme que comprei de segunda mão há mais ou menos uma semana.
- O senhor sabia que os pneus haviam sido comprados a crédito?
- Não. Eu costumo comprar e vender carros com frequência. Nem tanto pelo lucro, mas para prestar um serviço.
- A que horas retomou a estrada para Tucson?
- Deviam ser mais ou menos três da manhã quando passei pela grade. Conversei um instante com o agente da imigração, que me conhece muito bem.
- Ele mantivera o hábito europeu de gesticular enquanto falava e não parava de olhar para as pessoas à sua volta, como se ainda não compreendesse o que queriam dele.
- Estava sozinho no carro?
- Sim, senhor. Quando me aproximei da base aérea de Tucson, vi alguém que me fazia sinal para parar. Achei que o homem estava pedindo uma carona e lamentei que não tivesse aparecido antes, porque assim eu teria uma companhia.
- Que horas eram?
- Eu não ia muito rápido. Devia ser um pouco mais de quatro.
- Já amanhecera?
- Ainda não. Mas a noite já clareara.
- Vire-se e mostre qual daqueles homens o parou.
- Potzi não hesitou.
- Foi o chinês!
- Ele estava sozinho na beira da estrada?
- Sim, senhor.
- Como estava vestido?
- Acho que usava uma camisa cor de malva ou roxa.

- O senhor viu outros carros que vinham de Nogales?
 - Vi, sim, senhor, uns três quilômetros depois, mais ou menos.
 - E na direção de Nogales?
 - Vi, sim, senhor. Um Chevrolet estava parado no acostamento, na frente de um poste telegráfico. Os faróis estavam apagados e por um momento achei que havia sofrido um acidente, porque a dianteira estava quase encostada no poste.
 - O senhor viu se havia alguém dentro do carro?
 - Estava escuro demais.
 - O que disse o cabo Wo Lee?
 - Perguntou se eu não podia parar um instante e esperar pelos seus dois colegas, disse que não iam demorar. Ele também disse que os três eram da base aérea, e eu disse que eu estava indo para lá. Pensei que os outros dois haviam se afastado da estrada para mijar.
 - O senhor esperou muito tempo?
 - Tive a impressão de que estavam demorando muito.
 - Quantos minutos mais ou menos?
 - Três ou quatro, talvez. O cabo colocou as mãos em concha na frente da boca, na direção da linha do trem, e chamou-os pelo nome.
 - O senhor conseguia ver a linha do trem?
 - Não, mas eu conheço a estrada e sei por onde passa.
 - Wo Lee não se afastou dali?
 - Não. Achei que se os amigos não chegassem logo ele acabaria indo embora sozinho.
 - Ele permaneceu dentro do carro?
 - Do lado de fora, apoiado na lateral dianteira.
 - A mesma lateral que foi amassada em Nogales?
 - Sim, senhor.
- Maigret entendeu. Os policiais deviam ter encontrado vestígios de pintura na estrada e por isso haviam perguntado aos três homens se o carro que os trouxera de volta para a base tinha sinais de ter sofrido um acidente.
- O que aconteceu depois?
 - Nada. Os outros dois chegaram. Ouvi seus passos.

– Os passos vinham da direção da estrada?

– Sim, senhor.

– O que foi que disseram?

– Nada. Entraram no carro imediatamente.

– Sentaram atrás?

– Um deles sentou ao lado do chinês. O outro do meu lado.

Potzi voltou-se e, sem que lhe pedissem, apontou o dedo para O'Neil.

– Aquele estava na frente.

– Ele disse alguma coisa para o senhor?

– Não. Seu rosto estava muito vermelho e ele estava ofegante.

Achei que estava bêbado, que talvez tivesse acabado de vomitar.

– Ele não se falaram?

– Não. Para dizer a verdade, falei sozinho.

– Até a base?

– Sim, senhor. Eu os deixei no primeiro pátio, logo depois do aramado. Acho que o único que me agradeceu foi o chinês.

– O senhor encontrou alguma coisa no seu carro depois?

– Não, senhor. Terminei o que tinha que fazer e voltei para casa. Costumo passar muitas noites acordado. O motorista veio me buscar com um dos caminhões e partimos para Los Angeles. Saímos de lá ontem, ao meio-dia. Não li os jornais porque estava muito ocupado.

– Alguma pergunta, membros do júri?

Todos balançaram a cabeça negativamente e Potzi, depois de pegar o chapéu de palha que colocara no chão, começou a sair da sala.

– Um momento. Por favor, poderia ficar mais um pouco à disposição da corte?

Como todos os lugares estavam ocupados, Potzi ficou em pé na soleira da porta. E, como sempre, Ezequiel ficou uma fera quando acendeu um cigarro.

No instante em que O'Rourke finalmente se levantou, o velho negro do júri levantou o braço, como na escola.

– Eu gostaria que perguntassem a cada um dos cinco homens, sob juramento, quando viram Bessy Mitchell pela última vez, viva

ou morta.

Maigret estremeceu e olhou para o jurado com uma mistura de espanto e admiração. Enquanto O'Rourke sentava novamente, virou-se para Maigret e lançou-lhe um olhar que significava: "O velho não é bobo".

O *coroner* era o único que parecia chateado.

– Sargento Ward! – chamou.

Quando o sargento estava sentado na frente do microfone, disse:

– O senhor ouviu a pergunta do jurado. Lembro que está depondo sob juramento. Quando viu Bessy pela última vez, viva ou morta?

– No dia 28 de julho, de tarde. O sr. O'Rourke me levou até o Instituto Médico Legal para reconhecer o corpo.

– Antes disso, quando a viu pela última vez?

– Quando saltou do carro com o sargento Mullins.

– Durante a primeira parada, do lado direito da estrada?

– Sim, senhor.

– O senhor a viu depois, quando saiu do carro para procurá-la?

– Não, senhor.

O jurado negro fez sinal que estava satisfeito.

– Sargento Mullins! Vou fazer a mesma pergunta e a mesma observação. Quando viu Bessy pela última vez?

– Quando ela saltou do carro com Ward e eles se afastaram na escuridão.

– Durante a primeira parada?

– Não, senhor. A segunda.

– Ou seja, quando o carro já estava indo na direção de Tucson?

– Sim, senhor. Depois não a vi mais.

– Cabo Van Fleet.

Este parecia estar no ponto. Por uma razão ou outra, começava a perder o controle dos nervos, e um pequeno choque seria suficiente para que desmoronasse. Parecia confuso, mexia os dedos sem parar, não sabia para onde olhar.

– O senhor ouviu a pergunta?

O'Rourke se debruçara sobre o defensor público, que disse:

– Eu quero enfatizar que o senhor está depondo sob juramento e lembrá-lo de que o perjúrio é um crime federal e que o senhor pode ser condenado a até dez anos de prisão.

Foi tão penoso como ver um gato ferido perseguido por crianças excitadas. Pela primeira vez sentia-se realmente o drama. Neste exato momento, o bebê da mulher negra começou a chorar. Impaciente, o *coroner* franziu as sobrancelhas. A mãe tentou fazer calar a criança, em vão. Van Fleet abriu a boca duas vezes para falar, e por duas vezes o bebê começou a chorar mais alto, até que a mãe decidiu, contra sua vontade, sair da sala.

Então Pinky abriu a boca mais uma vez, mas a boca ficou aberta sem emitir um único som. O silêncio pareceu tão longo como os três minutos de espera de Potzi na rodovia. Dava vontade de ajudar o cabo, soprar uma resposta, pedir ao *coroner* que parasse com aquela tortura.

Mais uma vez, O'Rourke se debruçou sobre o defensor público, que se levantou, caminhou em linha reta até o banco das testemunhas e começou a agitar a caneta como um professor numa sala de aula.

– O senhor ouviu o depoimento de Potzi? Além do seu colega Wo Lee, não havia mais ninguém quando ele parou na estrada. Onde estava?

– No deserto.

– Do lado da linha do trem?

– Sim.

– Em cima da linha do trem?

Pinky sacudiu a cabeça negativamente com veemência.

– Não, senhor. Juro que não coloquei os pés na linha do trem.

– Mas podia vê-la de onde estava?

Nenhuma resposta. Pinky olhava para todos os lados e para parte nenhuma. Maigret tinha a impressão de que devia estar fazendo um esforço enorme para não olhar para O'Neil.

As gotas de suor eram visíveis na sua testa e recomeçara a roer as unhas.

– O que viu na linha do trem?

Pinky continuou em silêncio, paralisado pelo pânico.

– Então, responda à primeira pergunta: quando viu Bessy, viva ou morta, pela última vez?

A angústia do Flamengo era tamanha que chegava a mexer com os nervos das pessoas, e alguns, sem dúvida, sentiam vontade de gritar: “Chega!”

– Eu disse morta ou viva! O senhor ouviu? Responda!

Nesse instante, Van Fleet se levantou e explodiu em soluços enquanto continuava a agitar a cabeça negativamente de uma maneira convulsiva.

– Não fui eu! Não fui eu!... – gritou, arfando. – Eu juro! Não fui eu!...

Ele tremia dos pés à cabeça em meio a uma crise de nervos, os dentes se entrechocavam, e seu olhar de homem perdido, que não devia enxergar nada, vagueava ao redor da sala.

O’Rourke aproximou-se dele rapidamente, segurou seu braço com firmeza e foi obrigado a apertá-lo com muita força para impedir que o garoto se jogasse no chão. Ele o conduziu até a porta e o entregou nas mãos de Gerald Conley, o xerife suplente gorducho do revólver com a coronha esculpida.

Murmurou alguma coisa baixinho e depois foi conversar com o *coroner*.

A vibração e a indecisão eram perceptíveis. O defensor público também se aproximou do *coroner*, e os três conversaram entre eles. Depois pareceram procurar alguém. Trouxeram Hans Schmider, o homem das impressões digitais, que estava no corredor e segurava um pacote na mão.

O *coroner* voltou-se para o homem negro do júri e disse baixinho:

– Se me permite, nós vamos ouvir essa testemunha antes de fazer sua pergunta aos outros dois. Aproxime-se Schmider. Diga o que descobriu esta noite.

– Fui com dois homens até a base e vasculhamos o lixo que ia ser incinerado. O lixo estava amontoado num terreno vazio, a uma certa distância dos alojamentos. Tivemos que usar lanternas elétricas. Encontramos isto.

Ele tirou da caixa um par de sapatos baixos, muito gastos, virou-os e apontou para os saltos de borracha.

– Comparei-os com as pegadas. Estes sapatos correspondem aos que deixaram as pegadas Número Dois.

– Explique-se melhor.

– Chamo as pegadas Número Um aquelas que vão, de forma aproximativa, do carro até a linha do trem e seguem mais ou menos os rastros deixados por Bessy Mitchell. As pegadas Número Dois são aquelas que começam mais adiante, na estrada para Nogales, e que terminam no mesmo ponto, na linha do trem, perto do lugar onde o corpo foi encontrado.

– O senhor conseguiu especificar de quem são esses sapatos?

– Não, senhor.

– O senhor interrogou o pessoal da base?

– Não, senhor. São quase quatro mil homens.

– Obrigado.

Antes de ir embora, Schmider deixou os sapatos em cima da mesa do defensor público.

– Cabo Wo Lee.

O chinês dirigiu-se para o banco das testemunhas e, mais uma vez, foi preciso abaixar o microfone.

– Lembre-se que está depondo sob juramento. Vou lhe fazer a mesma pergunta que fiz aos seus colegas. Quando viu Bessy pela última vez?

Dessa vez Wo Lee não hesitou. Mas, como de costume, fez uma pausa, como se estivesse traduzindo a pergunta no seu próprio idioma.

– Quando ela saiu do carro pela segunda vez.

– E depois não a viu mais?

– Não, senhor.

– Não a ouviu? – interveio o defensor público depois que O'Rourke falara com ele em voz baixa.

Desta vez ele demorou ainda mais para pensar, olhou para o teto durante um instante, abriu seus cílios compridos de menina que descortinaram dois olhos puros.

– Não tenho certeza, senhor.

Seu olhar procurou imediatamente O'Neil, e ele pareceu querer se desculpar.

– O que quer dizer com isso exatamente?

– Ouvi um barulho, como se pessoas estivessem discutindo e mexendo nos arbustos.

– Quando?

– Talvez uns dez minutos antes da chegada do carro.

– O senhor está falando do carro de Potzi?

– Sim, senhor.

– O senhor estava na estrada?

– Eu nunca saí de lá.

– Havia mandado o táxi de volta há muito tempo?

– Há uma meia hora, talvez.

– Onde estavam seu colegas?

– Como eu já disse, depois que deixamos o táxi, caminhamos juntos na direção de Nogales. Acho que nos enganamos de lugar e que paramos muito perto do campo de aviação. Depois de um momento, demos meia-volta e nos separamos. Eu continuei caminhando pela estrada. Ouvi Van Fleet, que estava a uns vinte metros, no deserto, e O'Neil, que estava mais longe.

– Na altura da linha do trem?

– Mais ou menos. Num dado momento ouvi um barulho.

– O senhor reconheceu uma voz de mulher?

– Não sei.

– O barulho durou muito tempo?

– Não, senhor, foi rápido.

– O senhor não ouviu nem a voz de Van Fleet nem de O'Neil?

– Acho que ouvi, sim, senhor.

– De qual dos dois?

– De O'Neil.

– O que ele estava dizendo?

– Foi meio confuso. Acho que ele estava chamando por Van Fleet.

– Ele disse esse nome?

– Não, senhor. Ele dizia Pinky, que era como costumava chamá-lo. Alguém começou a correr. Parecia que alguém continuava

falando baixinho. Foi então que vi um carro que vinha de Nogales e corri até a estrada para fazer sinal para parar.

- O senhor sabia que seus colegas viriam ao seu encontro?
- Eu achava que viriam quando ouvissem o carro parar.
- Alguma pergunta, defensor público?

O defensor público balançou a cabeça negativamente.

- Membros do júri?
- Eles também negaram.
- Recesso!

CAPÍTULO IX

A GARRAFA DE BOLSO DO SARGENTO

MAIGRET TENTOU, EM VÃO, falar com O'Rourke no corredor. Muito ocupado, este passou rapidamente e trancou-se num escritório, que devia ser o seu, no andar térreo. A janela estava aberta por causa do calor, e podia-se ver um desfile ininterrupto de pessoas durante todo o tempo que durou o recesso.

Pinky estava lá, sentado numa cadeira ao lado dos arquivos de aço verdes; haviam dado uma bebida para ele para que se recuperasse.

O'Rourke e um dos seus homens conversavam com ele gentilmente, como se estivessem entre colegas, e o cabo sorriu sem graça umas duas ou três vezes.

A mulher negra continuava indo e vindo pelo corredor com o bebê nos braços, seus irmãos e suas irmãs formando um cortejo atrás dela, e, quando chamaram os jurados, ela foi a primeira a sentar-se.

No final, o processo todo era quase idêntico aos da França, com a pequena diferença de que lá os interrogatórios ocorriam nas dependências da Polícia Judiciária, a portas fechadas, e não publicamente.

Os jurados pareciam mais sérios, como se pressentissem que o momento de assumirem suas responsabilidades estava prestes a chegar.

O inquérito teria sido o mesmo sem a pergunta do jurado negro? O'Rourke teria se encarregado de conduzir a operação?

– Sargento Van Fleet.

Agora Van Fleet parecia um lutador de boxe que levou uma surra violenta nos rounds anteriores e avança para cima do

adversário para o nocaute, de forma que todos o seguiam com um olhar um pouco piedoso.

Todos sabiam que ele sabia, e todos queriam finalmente saber a verdade.

Ao mesmo tempo estavam um pouco envergonhados por causa do estado em que ele se encontrava.

O *coroner* deixou a missão de acabar com ele de uma vez por todas para o defensor público, e este se levantou novamente e aproximou-se da testemunha, caneta na mão.

– Uns dez minutos antes da chegada do carro que levou vocês três de volta para a base aconteceu um acidente na estrada e de lá se ouviu um barulho. O senhor ouviu alguma coisa?

– Sim, senhor.

– O senhor viu alguma coisa?

– Sim, senhor.

– O que aconteceu exatamente?

Percebia-se que ele decidira contar tudo. Pinky procurava as palavras; por pouco não pediu ajuda.

– Já se passara um bocado de tempo desde que Jimmy estava transando com Bessy...

Não deixava de ser curioso ouvi-lo chamar O'Neil pelo primeiro nome naquele exato momento.

– Acho que devo ter feito um barulho sem querer.

– A que distância estava do casal?

– A uns cinco ou seis metros.

– O'Neil sabia que o senhor estava ali?

– Sabia.

– Vocês haviam combinado isso?

– Sim.

– Quem comprou a garrafa de uísque de bolso? Quando?

– Pouco antes do Penguin Bar fechar.

– Junto com as outras garrafas?

– Não.

– Quem deu a sugestão?

– Nós dois.

– O senhor quer dizer O'Neil e o senhor.

- Sim, senhor.
- Qual era sua intenção quando compraram uma garrafa que podiam enfiar no bolso quando já haviam bebido a noite toda e o senhor ia dormir na casa do músico?
- Queríamos que Bessy ficasse bêbada, e o sargento Ward não a deixava beber tanto quanto ela queria.
- Naquele instante o senhor já sabia exatamente quais eram suas intenções?
- Exatamente, talvez não.
- O senhor sabia que alguém ia propor que terminassem a noite em Nogales?
- Lá ou em outro lugar, era sempre a mesma coisa.
- Em resumo, antes de deixar o Penguin, ou seja, antes da uma hora da manhã, o senhor sabia o que queria?
- Achamos que talvez houvesse uma oportunidade.
- Bessy sabia?
- Ela sabia que Jimmy passara várias vezes no Penguin procurando por ela.
- O senhor contou para Wo Lee o que pretendiam fazer?
- Não, senhor.
- Quem colocou a garrafa no bolso?
- O’Neil.
- Quem pagou por ela?
- Nós dois. Eu dei duas notas de um dólar. Ele pagou o resto.
- Já havia outra garrafa no carro.
- Não podíamos saber antes que a deixaríamos lá. Depois, a garrafa era grande, impossível de esconder.
- Quando partiram para Nogales e O’Neil sentou atrás com Bessy, ele tentou se aproveitar da situação?
- Acho que sim.
- Ele a fez beber?
- Pode ser. Não perguntei a ele.
- Se entendi direito, para vocês foi ótimo terem abandonado Bessy no deserto.
- Foi, sim, senhor.
- Vocês falaram a respeito?

- Não precisamos falar a respeito, a gente se entendia.
- Foi a partir desse momento que decidiram se livrar de Wo Lee?
- Foi, sim, senhor.
- Não pensaram na possibilidade de Ward e Mullins voltarem para o deserto?
- Não, senhor.
- O senhor achava que Bessy iria concordar?
- Ela já tinha bebido muito.
- E o senhor queria fazê-la beber ainda mais?
- Sim, senhor.

No ponto em que estava agora, ele responderia às perguntas mais incômodas.

- Por que levou quase meia hora para encontrar Bessy Mitchell?
- A gente deve ter pedido para o táxi parar muito antes. E também havíamos bebido. É difícil reconhecer um lugar determinado de noite na estrada.
- O senhor tentou se livrar de Wo Lee outra vez. Quando deu meia-volta, os dois foram caminhando pelo deserto.
- Sim, senhor.
- Estavam juntos?
- O’Neil estava à minha direita, a uns vinte metros de onde eu estava. Eu podia ouvir seus passos. De vez em quando ele assobiava baixinho para que eu soubesse onde estava.
- Bessy estava sobre a linha do trem quando a encontrou?
- Não, senhor. Bem perto.
- Estava dormindo?
- Não sei. Talvez.
- O que aconteceu exatamente?
- Eu ouvi O’Neil falar baixinho com ela e percebi que ele se deitava ao seu lado. No início ela achou que era o sargento Ward. Depois deu uma gargalhada.
- Ele ofereceu uma bebida para ela?
- Com certeza, porque ouvi o barulho da garrafa vazia quando ela caiu em cima do saibro, provavelmente no meio dos trilhos.
- O que fez enquanto isso?

– Eu me aproximei tão silenciosamente quanto era possível.
– O’Neil sabia?
– Devia saber.
– Vocês haviam combinado?
– Mais ou menos.
– Foi então que aconteceu algo que não estava previsto?
– Sim, senhor. Eu devo ter me prendido num arbusto e fiz barulho. Então, Bessy começou a se debater, ela ficou furiosa. Ela gritou que entendia tudo, que éramos uns canalhas, que achávamos que ela era uma prostituta, mas que estávamos enganados. O’Neil tentou fazê-la calar a boca, ele tinha medo que o cabo Wo Lee a ouvisse.

– O senhor se aproximou?
– Não, senhor. Eu não me mexi. Mas ela conseguia ver minha silhueta. Ela dizia palavrões, prometia contar tudo para Ward, que acabaria com a gente.

Ele falava num tom de voz monótono, o silêncio na sala era total.

– O’Neil a segurou com as duas mãos?
– Ela mandou que a soltasse e começou a se debater. Finalmente conseguiu se soltar e começou a correr.

– Pela linha do trem?
– Sim, senhor. O’Neil correu atrás dela. Ela quase não se aguentava em pé e ziguezagueava. Tropeçou várias vezes em cima dos dormentes. Caiu.

– E depois?
– O’Neil gritou: “Você está aí, Pinky?”. Eu me aproximei dele e o ouvi resmungar: “Filha da mãe!”. Ele pediu que eu fosse ver se ela tinha se machucado. Respondi que fosse ele mesmo porque eu não tinha coragem. Eu não estava me sentindo bem. Ouvi um carro que se aproximava na estrada. Wo Lee nos chamou.

– Ninguém foi verificar o estado em que Bessy se encontrava?
– O’Neil acabou indo. Ele mal se debruçou sobre ela. Estendeu a mão, mas não a tocou.

– O que disse quando voltou?
– Ele disse: “Ela nos pregou uma peça! Ela não se mexe mais”.

– O senhor concluiu que ela estava morta?
– Não sei. Eu não podia mais fazer perguntas a ele. O carro estava esperando pela gente. Dava para ver os faróis. Eu ouvia a voz do motorista.

– O senhor não se lembrou do trem?

– Não, senhor.

– O’Neil não o mencionou?

– Nós não dissemos mais nada.

– E quando chegaram na base?

– Também não. Nos deitamos em silêncio.

– Alguma pergunta, senhores do júri?

Ninguém se mexeu.

– Sargento O’Neil.

Os dois homens se cruzaram perto do banco das testemunhas e evitaram olhar um para o outro.

– Quando viu Bessy Mitchell pela última vez?

– Quando ela caiu em cima da linha do trem.

– O senhor se debruçou sobre ela?

– Sim, senhor.

– Ela estava ferida?

– Tive a impressão de ver sangue na sua testa.

– O senhor concluiu que ela estava morta?

– Não sei, senhor.

– Não pensou em levá-la para outro lugar?

– Eu não tinha tempo, senhor. O carro estava esperando.

– O senhor não se lembrou do trem?

Ele hesitou um segundo.

– Não exatamente.

– Ela estava adormecida quando o senhor a encontrou perto da linha do trem?

– Estava, sim senhor. Ela acordou quase imediatamente.

– O que o senhor fez?

– Ofereci uma bebida para ela.

– O senhor teve relações sexuais com ela?

– Comecei, senhor.

– O que interrompeu vocês?

– Ela ouviu um barulho. Quando viu a silhueta do cabo Van Fleet, ela entendeu, e começou a se debater e a gritar palavras. Fiquei com medo que Wo Lee a ouvisse. Tentei fazê-la se calar.

– O senhor bateu nela?

– Acho que não. Ela estava bêbada, me arranhava. Tentei fazer com que voltasse a si.

– O senhor tinha intenção de matá-la para que se calasse?

– Não, senhor. Ela conseguiu escapar e saiu correndo.

– O senhor reconheceu estes sapatos. São seus?

– Sim, senhor. No dia seguinte achei que poderiam encontrar pegadas na areia e joguei os sapatos fora.

– Alguma pergunta?

Quando O’Neil se afastou do banco de testemunhas, o *coroner* chamou:

– Senhor O’Rourke.

O’Rourke limitou-se a ficar em pé, sem sair do lugar.

– Não tenho nada a acrescentar – disse. – A não ser que alguém queira me fazer alguma pergunta.

Ele assumira uma expressão modesta, quase de espanto, como se não tivesse nada a ver com o que acabara de acontecer, e Maigret resmungou entre os dentes: “Ah, sua velha raposa!”.

Então, parecendo um homem exausto, o *coroner* leu um texto transferindo a responsabilidade do júri para Ezequiel, que trataria de impedir que os jurados se comunicassem com quem quer que fosse durante as deliberações.

Depois deu algumas explicações aos cinco homens e à mulher, todos desapareceram numa sala e a porta de carvalho fechou-se atrás deles.

Na galeria, via-se novamente as camisas brancas, os charutos e os cigarros, as garrafas de Coca-Cola.

– Acho que você pode ir almoçar tranquilo – disse O’Rourke para Maigret. – Ou bem me engano ou vão demorar uma ou duas horas.

– Leu meu bilhete?

– Desculpe, esqueci totalmente.

Ele tirou o envelope do bolso, abriu-o e leu uma única palavra: "O'Neil". Por um momento abandonou seu sorriso, que era sempre um pouco atrevido, para observar o colega.

– Você também percebeu que ele não fez de propósito?

Ao invés de responder, Maigret perguntou:

– O que vai acontecer com ele?

– Não sei se poderemos acusá-lo de estupro porque, pelo menos no início, a moça consentiu. Ele não bateu nela. Sobra, pelo menos contra ele, o falso testemunho.

– E por isso ele vai ser condenado a dez anos de prisão?

– Exatamente. São garotos, uns moleques, não é mesmo?

Ambos certamente pensavam em Pinky e sua crise de nervos. Os garotos não estavam longe deles, todos os cinco. O sargento Ward e Mullins se entreolhavam, como se lamentassem terem suspeitado um do outro.

Eles se reaproximariam, voltariam a ser amigos como antes? Passariam uma esponja na história da cozinha?

Ward hesitou um instante, depois acabou aceitando o cigarro que o amigo lhe oferecia, mas não falou imediatamente.

Wo Lee havia feito o que podia para responder às perguntas honestamente sem acusar os colegas. Sozinho, estava encostado numa das colunas, bebendo uma Coca-Cola que alguém buscara para ele.

Van Fleet conversava baixinho com o xerife suplente Conley, como se ainda sentisse necessidade de explicar-se, enquanto O'Neil, totalmente sozinho, o rosto hermético, lançava um olhar hostil para o pátio onde os jatos de água regavam a grama.

"Moleques!", dissera O'Rourke, pronto para recomeçar, feliz da vida, um novo inquérito.

Como se não soubesse como sair dessa situação, perguntou a Maigret:

– Vamos tomar algo rapidinho?

O que impedia os dois de retomarem sua cordialidade e o bom humor do dia anterior? Eles foram até o bar da esquina, onde encontraram várias pessoas que haviam passado os dois dias

anteriores assistindo ao inquérito. Ninguém comentava o caso. Cada um bebia seu drinque sozinho.

Nas prateleiras, o sol brincava com as garrafas multicoloridas. Alguém enfiara cinco centavos na máquina de música, um ventilador zumbia por cima do bar e, lá fora, os carros passavam, ligeiros e brilhantes.

– Acontece às vezes – começou Maigret num tom de voz hesitante – de a gente se sentir apertado dentro de uma roupa comprada pronta que não cai muito bem. Às vezes até acontece que esse incômodo se torna intolerável e sentimos vontade de arrancar tudo.

Ele bebeu seu drinque de uma vez e pediu outro. Lembrou-se das confidências de Harry Cole, dos milhares, das centenas de homens em milhares de bares que afogavam conscientemente e na mesma hora a mesma nostalgia, a mesma necessidade impossível, e que, na manhã seguinte, com a ajuda de uma chuveirada e da garrafa de lavagem estomacal voltavam a ser pessoas normais sem fantasmas.

– Claro que acidentes acontecem – suspirou O'Rourke –, cortando a ponta do charuto cuidadosamente.

Se Bessy não tivesse ouvido um barulho... se não tivesse imaginado, na sua embriaguez, que a tratavam como uma mulher da rua...

Cinco homens e uma mulher... alguns velhos, um homem negro e um indígena de perna de pau... estavam reunidos sob a vigilância de Ezequiel e se esforçavam, em nome de uma sociedade consciente e organizada, para chegar a um veredicto justo.

– Já faz meia hora que estou à sua procura. Julius, quanto tempo leva para fazer as malas?

– Não sei, por quê?

– Meu colega de Los Angeles está louco para conhecê-lo.

Algumas horas atrás mataram um dos gângsteres mais famosos do Oeste no instante em que saía de uma boate em Hollywood. Meu colega tem certeza de que o caso interessará você. Daqui a uma hora sai um voo direto.

Maigret nunca mais reviu Cole, nem O'Rourke, nem os cinco homens da Força Aérea. Ele nunca soube qual foi o veredicto. Ele nem teve tempo para comprar alguns cartões-postais com uma imagem dos cactos em flor no deserto, que prometera mandar para sua mulher.

No avião, com o bloco apoiado em cima dos joelhos, escreveu:

*Minha cara sra. Maigret,
Fiz uma viagem excelente, e meus colegas daqui são muito gentis comigo. Acho que os americanos são gentis com todas as pessoas. Quanto a descrever o país para você, é bastante difícil, mas imagine que não visto um paletó há dez dias e que uso um cinto de caubói em volta da barriga. Por sorte não me deixei convencer, porque senão estaria usando botas nos pés e um chapéu de aba larga na cabeça, como nos filmes de faroeste.*

Por falar nisso, eu estou no Far West[1] e neste momento o avião sobrevoa as montanhas onde ainda se veem índios com penas na cabeça.

O que começa a me parecer irreal é nosso apartamento no Boulevard Richard-Lenoir e o pequeno café da esquina que cheira a Calvados. Daqui a duas horas vou aterrissar na terra das estrelas de cinema e...

Quando acordou, o bloco escorregara dos joelhos; uma aeromoça, tão bonita como em uma capa de revista, apertava gentilmente o cinto de segurança em volta da sua barriga.

– Los Angeles! – avisou.

Num plano inclinado, porque o avião já fazia uma curva sobre a asa, ele viu uma extensão imensa de casas brancas entre colinas verdes, à beira-mar.

O que estava fazendo ali?

Tucson (Arizona), 30 de julho de 1949

[1] Jogo de palavras do autor: Far West corresponde literalmente a oeste distante. (N.T.)

SOBRE O AUTOR

GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu na cidade belga de Liège, em 12 de fevereiro de 1903, filho de Desiré Simenon, contador de uma companhia de seguros, e Henriette. A família era católica, e o comparecimento a rituais da Igreja foi uma constante na infância do autor. Christian, filho mais novo do casal, era o preferido de Henriette, enquanto Georges venerava o pai, um homem paciente que não desperdiçava palavras. Era adolescente quando Liège foi ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda na juventude do autor, seu pai adoeceu gravemente do coração. Georges abandonou a escola e começou a trabalhar. Passou por vários empregos, até que, em janeiro de 1919, foi admitido como office boy no *Gazette de Liège*, sendo posteriormente promovido a repórter. Escreveu sob vários pseudônimos, até chegar ao nome de Georges Sim, que usaria por doze anos. Na atividade jornalística, adquiriu habilidades que muito lhe valeriam na carreira de romancista: escrever rápido e respeitar prazos. Paralelamente ao trabalho, nesse período Simenon aplicou-se no estudo de medicina forense. Também nessa época começou suas primeiras experimentações literárias e conheceu Régine Renchon, a quem apelidou de Tigy, sua futura mulher.

Seu pai morreu em 1921, e, após cumprir o serviço militar, Georges mudou-se para Paris, em 1922, onde se sustentou graças ao salário de secretário particular. Nos anos seguintes, ele se estabeleceria como autor de literatura *pulp*, além de frequentar artistas da cena francesa, como o cineasta Jean Renoir, de quem se tornou amigo, e a cantora americana Josephine Baker, de quem foi amante. Já nessa época estava em gestação aquele que se tornaria um dos mais famosos personagens da literatura ocidental, o inspetor Jules Maigret.

Entre 1929 e 1930, Simenon escreveu sob pseudônimo vários textos que prenunciavam o surgimento da série em que o comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda uma série de crimes. Os anos de 1930 e 1931 foram dedicados à redação dos romances que comporiam a série Maigret e que seriam publicados já com o nome do autor pela editora francesa Fayard a partir de 1931. *Pietr-le-Letton (O assassino sem rosto)* foi o primeiro desses romances a ser escrito, mas *Monsieur Gallet, décédé* foi o primeiro a ser publicado, obtendo sucesso imediato, como os demais livros que se seguiriam. Todo o universo e a ética de Maigret já estavam estabelecidos nos primeiros livros da série. As histórias protagonizadas pelo inspetor Maigret – parisiense, fumante de cachimbo, usando sempre um sobretudo de gola de veludo e chapéu – compõem uma categoria *sui generis* da literatura policial: o êxito junto ao público deve-se menos ao enredo e à descoberta do mistério do que ao misto de ceticismo e esperança com o qual o taciturno Maigret vê a sociedade – visão psicológica que é a principal arma desse humanista no combate contra o crime. Com o passar dos anos, a composição dos personagens secundários se tornaria mais complexa e o tom dos romances, mais filosófico.

Em 1933, já havia escrito seis romances em um estilo diferente do que praticara até então, que ele chamou de *roman dur* : romances que não necessariamente giram em torno de um crime e que se apoiam, sobretudo, na riqueza psicológica dos personagens. A essa altura a família já estava vivendo na propriedade em La Rochelle, na costa oeste da França.

Em 1945, Simenon – já com problemas de coração –, Tigy e o filho do casal, Marc, deixaram a Europa em direção à América. Lá, ele conheceu Denyse Ouimet, que se tornaria sua segunda mulher. Em 1953, nasceu Marie-Jo, a única filha do autor, que acabaria se suicidando em 1978. Em 1955, a família retornou à Europa, estabelecendo-se na Suíça.

A década que se seguiu foi turbulenta: Denyse sofreu de problemas psiquiátricos que a levaram à internação, em 1962, e, em 1964, abandonou a recém-construída residência familiar, na cidade suíça de Épalinges. Em 1970, morreu a mãe de Simenon,

com quem ele sempre tivera relações problemáticas, e nesse mesmo ano ele escreveu seu último *roman dur*, *Les Innocents*, além de *Maigret e o sumiço do sr. Charles*, o último romance protagonizado por Jules Maigret. A partir de 1973, Simenon ditou e escreveu apenas livros de memórias que, como seus textos autobiográficos, são vistos com reservas por muitos estudiosos de sua obra, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Nos últimos anos, o escritor viveu recluso, fazendo aparições públicas apenas ocasionalmente, das quais a mais famosa foi a entrevista dada ao cineasta e amigo Federico Fellini, na qual afirmou ter mantido relações com dez mil mulheres. Morreu aos 86 anos, no dia 4 de setembro de 1989, em Lausanne.

Simenon, o mais emblemático caso de proficuidade literária do século XX, é autor de mais de duzentos romances (75 dos quais protagonizados pelo inspetor Maigret), 155 contos (trinta com Maigret) e 25 textos autobiográficos. Esses números são apenas aproximados, já que vários escritos foram publicados apenas em periódicos, sob até 29 pseudônimos. Dezenas de livros seus foram adaptados para a tevê, cinema e quadrinhos, e a sua venda mundial é estimada em 1,5 bilhão de exemplares, em mais de cinquenta línguas. Atestando a sua permanência literária e a excelência de sua ficção, foi recentemente eleito o segundo melhor autor de livros de mistério pelo jornal *The Times*, somente atrás de Patricia Highsmith.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Maigret chez le coroner

Tradução: Renée Eve Levié

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Millenium Images/Latinstock

Preparação: Jó Saldanha

Revisão: Lia Cremonese

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S599m

Simenon, Georges, 1903-1989

Maigret e os colegas americanos / Georges Simenon; tradução de Renée Eve Levié. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 867)

Tradução de: Maigret chez le coroner

ISBN 978.85.254.2398-6

1. Ficção policial francesa. I. Levié, Renée Eve, 1949-. II. Título. III. Série.

10-1120. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Maigret chez le coroner © 1949 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Maigret e os colegas americanos © 2010 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br